

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

VAGNA LEILA DE SOUZA

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ADALBERTO MENDES: RESISTÊNCIA E
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL POR MEIO DA EDUCAÇÃO

CRICIÚMA – SC

2024

VAGNA LEILA DE SOUZA

**BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ADALBERTO MENDES: RESISTÊNCIA E
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL POR MEIO DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angela Cristina Di Palma Back

CRICIÚMA - SC

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

S729c Souza, Vagna Leila de.

Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes :
resistência e transformação social por meio da
educação / Vagna Leila de Souza. - 2024.
123 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo
Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Criciúma, 2024.

Orientação: Angela Cristina Di Palma Back.

1. Educação não-formal. 2. Letramento. 3.
Vulnerabilidade social. 4. Bibliotecas e comunidade.
5. Bibliotecas - Orientação às crianças. 6.
Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes - Sobral
(CE). I. Título.

CDD. 22. ed. 370.118

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

VAGNA LEILA DE SOUZA

**BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ADALBERTO MENDES: RESISTÊNCIA E
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL POR MEIO DA EDUCAÇÃO**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestra em Educação, na área de Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 17 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Angela Cristina Di Palma Back (Orientadora)
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Prof^ª. Dr^ª. Luciana de Moura Ferreira (Coorientadora)
Centro Universitário Inta (UNINTA)

Prof^ª. Dr^ª. Aline Casagrande Rosso (Professor Avaliador I)
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)

Prof^ª. Dr^ª. Janine Moreira (Professor Avaliador II)
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Dedico esta dissertação, com imensa saudade e amor, ao meu querido pai Chico e ao meu irmão Marcondes, que partiram durante esta jornada. Carrego vocês no coração, suas memórias e ensinamentos me acompanharão por toda a vida.

À minha mãe, Sônia, por sua força e dedicação incondicional, que me sustentaram nos momentos mais difíceis.

À minha filha Giovanna, cuja alegria e carinho me inspiram a seguir em frente e a nunca desistir dos meus sonhos.

E ao meu esposo Gilvan, por seu companheirismo e apoio constante, que foram essenciais para que eu pudesse alcançar esta conquista.

Este trabalho é dedicado a todos vocês, que fizeram e fazem parte da minha vida de maneira tão especial.

AGRADECIMENTOS

“Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita; e te digo: Não temas, eu te ajudarei” (Isaías 41:13).

Foi com essa fé e esperança que este trabalho foi se construindo. Uma longa trajetória marcada por percalços que foram vencidos graças ao privilégio de poder contar com múltiplos olhares e tantas mãos afetuosas, que, mesmo em meio a um misto de sentimentos se teceram esta dissertação.

Primeiramente, agradeço a Deus, o grande redentor do universo, por me conceder tantas realizações ao longo da minha vida e por guiar cada passo desta jornada.

À minha inestimável orientadora, Profa. Dra. Ângela Cristina Di Palma Back, expressei minha profunda gratidão pela atenção, compreensão e confiança depositadas em mim durante todo o processo. Obrigada por me orientar com tanta sabedoria e competência.

Com carinho especial, agradeço à minha coorientadora, Profa. Dra. Luciana de Moura Ferreira, pelo acolhimento, respeito e incansável disponibilidade em me ajudar. Sua confiança no meu potencial e suas palavras de incentivo e encorajamento foram fundamentais para que eu mantivesse a motivação, e por isso, dedico a você minha eterna admiração e gratidão.

À Profa. Dra. Janine Moreira, meu sincero reconhecimento e eterna gratidão pelo gesto de acolhimento e pela disposição em aceitar fazer parte da minha banca. Sua presença e colaboração foram fundamentais neste percurso.

À Profa. Dra. Aline Casagrande Rosso, minha gratidão por aceitar o convite para integrar minha banca. Seu acolhimento, apoio e valiosas contribuições foram enriquecedoras.

Ao Prof. Dr. Alex Sander da Silva, agradeço pelos valiosos ensinamentos, sugestões imprescindíveis e pela disponibilidade em participar da minha banca de qualificação. Suas contribuições enriqueceram profundamente este trabalho.

Com muito carinho e gratidão, agradeço ao Prof. Me. Roberto Pimentel Holanda, meu maior mentor e grande incentivador, sempre torcendo pelo meu sucesso e felicidade. Você continuará sendo o meu exemplo maior.

Ao Prof. Dr. Maurício de Souza, minha gratidão por ter sido a primeira pessoa a ler meu projeto e por seus valiosos aportes, que foram fundamentais para que eu pudesse submetê-lo.

À querida Profa. Dra. Michelle Ferreira Maia (em memória), minha gratidão eterna por seus preciosos conselhos e pela calma que trouxe ao início desta caminhada.

À Profa. Me. Bruna Clézia Madeira Neri, agradeço pela atenção e pela competência com que me auxiliou no Comitê de Ética, sempre disponível e prestativa.

Agradeço à Profa. Liana Liberato pela generosidade nas trocas de ideias, pelas sugestões de leituras que enriqueceram minha pesquisa e por estar sempre disponível para tirar dúvidas, mesmo nos breves encontros pelos corredores do trabalho. Sua atenção e o simples gesto de perguntar "Como está a pesquisa?" foi um cuidado que fez toda a diferença ao longo desta jornada.

Às minhas queridas amigas, Nivalda e Aurinete, minha sincera gratidão pela convivência, pelo compartilhamento das angústias e pelo constante apoio ao longo desta jornada. Sua amizade e força foram alicerces fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos educadores sociais Renan Dias e Raiana Souza, pela receptividade, disponibilidade e suporte na condução das atividades com as crianças; suas contribuições foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Às maravilhosas crianças da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, meu mais profundo agradecimento por me proporcionarem momentos de alegria, afeto e por me ensinarem lições que vão além dos livros.

Ao Centro Universitário UNINTA, instituição que há 13 anos faz parte da minha trajetória profissional, manifesto minha profunda gratidão pela oportunidade e por ser um ambiente onde cultivei valiosas amizades, expandi saberes e construí conhecimentos essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Por fim, a todas as demais pessoas que de alguma forma estiveram presentes durante este importante percurso de minha vida, deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação investiga o papel das atividades promovidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, localizada no bairro Terrenos Novos, em Sobral, Ceará, na construção de novos significados na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. De abordagem qualitativa e caracterizada como um estudo exploratório e descritivo, a pesquisa parte do contexto das periferias brasileiras, onde a violência e a exclusão social representam desafios ao desenvolvimento psicossocial dos jovens. A pesquisa tem como objetivo geral compreender em que medida as atividades promovidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes contribuem para ressignificar a vida de crianças e adolescentes que dela fazem parte. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com educadores sociais e grupo focal com as crianças e os adolescentes participantes. O estudo fundamenta-se em autores como Freire (1996; 2005; 2010), Gohn (2006; 2010), Kleiman (2010), Machado (2010), Soares (2010), Souza (2016), dentre outros que discutem a educação na perspectiva crítica, a educação não - formal e o papel das bibliotecas comunitárias na promoção da inclusão social e no combate à vulnerabilidade. A dissertação explora como a Biblioteca Adalberto Mendes, por meio de iniciativas voltadas para a leitura, a arte e a cultura, amplia as perspectivas de mundo das crianças e dos adolescentes, fortalecendo as relações socioculturais e socioeducacionais. Ao situar a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes como um agente institucional de resistência e transformação, a pesquisa evidencia como esses espaços, mesmo em condições adversas, desempenham um papel crucial na promoção da educação e da cultura, funcionando como barreiras à vulnerabilidade social, impulsionando mudanças nas narrativas de vida dos jovens da periferia.

Palavras-chave: Educação não-formal; letramento; resistência; vulnerabilidade social.

ABSTRACT

This dissertation investigates the role of activities promoted by the Adalberto Mendes Community Library, located in the Terrenos Novos neighborhood of Sobral, Ceará, in shaping new meanings in the lives of children and adolescents experiencing social vulnerability. Using a qualitative approach and characterized as exploratory and descriptive, the research is framed within the context of Brazilian peripheries, where violence and social exclusion pose challenges to the psychosocial development of young people. The main objective of the research is to understand the extent to which the activities promoted by the Adalberto Mendes Community Library contribute to reshaping the lives of the children and adolescents who are part of it. Data collection involved semi-structured interviews with social educators and focus groups with participating children and adolescents. The study is based on authors such as Freire (1996; 2005; 2010), Gohn (2006; 2010), Kleiman (2010), Machado (2010), Soares (2010), Souza (2016), among others, who discuss critical education perspectives, non-formal education, and the role of community libraries in promoting social inclusion and addressing vulnerability. The dissertation explores how the Adalberto Mendes Library, through initiatives focused on reading, art, and culture, broadens the worldviews of children and adolescents, strengthening sociocultural and socioeducational relationships. By positioning the Adalberto Mendes Community Library as an institutional agent of resistance and transformation, the research highlights how such spaces, even under adverse conditions, play a crucial role in promoting education and culture, serving as barriers to social vulnerability while fostering changes in the life narratives of young people from the periphery.

Keywords: Non-formal education; literacy; resistance; social vulnerability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes	70
Figura 2 - Exemplo de atividades desenvolvidas na Biblioteca	75
Figura 3 - Livro produzidos pelas crianças	76
Figura 4 - Abertura do grupo focal (1º encontro)	82
Figura 5 - Material produzido pelas crianças (grupo focal – 1º encontro)	83
Figura 6 - Postagem no Instagram da Biblioteca Comunitária.....	84
Figura 7 - Explicação da atividade (grupo focal – 2º encontro)	88
Figura 8 - Escolha da palavra chave (grupo focal – 2º encontro)	88
Figura 9 - Crianças produzindo o mural (atividade do grupo focal – 2º encontro)	88
Figura 10 - Crianças produzindo o mural (atividade do grupo focal - 2º encontro).....	88
Figura 11 - Crianças produzindo o mural (atividade do grupo focal – 2º encontro).....	89
Figura 12 - Encerramento da atividade. Foto com o educador social e crianças	89
Figura 13 - Crianças produzindo seus desenhos (grupo focal - 3º encontro).....	96
Figura 14 - Meninas e o varal de desenhos (atividade desenvolvida no 3º encontro).....	97
Figura 15 - Crianças produzindo seus desenhos (grupo focal - 3º encontro)	98
Figura 16 - Criança produzindo seus desenhos (grupo focal - 3º encontro)	98
Figura 17 - Crianças produzindo seus desenhos (grupo focal - 3º encontro)	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA - Agência Municipal de Meio Ambiente
BDTU - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CEI - Centro de Educação Infantil
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa
CSF - Centro de Saúde da família
DNOCS - Departamento Nacional de Obras
EOCA - Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes
FOME - Movimento social fome
HRN - Hospital Regional Norte
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação
IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ONG - Organização Não Governamental
PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita
SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
UGP - Unidade de Gerenciamento de Prevenção à Violência
UGP - Unidade de Gerenciamento de Prevenção à Violência
UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense
UVA - Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA.....	13
1.1.	Motivações que impulsionaram a pesquisa	17
1.2.	Antecedentes: compreendendo melhor o tema em questão	20
1.3.	Organização da dissertação.....	28
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
2.1	Perspectiva crítica da educação	29
2.2	EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL, RESISTÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL	37
2.3	LINGUAGEM E LETRAMENTO: CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS .	46
3	METODOLOGIA.....	53
4	CONTEXTO DA PESQUISA/ ANÁLISES	57
4.1	Contexto da comunidade	57
4.2	Biblioteca e ações	63
4.3.	<i>Quando as crianças falam: pistas acerca de letramento, socialização e de resistência na biblioteca comunitária</i>	76
4.3.1	Primeiro encontro	78
4.3.2	Segundo encontro	84
4.3.3	Terceiro encontro	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS.....	104
	APÊNDICES	112
	Anexos	120

1 INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA

O cenário das periferias brasileiras manifesta uma diversidade de problemas e desafios com os quais os cidadãos têm que lidar cotidianamente, desafios que são ampliados ao serem observados pelas lentes da educação e o embate que esta trava contra a violência e as drogas. Nesse sentido, desde a década de 1990, emergiram iniciativas de sujeitos e organizações comunitárias que buscam a partir de seus espaços e ações serem resistentes e contribuir para ampliar as perspectivas de mundo das crianças e adolescentes (Couto, 2018).

O cotidiano das crianças e adolescentes de periferias é permeado por conflitos e vulnerabilidades, o que, conseqüentemente, compromete o desenvolvimento psicossocial desses sujeitos e por vezes os levam a reproduzir os círculos de violência e agressão que vivenciam ou mesmo a enveredar por entre as drogas e a criminalidade (Pereira, 2009).

A vulnerabilidade social que atinge grande parte das periferias brasileiras contribui para o crescimento da violência, para o aumento das desigualdades sociais e exclusão social, situações que são agravadas pela ausência do acesso à educação, arte, cultura e a bens e serviços essenciais e a exposição às mais diversas mazelas sociais. Somado a esses fatores, existem outros pontos que contribuem para agravar a vulnerabilidade social, dentre eles: a ausência de projetos educativos e sociais, tais como as bibliotecas comunitárias, central para esta investigação, e programas de incentivo à leitura, principalmente nas regiões periféricas.

Historicamente, as bibliotecas são reconhecidas como espaço de guarda, preservação e acesso ao conhecimento cultural das sociedades, logo sua função social é a promoção do acesso ao conhecimento cultural e científico produzido pela humanidade e, ao mesmo tempo, incentivar a criatividade e a produção de novos conhecimentos pelo homem (Machado, 2008).

Contudo, no Brasil, as bibliotecas encontraram dificuldades em desempenhar sua função social, seja devido às questões de ordem política, seja devido às questões sociais, ou mesmo geográficas; devido a isso encontram dificuldades em interagir com o público e mais ainda de cumprir sua missão de ser um dispositivo de acesso à informação para todas as pessoas (Alves, 2020).

Segundo Machado (2008), diante da dificuldade de as bibliotecas aproximarem-se da população e cumprirem sua missão social, tendem a perder os investimentos e

financiamentos públicos que garantem sua manutenção e expansão para as regiões periféricas, ao mesmo tempo que atendem aos interesses de grupos sociais da elite que, historicamente, tem maior facilidade de acesso a esses espaços.

Como não estão presentes nas regiões periféricas, os habitantes desses espaços tendem a não apresentar motivação ou interesse em frequentar bibliotecas, e, quando precisam de informações ou conhecimentos, vão buscá-los na escola junto aos professores, dessa forma, essa situação (a escola) contribui para o enfraquecimento da função social das bibliotecas (Suaiden,1995).

Diante da ausência de bibliotecas em espaços e regiões periféricas, as bibliotecas comunitárias emergiram e tomaram para si a função de promover e difundir o acesso ao conhecimento nas comunidades. As bibliotecas comunitárias são frequentemente criadas e geridas pela própria comunidade, e têm como objetivo atender as necessidades específicas dos seus membros; a criação desses espaços ocorre a partir da compreensão de que elas significam transformação, desenvolvimento, aprendizagem e lazer (Rosa & Fujino, 2021).

Para Figueiredo (et al, 2021), os sujeitos que frequentam as bibliotecas e participam de suas atividades, para além de ampliar sua visão de mundo, compreendem melhor seu lugar na sociedade, seus direitos e deveres, além de expandirem seus conhecimentos estando aptos a transformar suas vidas e a sociedade em que estão inseridos.

A realidade do nosso país acarreta um contexto de desigualdade social no qual pessoas em situação de vulnerabilidade, principalmente pobres e negras, sofrem com a falta de oportunidade para mudar de vida, sendo os moradores das comunidades as principais vítimas dessa segregação, desenhada desde a época da colonização (Oliveira, 2019).

Nesse cenário, por vezes controverso, grande parte das pessoas que pertencem a grupos sociais em estado de vulnerabilidade tentam construir seus próprios caminhos por meio da educação, o que possibilita transformações reais capazes de restituir sonhos e esperança, fazendo com que essas pessoas conquistem espaços nunca imaginados (Ribeiro, 2017).

Nesse sentido, mesmo sabendo que a educação é um direito fundamental de todos os indivíduos, independentemente de sua origem socioeconômica ou local de residência, conforme prevê o artigo 205 da Constituição Federal (Brasil, 1996), dados do IBGE (2020) indicam que 28,2% da população brasileira não têm acesso à educação.

Esses quase 30% da população sem acesso à educação estão localizados justamente nas áreas periféricas do país (IBGE, 2020), indicando que fatores como o nível socioeconômico e o local em que vivem são produtos da desigualdade social, o que pode explicar o distanciamento de grupos em situações desfavoráveis em relação aos demais e perpetuando a exclusão social (IBGE, 2020).

Nesta perspectiva, estudiosos como Torres, Ferreira e Gomes (2002) descrevem que o indivíduo que mora na área periférica tem menor probabilidade de concluir os estudos que outros indivíduos moradores de áreas mais centrais da cidade. Entretanto, é importante perceber que essa espacialidade específica, vista por alguns como socialmente frágil e degradante, também representa sujeitos cheios de desejos por uma sociedade melhor e que sobretudo lutam por esse lugar social de fala, promovendo a resistência.

Estudos antecedentes indicam que a educação é considerada um importante instrumento impulsionador do processo de transformação social. Deste modo, conforme explica Freitas e Marques (2023) na periferia, a educação se torna um ato de resistência, uma forma de combater a exclusão e criar oportunidades para o desenvolvimento humano, ou seja, uma educação humanizada.

Dado o contexto de enfrentamento às questões sociais, as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias se constituem como barreiras à vulnerabilidade social, pois a Arte, a Literatura, os jogos e as brincadeiras, a prática da leitura e contação de histórias, são práticas educativas que contribuem para a socialização, educação e combate à desigualdade social.

Segundo Da Silva, Geraldo e de Souza Pinto (2021), as periferias brasileiras apresentam os maiores índices de exclusão social, logo, as bibliotecas comunitárias estão majoritariamente localizadas nas periferias, pois sua atuação para além de combater a vulnerabilidade social contribui na formação dos cidadãos, na sociabilização e na promoção da inclusão social e cultural nos mais diversos níveis, e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da sociedade.

As bibliotecas comunitárias são espaços de reação da comunidade às desigualdades na difusão e acesso à informação e à cultura, sendo uma resposta ao direito humano à leitura e ao pertencimento do local que estes indivíduos ocupam, resgatando e reforçando a sua identidade cultural, e auxiliando na autoestima dessas pessoas, no momento em que se humaniza a periferia (Guedes, 2011).

No âmbito da biblioteconomia, as bibliotecas comunitárias são compreendidas como os locais criados e mantidos pela comunidade civil e para a comunidade, que tem por finalidade promover e incentivar o acesso ao livro e à leitura. Alguns desses espaços podem receber ajuda tanto da sociedade civil, quanto das organizações do Terceiro Setor que contam com leis de incentivo fiscal do Ministério da Cultura (Massoni, Kaefer, Borges, 2024).

Diante do cenário apresentado e compreendendo a educação como instrumento de transformação e resistência social, o objeto de estudo desta pesquisa tanto quanto lócus de investigação foi a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, localizada no bairro dos Terrenos Novos, na cidade de Sobral, no estado do Ceará, tem como problemática compreender as possíveis contribuições advindas da Biblioteca como agente institucional de transformação e inclusão social na promoção de novas narrativas das crianças e dos adolescentes que ali interagem.

A problemática acima sumarizada tem em conta os seguintes questionamentos: *É possível que as ações desenvolvidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes contribuam para o letramento, para desenvolvimento e fortalecimento das relações socioculturais e socioeducacionais entre as crianças e adolescentes que participam das atividades promovidas pelo espaço? Como uma biblioteca comunitária, por intermédio do incentivo à leitura, pode contribuir para a inclusão e transformação sociocultural das crianças e adolescentes do bairro de Terreno Novos, em Sobral - Ceará?*

Para responder tais perguntas analisamos as atividades da Biblioteca Adalberto Mendes como espaço de educação não formal. A Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes Pontes, é uma organização não governamental, criada e autogerida pelo Movimento Social Fome, localizada no bairro Cidade Dr. José Euclides, popularmente conhecido como Terrenos Novos, na cidade de Sobral- CE, esse território possui altos índices de vulnerabilidade social.

A criação da Biblioteca Comunitária está diretamente associada ao Movimento Social Fome, coletivo de jovens militantes moradores do bairro, que no ano de 2013 realizavam atividades culturais, tais como teatro e cineclube, nas ruas do bairro, como proposta de ocupar com Arte e Cultura o tempo ocioso das crianças e dos adolescentes, proporcionando visibilidade à juventude da periferia. Foi em meio a essas atividades, que no ano de 2015, o coletivo Movimento Social Fome deu início à história da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, que a princípio, percorria de maneira itinerante os

bairros periféricos do Município de Sobral com o objetivo de democratizar o acesso aos livros, incentivando a leitura e a cultura para crianças, adolescentes e jovens, e combatendo, por meio da Literatura, as problemáticas sociais e os conflitos territoriais.

No ano de 2019, o coletivo Movimento Social FOME recebeu a doação de uma área para sediar o projeto e dessa maneira nasceu a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes Pontes - entre Literatura e Território. No ano de 2022, a sede do projeto passou por uma ampliação, garantindo um maior espaço físico para as crianças, além disso, seu acervo também foi ampliado.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é compreender em que medida as atividades promovidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes contribuem para ressignificar a vida de crianças e adolescentes que dela fazem parte. Nessa perspectiva foram elencados os seguintes objetivos específicos:

- 1** - Analisar as ações pedagógicas da biblioteca comunitária na construção dos saberes, enquanto espaço de educação não formal, de socialização e de resistência (nas dimensões educativa, cultural e afetiva);
- 2** - Entender quais os significados atribuídos pelos participantes às experiências e às ações promovidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes;
- 3** - Investigar de que maneira as atividades promovidas na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes contribuem para o letramento das crianças e dos adolescentes que dela participam, com vistas a transformação social.

1.1. Motivações que impulsionaram a pesquisa

Os elementos decisivos que impulsionaram a escolha da temática originam-se do interesse pessoal e da relevância social do tema em estudo.

Compreender um pouco da trajetória e vivência do pesquisador proporciona um melhor entendimento a respeito da proposta a ser abordada nesta pesquisa. Logo, trazemos um recorte do transcurso da vida acadêmica e profissional que proporcionou a esta pesquisadora, que a vós se dirige, maior clareza para a escolha da temática. Para isso, passo a escrever em primeira pessoa, dando vazão, pelo menos neste momento, à minha subjetividade.

A partir das vivências profissionais e acadêmicas, sempre houve o interesse por uma pedagogia da ordem do social, sobretudo pelo poder de uma crítica com potencial transformador e que, portanto, liberta. Nesse sentido, situa-se dentro das Ciências Humanas por abordar as problemáticas sociais sob o prisma educativo. A experiência adquirida, ao trabalhar em escolas localizadas em regiões de vulnerabilidade e a realização de outros estudos com crianças da periferia, mostra como as reflexões foram me sendo apresentadas acerca dessa educação social de modo a me conduzirem para este lugar de pesquisa que ora é apresentado.

Minha primeira experiência profissional se deu ainda muito jovem, na escola da rede pública Deputado José Filomeno, no município de Acaraú – Ceará, ao desempenhar a função de Secretária Escolar. A escola Deputado José Filomeno, localizada em um bairro periférico, possibilitou-me as primeiras interações com alunos e famílias daquela comunidade.

Como membro do Conselho Escolar e responsável pelo envio dos relatórios mensais condicionantes ao acesso das famílias ao benefício do programa do Governo Federal (à época) denominado bolsa-escola, foi possível estabelecer uma certa aproximação com a realidade em que viviam essas famílias, em sua maioria em situação de vulnerabilidade social.

Muitas vezes, pude testemunhar o choro das mães que, por algum motivo constitucional ou inconsistências no sistema do governo, tinham seu cadastro ao programa cancelado, perdendo assim o direito ao recebimento do benefício, que, talvez, fosse seu único recurso (naquela realidade) capaz de contribuir para que essas famílias superassem a situação de fragilidade e de pobreza, naquela oportunidade.

Nessa conjuntura, a direção da escola, de modo a desempenhar seu papel social, desenvolvia projetos, associados aos eventos institucionais, com o objetivo de arrecadar alimentos e itens de uso pessoal para doações às famílias dos alunos em situação de vulnerabilidade social. Participar desses projetos foi significativo tanto na minha vida pessoal quanto profissional. Cabe ressaltar que essa experiência profissional foi, de certa forma, o primeiro passo em direção à aproximação com a temática.

Durante a graduação, por volta do ano de 2016, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, durante a disciplina Educação, Estado e Políticas Públicas, entrei em contato com conceitos básicos vinculados às práticas pedagógicas sociais, os quais passaram a fazer parte do meu universo construtivo, tais

como: concepções de ideologia e hegemonia cultural, solidez das crenças populares, entre outros mais.

Assim, o curso de Pedagogia me permitiu um maior entendimento acerca dos processos que envolvem uma educação que mobiliza para o desenvolvimento e para a aprendizagem em contextos significativos, atentando-se para a compreensão do papel do Estado e das políticas públicas frente à sociedade, e as questões sociais no cenário da educação.

Defrontar-me com autores que defendem uma concepção de educação transformadora, que se pretende crítica, inclusiva, humanizadora, considerando o contexto social, cujas concepções compreendem o lugar dos historicamente “oprimidos” e que sobretudo confiam na possibilidade da educação como fator de transformação social, sonhando com uma sociedade justa, democrática e igualitária (assim como eu também acredito), de certa forma me afetou. Provoca-me um desassossego em busca não só de compreender as classes populares oprimidas, mas também as sentir por meio da paixão e do encantamento, contribuindo a favor das minorias na minha caminhada enquanto profissional da educação.

Ainda na graduação, por ocasião dos Estágios Supervisionados em Movimentos Sociais e Educação Popular, que se davam em espaços não formais, realizei algumas intervenções em ONGs com crianças da periferia. Essa experiência acadêmica, além das reflexões formativas por meio da relação pedagógica teoria e prática, possibilitou-me compreender a importância do trabalho realizado nesses espaços, que oferecem oportunidades educacionais em contraturno escolar, voltadas à promoção de direitos, autonomia e reconstrução da identidade cultural de uma determinada classe. Um trabalho de grande relevância social, mas que, muitas vezes, não possui a devida visibilidade por parte dos representantes do Estado.

Foi a partir dessa vivência que identifiquei a área/linha de pesquisa que seguiria e iria desenvolver estudos e a presente pesquisa, com um olhar voltado à educação na periferia, nas comunidades que vivem em regiões caracterizadas por uma alta vulnerabilidade, contribuindo para ressignificar a prática pedagógica a favor da transformação social. Da mesma forma, é com esse olhar de igualdade e emancipação que pretendo construir minha trajetória enquanto pesquisadora, contribuindo para o fortalecimento das comunidades em situação de vulnerabilidade social, por meio da

educação e da cultura, capacitando os indivíduos a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas.

A escolha por este objeto de pesquisa também se justifica ao verificar que a área da Educação não-formal necessita de estudos que possibilitem a (auto) reflexão crítica sobre essa realidade. Com base em pesquisas, entende-se que o trabalho da educação não-formal, realizado nas comunidades, terá maior visibilidade, valorizando as potencialidades existentes nesses territórios e desmistificando a percepção estereotipada que em grande parte se tem em relação às áreas periféricas (Porto; Silva, 2023).

Um objeto de estudo surge a partir da vivência do pesquisador, sendo moldado por suas experiências, conhecimentos e dúvidas, que gradualmente orientam o processo de formulação da questão de pesquisa. De maneira semelhante, a condução da pesquisa é influenciada pelas percepções do pesquisador, que desempenham um papel importante na seleção do campo de estudo, na escolha das referências acadêmicas e na interpretação dos dados coletados (Minayo, 2002).

O olhar do pesquisador será de curiosidade para a descoberta de novos elementos, contudo, estará acompanhado de suas experiências de vida. A experiência vivenciada durante o programa de mestrado pode proporcionar uma reflexão substancialmente mais profunda do que a inicialmente planejada. Ela se apresenta como uma oportunidade para desconstruir concepções sobre o que se acreditava ser conhecido e consolidado, tudo isso por meio de interações profissionais, experiências educacionais e outros vínculos que têm sido significativos ao longo do processo de desenvolvimento pessoal (Gil, 2017).

Contudo, é essencial reconhecer que a pesquisa oferece ao pesquisador a oportunidade de avaliar sua posição na sociedade: de onde ele se coloca e quais são seus objetivos futuros. Isso permite transformar essa experiência em algo de maior significado do que inicialmente se imaginava além de contribuir para a produção de conhecimento científico (Minayo, 2002).

1.2. Antecedentes: compreendendo melhor o tema em questão

Com o propósito de compreender a complexidade da temática com a qual estamos lidando, mobilizamos alguns antecedentes com vistas a verificar como se aproximam ou se distanciam do objeto de investigação proposto.

O recorte para a escolha dos antecedentes se deu nas pesquisas que abordam o estudo da Educação nas Comunidades localizadas em regiões de vulnerabilidade social, envolvendo os conceitos de letramento e as discussões teóricas de Educação não formal. Para a escolha das pesquisas, realizamos buscas na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTU), no banco de teses da CAPES e no Acervo Digital/Base de Dados Acesso Livre da UNESCO. Portanto, a seguir, serão apresentados estudos anteriores sobre o tema em investigação.

Na dissertação *Letramentos em espaços não escolares: o movimento hip-hop em Ouro Preto*, a autora Justo (2015) investiga as práticas de letramentos próprias do universo de um segmento jovem ouro-pretano, e como o *hip-hop* contribui nos processos de leitura e escrita que configuram as identidades sociais dos jovens participantes. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo foi a observação participante nas atividades desenvolvidas pelo grupo investigado, além da realização de entrevistas com membros do coletivo. Os resultados do estudo indicaram que os eventos e práticas de letramentos de sucesso desenvolvidos nas comunidades de Ouro Preto, MG, apontam esse espaço como local de práticas de letramentos situadas, multimodais e de reexistência (Justo, 2015).

Desse modo entende-se que o objetivo de Justo (2015) vai ao encontro desta pesquisa, pois investiga as práticas de letramento realizadas em espaços não formais, o que contribui para a formação de sujeitos autônomos e comprometidos com a transformação social. A aproximação da pesquisa de Justo (2015) com nossa investigação se dá justamente quando pretendemos compreender de que forma as práticas educativas desenvolvidas pela biblioteca comunitária Adalberto Mendes contribuem para o letramento daqueles que ali interagem. Além disso, aborda as discussões sobre valorização da cultura, a educação não-formal, o que reflete a ideia de resistência e construção social.

Justo (2015) aborda a juventude a partir de uma perspectiva mais ampla, compreendendo o processo de socialização, como “construção social”. Nesse caso, os jovens são vistos a partir do mundo cotidiano, em seu caráter dinâmico, tendo a juventude não apenas como uma simples fase da vida, mas como uma passagem não-linear, sinuosa, cheia de ramificações que envolve a família, a classe social, o lugar de origem, as culturas; dimensões que fazem dessa fase uma experiência ao mesmo tempo individual e coletiva.

Assim, o autor valida a importância do estudo das culturas juvenis mediante as experiências do próprio sujeito.

Essa discussão nos ajuda a entender que a educação na periferia, como forma de resistência, não pode ser estudada de forma isolada, mas sim, em conexão com as dinâmicas sociais, políticas e econômicas, sendo fundamental valorizar a cultura local, as experiências das pessoas que vivem na comunidade e as ações desenvolvidas nos espaços educativos.

Nesse sentido, ao investigarmos a Biblioteca Comunitária, devemos ampliar nossa percepção para além do objeto, compreender o contexto do Bairro e região onde está inserida, das relações entre a comunidade e a biblioteca, assim como delinear o percurso histórico de constituição desse espaço e das relações estabelecidas entre a Biblioteca e a comunidade.

A pesquisa Juventude, tempo e movimentos sociais, de Melucci (1997), aborda as atuais tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil. O estudo dialoga com a presente pesquisa, pois apresenta uma concepção de educação popular, que se aproxima da compreensão de sujeitos sociais, que se desenvolvem e aprendem em contextos significativos, vivida como uma produção de saber dos movimentos sociais. Assim, a educação popular poderia ser percebida em sua potência instituinte, observando de que modo os sujeitos investigados organizam suas vidas por meio das ações educativas e culturais.

As discussões desenvolvidas por Melucci (1997) nos faz pensar que podemos igualmente fazer o uso desta referência ou outros teóricos da mesma linha de pensamento, visto que estamos estudando a educação para além dos muros da escola, portanto, essa abordagem dialógica, respeitando os saberes dos sujeitos, tendo como princípios a ética, a solidariedade e a transformação social, faz todo o sentido.

A dissertação de Silva (2018), que tem como título *O impacto das práticas de educação não-escolar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: estudo de caso de uma associação*, deu-se a partir das práticas em espaços não-escolares em que se passou a observar como vem sendo construídas essas práticas, envolvendo os contextos, sujeitos, e aprendizagens, com o intuito de auxiliar na consolidação de uma cultura cidadã que considere direitos e deveres, não se conformando e limitando ao conceito de educação formal. A pesquisa analisa como as práticas de

educação não-escolar podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

A pesquisa de Silva (2018) tem relevância para nosso estudo, por apresentar cenários e objetivos semelhantes aos nossos, no que diz respeito à compreensão das ações, práticas e experiências nos espaços educativos não formais. Outra contribuição importante está justamente em ter como sujeitos crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Em síntese, vale ressaltar que a autora contextualiza a desigualdade educacional entendendo-a por meio do avanço da globalização e das exigências dela advindas, que afetaram (e ainda afetam) diretamente o modo de vida da sociedade, o mercado de trabalho e as necessidades na educação, trazendo mais disparidade e dificuldade de sobrevivência a uma maioria desfavorecida.

Essa discussão, trazida por Silva (2018), impulsiona-nos a entender cada vez mais as vertentes críticas existentes por trás da temática e os desafios dos grupos sociais que estão em situação de vulnerabilidade social no nosso país, ao mesmo tempo que nos incita a investigar como as atividades relacionadas ao letramento, às artes e à cultura auxiliam os indivíduos a lidar com os desafios da contemporaneidade.

Para Silva (2018), a desigualdade educacional e social está vinculada a definições políticas tendenciosas que privilegiam uma minoria da população; dessa maneira, o acesso à educação oportuniza que os sujeitos sejam atores nas mudanças sociais, parte de um deslocamento de sua posição de oprimido para sujeitos de sua realidade e de mudanças sociais. Portanto, as práticas e experiências precisam respeitar as limitações, os interesses e o conhecimento prévio dos indivíduos, uma vez que objetiva a conscientização de sua função sociopolítica.

Silva (2018) analisa as ações vivenciadas por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e quais resultados estas ações poderiam trazer à sociedade, tais como a reflexão dos direitos destes sujeitos. A pesquisadora defende que a imersão nessa realidade possibilitará elucidar se essa experiência oportuniza alternativas para a emancipação, autonomia e libertação, ao nos deparar com uma realidade assistencialista, que sustenta a dependência e submissão, perpetuando o ciclo de sujeição.

As discussões apresentadas por Silva (2018) contribuem para nosso entendimento de educação como forma de emancipação social, permitindo-nos interpretar e apropriar-se da realidade investigada, para assim entender os propósitos e anseios dos envolvidos,

as oportunidades e dificuldades vividas para analisar os contextos e se estes proporcionam experiências que realmente visem a uma educação libertadora, como defende Freire (1967).

As discussões levantadas pela pesquisadora Silva (2018) são fundamentais para o nosso estudo. Segundo Canário (2006), existe um vasto campo de possibilidades que proporcionam interação completamente diferente do escolar; um campo onde o sujeito é também “agente de socialização e educação”.

Na pesquisa, ‘Os Lugares da Educação’, Afonso (2001) investiga as práticas educativas desenvolvidas fora do espaço escolar, mas em colaboração com a escola. O autor sustenta a possibilidade de um trabalho em conjunto, simultâneo e nunca contra o sistema educacional formal, cada um com suas particularidades. Dessa maneira, a educação pautada na interação com o outro, na aproximação com a história do sujeito, na possibilidade de compreensão de suas dificuldades e fraquezas, traz subsídios para a construção de conhecimento e protagonismo social. A discussão desenvolvida por Afonso (2001) possibilita indagar a natureza e o sentido das ações coletivas produzidas pelos movimentos sociais ou associações e seus projetos, priorizando as particularidades dos sujeitos.

Nesse estudo, Afonso (2001), discute as trajetórias dos estudos sobre educação não-formal, a nível nacional e internacional, trazendo reflexões e sobre os conceitos teóricos a partir de pesquisadores como Maria da Glória Gohn, Jaime Trilla, José Carlos Libâneo, Margareth Park. Afonso (2001) indica, que o campo de estudos sob educação não-formal ainda está em processo de construção e fortalecimento, nesse sentido, apresenta os posicionamentos de estudiosos da área tanto os que defendem suas potencialidades quanto seus críticos. Nesse sentido, o referido estudo contribui para essa pesquisa, por trazer reflexões sobre o percurso histórico da educação não-formal a partir da contextualização social, relacionando com as discussões internacionais, o que favorece nossas discussões e reflexões teóricas sobre a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, como espaço de Educação Não-Formal.

Os resultados apresentados por Silva (2018) e Afonso (2001) revelaram a importância da ação conjunta entre família, escola e associação na educação de crianças e adolescentes. A ação conjunta permite amenizar as dificuldades presentes, criando oportunidades para que se consolide um futuro mais próspero, construindo sujeitos capazes e autônomos para desenharem e trilharem seu próprio caminho.

Para Silva (2018), a conclusão é respaldada pelas declarações dos participantes e pela preocupação da associação em analisar a realidade vivida pelas famílias e as situações enfrentadas nas escolas. Essa percepção serve como base para o desenvolvimento das práticas da associação, cujo principal objetivo é capacitar os indivíduos a fim de que se sintam seguros para tomar decisões em suas vidas, buscando autonomia, independência e cidadania.

A pesquisa reafirmou ainda a reflexão sobre a intencionalidade política do ato de educar, as potencialidades que as práticas educativas podem ter para a transformação social e a relevância do respeito à bagagem de vida dos sujeitos para a construção de uma educação libertadora. Assim de modo geral, os resultados do estudo sobre as ações desenvolvidas na associação trouxeram contribuições para a presente dissertação, pois auxiliou no entendimento e na reflexão sobre o processo de educação não formal na vida das crianças e adolescentes, dando ênfase às experiências e vivências, valorizando o papel da família e das práticas desenvolvidas por educadores sociais.

O próximo antecedente diz respeito à dissertação de Saad (2019), cujo título é *Práticas de letramento em contextos não formais: possibilidades na (re)construção de identidades e criação de novas narrativas sobre si*. Esta pesquisa apresenta como pano de fundo duas questões principais: as desvantagens sociais enfrentadas por adolescentes que vivem em territórios de alta vulnerabilidade social, especialmente em relação às oportunidades de acesso e uso da escrita; e o papel desempenhado por organizações sociais inseridas no amplo e diversificado campo da educação não-formal, que buscam complementar as aprendizagens em relação ao sistema formal, com o objetivo de promover direitos e superar as condições desfavoráveis enfrentadas por esses adolescentes no contexto social (Saad, 2019).

Dessa maneira, o estudo de Saad (2019) apresenta importantes discussões para compreendermos a importância do letramento na vida dos jovens que vivem em territórios de alta vulnerabilidade. O letramento emerge, especificamente, nas iniciativas, ações e projetos que têm em comum a oferta de oportunidades educacionais, em contraturno escolar, com uma diversidade de atividades lúdicas, culturais e informativas, voltadas à promoção de direitos a grupos que residem em regiões caracterizadas por uma alta vulnerabilidade social (Saad, 2019).

Assim, o objetivo geral deste estudo é o de identificar as práticas de letramento desenvolvidas com e por adolescentes em um contexto de educação não formal, em uma

organização social localizada em um território de alta vulnerabilidade social, assim como os significados atribuídos por esses participantes a tais experiências, tendo em vista compreender como eles apropriam-se desses letramentos e ampliam sua compreensão sobre o mundo e o espaço onde estão inseridos. Portanto, a pesquisa supracitada investiga em que medida essas experiências favorecem a ampliação das oportunidades de escolha e de participação dos adolescentes em uma sociedade marcada por desigualdades sociais.

Dessa maneira, pode-se observar que a temática em questão contribui para a nossa pesquisa, devido à riqueza de conteúdos abordados acerca das ações em espaços educativos não formais e sua contribuição no letramento, promovidos por grupos oriundos de regiões de vulnerabilidade social. Outra discussão pertinente e que dialoga com nossa pesquisa são as práticas de letramento apresentadas por Saad (2019), pois nosso campo de observação trata justamente de uma biblioteca comunitária que desenvolve atividades com crianças e adolescentes da comunidade. Logo, toda essa contextualização servirá de suporte para nossa pesquisa, visto que ambas acontecem em regiões de vulnerabilidade e buscam contribuições e melhorias para os sujeitos em situações desfavoráveis, por meio da educação e da leitura.

Os aportes teóricos advêm dos estudos do letramento numa perspectiva sócio-histórica e cultural, considerando-os múltiplos, heterogêneos e entrelaçados em relações de poder, dos estudos culturais, que tratam da construção identitária, e da abordagem enunciativo-discursiva do Círculo de Bakhtin, o qual retrata a dialogicidade, encarando a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo (Bakhtin, 1988).

A pesquisa de Saad (2019) apresenta uma relação teórica com nossa pesquisa, quando aborda pressupostos que sustentam o campo da educação não formal. A pesquisadora exemplifica por meio das discussões de Gohn (2010) o surgimento desses novos campos de conhecimento que antes eram negligenciados e não reconhecidos como saberes educativos nos textos e analisados da área, os quais compõem as redes de singularidades, que por sua vez, desempenham riqueza social por meio de ações e projetos coletivos.

Ainda em relação às bases teóricas, a pesquisadora mapeou a importância da relação entre oralidade e letramento no contexto social, antes considerada dicotômica. Atualmente, entende-se que a oralidade (comunicação falada) e letramento (a habilidade de leitura e escrita) não devem ser vistas como habilidades isoladas, portanto, “hoje [...]”

predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (Marcuschi, 2003 *apud* Saad 2019, p. 16).

Outro autor utilizado pela pesquisadora acerca das práticas de letramento foi Brian Street (2014), que propõe uma abordagem pluralizada da noção de letramento, culturalmente revestida nessas práticas. A "abordagem pluralizada" de Brian Street sobre letramento, especialmente em sua obra de 2014, refere-se ao conceito de *letramento como prática social*. Essa visão considera que o letramento não é apenas uma habilidade técnica e neutra de leitura e escrita, mas algo que é profundamente influenciado pelo contexto cultural, histórico e social em que ocorre. Street propõe uma compreensão pluralizada do letramento, argumentando que diferentes comunidades e culturas têm suas próprias formas e práticas de letramento, todas legitimamente válidas e importantes. A leitura do antecedente nos proporciona mais autonomia para tratarmos desse enfoque.

No que diz respeito à concepção de discurso no campo social, a pesquisadora se baseia no pensamento de Moita Lopes (2002) para enfatizar o potencial dos processos educativos como espaços de transformações.

A pesquisa de Saad (2019) contribui para mostrar que essas associações sociais podem e devem ser reconhecidas como instrumentos de resistência dentro do contexto social em que estão inseridas. Tudo isso impulsiona nosso papel de compreender como ocorre esse processo de emancipação, por meio das práticas e ações dos próprios sujeitos, mediadas pelo trabalho dos educadores sociais que ali intervêm.

Nesta perspectiva, dentre os referenciais citados pelos antecedentes, elegemos alguns que serão utilizados ao longo da pesquisa, sendo eles: Freire (2005), Brandão (2007), Afonso (2001), Gohn (2010), Bakhtin (1988) e Moita Lopes (2012). Autores que defendem uma educação contra-hegemônica, que valoriza o sujeito em sua singularidade sem seu descolamento com o social, respeitando o modo como se apropria do conhecimento, durante seu desenvolvimento, levando em conta o acesso às diversas situações de letramento que, certamente, não se dão no vazio, mas realizam-se em práticas educacionais consistentes.

1.3. Organização da dissertação

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos, a saber: o primeiro capítulo diz respeito a esta introdução, junto ao qual contextualizamos trazendo informações acerca de biblioteca comunitária Adalberto Mendes, descrevemos o percurso formativo que moveu a pesquisadora para o tema, fizemos um diálogo com alguns antecedentes de pesquisa e finalizamos com a organização da dissertação; já o segundo capítulo apresenta um panorama conceitual acerca da perspectiva crítica da educação e educação não-formal, problematizando teoricamente vulnerabilidade social, linguagem e letramento; junto ao terceiro capítulo apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa; avançando pelo quarto capítulo onde trazemos o caso da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, com vistas a discutir a biblioteca como espaço de educação não-formal, analisando a contribuição das atividades desenvolvidas no espaço para o letramento e desenvolvimento das relações socioculturais e socioeducacionais de crianças e adolescentes; para tanto realiza a análise crítica das fontes da pesquisa, entrevista com educadores sociais e grupo focal com as crianças que frequentam a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes; e, por fim, o último capítulo apresenta as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Perspectiva crítica da educação

O presente capítulo propõe um lugar teórico de discussão, o qual defende uma concepção de educação crítica das condições de produção social e objetivas em que ela se realiza, levando em conta sujeitos sociais e históricos nas suas singularidades, frente a espaços de sociabilidade heterogêneos, com desafios que decorrem dessa complexidade. Nessa dinâmica de uma educação crítica que acolhe, entende-se um contexto em que se manifestam as complexas relações de poder e desigualdade econômica, social e política, problematizando-as, nesta pesquisa, em espaços educacionais não-formais.

Com base em Teitelbaum (2011), a educação crítica é compreendida como a interligação entre práticas educacionais e culturais, alinhadas à luta pela construção de uma sociedade democrática. Assim, busca-se desenvolver uma análise crítica que não apenas compreenda o mundo, mas também promova o engajamento ativo na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Essa perspectiva rompe com a percepção de que a sociedade, através do modelo educativo em voga, leva a justiça social aos indivíduos. De acordo com Oliveira (2023), para que a sociedade seja mais igualitária e justa é necessário que a educação considere temas como as discussões sobre as dinâmicas econômicas e redistribuição de renda, a diversidade cultural e as lutas identitárias.

A educação promove a socialização, integra gerações, contribui para a transformação do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade. É a partir da educação que os indivíduos desenvolvem a consciência de si e do impacto das suas escolhas no meio em que estão inseridos, que entendam sua condição de oprimidos e, assim, possam atuar em prol da liberdade de expressão, do cultivo da consciência crítica e da prática da cidadania e, conseqüentemente, da transformação da sociedade (Freire, 1967).

Para tanto, é necessário investir em uma educação que leve o indivíduo a avançar na consciência crítica para assim compreender a dinamicidade da realidade, da análise e resolução de problemas; que parta das explicações do senso comum para uma educação indagadora, investigativa, inquietante que estimule os estudantes a transformarem a sociedade e o espaço em que estão inseridos (Freire, 1967).

O conceito de educação é complexo e implica questões cruciais abrangendo diversas vertentes quanto ao sentido de educar (para que educar, para qual sociedade

devemos educar e que tipo de indivíduo estamos formando). Por essa razão, Saviani (2008, p.13) ressalta que a educação “é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens”. Para Saviani (2008) toda proposta educativa faz referência a uma concepção de mundo e de conhecimento, portanto, consiste na relação do homem com a sociedade.

Para melhor compreender as dinâmicas no campo de pesquisa e alcançar nossos objetivos, nessa dissertação, concebemos a educação como elemento central para a transformação social. Portanto, optamos pelos conceitos de educação com um enfoque voltado para uma educação cidadã, confirmando que os indivíduos têm o potencial de serem agentes de transformação de suas próprias realidades. Por essa razão, este estudo enfatiza a contribuição das ações educativas em espaços ou entidades situadas em regiões de vulnerabilidade social, destacando como elas desenvolvem nos sujeitos a autonomia, a criticidade e a atuação ética na sociedade.

De acordo com De Souza (2018), a reflexão sobre a desigualdade e injustiça social é essencial, dada a sua abrangência não apenas no Brasil, mas em grande parte dos países. Isso se torna imperativo devido às graves ramificações que esse problema acarreta para a humanidade. No campo da educação, é crucial relacionar as práticas pedagógicas ao entendimento da realidade social, visto que essa identificação se mostra relevante para que esses indivíduos se engajem na luta pela superação das opressões sociais (Freire, 2005).

Essa discussão acerca das complexidades das relações sociais, por sua vez, impulsiona pensar em educação além dos limites da escola. A educação transpassa diversos espaços e acontece em diferentes momentos e lugares, com significados distintos para cada sujeito (Brandão, 2007).

A educação em cada momento histórico teve um papel a cumprir, devendo ser entendida em sua relação com a prática social. De acordo com Saviani (2008), a estrutura da educação é profundamente influenciada pelos eventos históricos, portanto, vai se constituindo de modo a atender preferências e necessidades, visto que, inicialmente, a educação era restrita à elite, mas ao longo do tempo, sua expansão gradual passou a atender outras camadas sociais determinadas por interesses políticos e econômicos.

Para Da Silva e Valença (2012) atualmente, a educação vem se tornando um subproduto da vida social que de certa forma reproduz as regras do capitalismo neoliberal.

Consequentemente, essa subprodução da vida social no capitalismo tem conservado formas educativas que buscam a manutenção e o fortalecimento do próprio sistema.

Os acontecimentos históricos e a maneira como se moldaram ao longo do tempo demonstram que os interesses do capitalismo motivados pela globalização trouxeram para o formato econômico atual grandes consequências. Nesse sentido, Galvão (1997) declara que o neoliberalismo abarca um conjunto de concepções políticas e econômicas que favorecem o capitalismo, tais como a redução da intervenção estatal na economia, um favorecimento ao mercado e, consequentemente, incentivo ao consumo.

A educação, no discurso neoliberal, sai da esfera social e política para entrar no mercado e operar segundo sua lógica, de modo a destacar três objetivos aos quais a retórica neoliberal atribuiu à função estratégica da educação:

1. Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa. Assegurar que o mundo empresarial tem interesse na educação porque deseja uma força de trabalho qualificada, apta para a competição no mercado nacional e internacional. [...]
2. Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários. O que está em questão é a adequação da escola à ideologia dominante. [...]
3. Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática, o que, aliás, é coerente com ideia de fazer a escola funcionar de forma semelhante ao mercado, mas é contraditório porque, enquanto, no discurso, os neoliberais condenam a participação direta do Estado no financiamento da educação, na prática, não hesitam em aproveitar os subsídios estatais para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos no mercado escolar. (Marrach, 1996, p. 46-47).

Dado o exposto, o neoliberalismo aborda a instituição escolar sob uma perspectiva mercadológica, resultando na substituição dos componentes políticos da cidadania e enxergando pais e alunos como meros consumidores. Nessas circunstâncias, as mudanças trazidas pelos avanços tecnológicos, pela globalização e pelas novas demandas do mercado de trabalho levantam questionamentos importantes sobre o futuro da educação, a noção de cidadania e o bem-estar social (Galvão, 1997).

As consequências do neoliberalismo para a educação são diversas, pois o modelo subordina a educação aos interesses capitalistas, o que influencia diretamente o crescimento da exclusão social, a elevação do individualismo e a promoção de mudanças sociais, tornando os indivíduos parte de uma sociedade individualista e competitiva.

A ampliação da oferta de cursos de licenciatura com preços baixos e enfoque conteudista precariza a formação docente e reduz a qualidade da educação (Marrach,

1996). Na perspectiva de Freitas e Figueira (2020), o neoliberalismo transforma a educação em um produto comercializável.

Consequentemente, os títulos educacionais passam a ser tratados como mercadorias no mercado de bens educacionais, acirrando a competitividade no mercado de trabalho. Dessa forma, a educação neoliberal é vista como um instrumento que oferece aos indivíduos a oportunidade de ascensão econômica por meio da qualificação profissional superior, o que, por sua vez, possibilita a ocupação de melhores cargos profissionais.

Entretanto, a educação libertadora/problematizadora proposta por Freire (2005) contrapõe-se diretamente à educação liberal, uma vez que o neoliberalismo reforça a educação bancária, alinhada à lógica da sociedade capitalista liberal.

Entre os obstáculos apresentados pelas políticas neoliberais, destacam-se o crescimento da pobreza e suas consequências: fome, carência de saneamento básico, precarização dos serviços de saúde e educação, insegurança, desemprego e aumento da violência. Essas questões abrangem um amplo espectro de problemas socioeconômicos relevantes. Essas adversidades se manifestam porque:

[...] é um dado evidente que a pobreza tem crescido enormemente nos países do Terceiro Mundo, mas não somente neles. Os efeitos das políticas neoliberais, no entanto, não param por aí. Ainda mais grave é o fato de as desigualdades terem se intensificado entre os próprios pobres. Estamos diante de um processo novo: a pauperização da pobreza, de setores que já são, hoje, muito mais pobres do que antes. As políticas liberais, tal como vêm sendo aplicadas, conduziram certas sociedades a uma rápida e profunda dinâmica de desagregação (Anderson, 2003 apud Silva, 2018, p.143)

Frente a essa realidade, que aponta para a necessidade de formar indivíduos esclarecidos para atuar em prol de uma sociedade emancipada, Paulo Freire (2005) constrói uma proposta pedagógica fundamentada em princípios humanistas, dentro de uma perspectiva crítica e de transformação social.

Na visão de Paulo Freire (2005), a prática educacional é um discurso que se alinha à luta contra a dominação, tanto subjetiva quanto objetiva, promovendo o conhecimento e as relações sociais necessárias à emancipação social. Sob essa perspectiva, Giroux (1997) defende a educação como uma estratégia de ação que aproxima as linguagens da crítica e da possibilidade, conscientizando os educadores sobre o compromisso de tornar a prática pedagógica uma ação política.

Isso significa integrar reflexão e ação crítica em projetos sociais que não apenas desafiem as formas de opressão, mas também incentivem a luta pela superação das injustiças sociais, com o objetivo de alcançar a humanização da vida. Na perspectiva freiriana, a educação libertadora é um instrumento para a superação das opressões e desigualdades presentes na sociedade. Ela se baseia na valorização da cultura, da experiência e do conhecimento dos sujeitos, reconhecendo sua importância no processo de aprendizagem. Em vez de importar conteúdos pré-estabelecidos, o educador libertador busca despertar a consciência crítica dos estudantes, estimulando-os a questionar e refletir sobre a realidade em que vivem.

Freire (2000) considera a problematização e o diálogo condições indispensáveis para que os sujeitos possam exercer a liberdade. Nessa perspectiva, a problematização consiste no estímulo de professores e alunos questionarem de forma crítica o mundo em que vivem, a sociedade em que estão inseridos, as experiências que vivenciam, o contexto econômico e social em que estão inseridos e como através de sua ação podem transformar essa realidade e suas condições materiais e econômicas.

O diálogo ocupa um lugar central na pedagogia crítica e libertadora de Paulo Freire. De maneira geral, Freire (2000) entende o diálogo como um elemento essencial no processo de desenvolvimento da consciência humana, sendo o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre a realidade. Por envolver uma reflexão ativa em interação com outros, o diálogo é potencialmente social e exige um pensamento crítico.

Nesta perspectiva, o diálogo como prática educativa, significa compreender o mundo coletivamente em um 'ato social'. Tal processo desenvolve a autonomia do da aprendizagem do sujeito. O conceito de diálogo de Paulo Freire também se faz presente na relação alunos e professores que, ao desenvolverem a prática dialógica no cotidiano, colocam o conhecimento em fluxo contínuo e autoaprendizagem (Da Silva; Valença, 2012).

Para que a educação seja libertadora, é necessário que o educador assuma a posição de sujeito da história. Também que seja coerente e auxilie o aluno a refletir uma análise crítica da realidade que busca formar cidadãos atuantes na sociedade. Posteriormente possibilitar aos alunos realizá-la, sendo capazes de compreender e denunciar as injustiças sociais. Afinal, de acordo com Freire (1970, p.19), quando o indivíduo reflete sobre sua realidade, a sociedade e as condições em que está inserido,

“ele emerge plenamente consciente, comprometido e pronto a intervir na realidade para muda-la”.

Ademais, na teoria Freiriana, a educação libertadora indaga as perspectivas da educação bancária, fazendo uma crítica ao modelo tradicional de ensino onde os alunos são vistos como recipientes vazios a serem "preenchidos" com conhecimento pelos professores (Freire, 2000). Nesse modelo, o papel do professor seria o de depositar informações, enquanto os alunos passivamente recebem e armazenam esse conteúdo sem questionamento ou reflexão crítica.

Portanto, esse tipo de educação perpetua a opressão, pois desestimula a criatividade, o pensamento crítico e a participação ativa dos estudantes. Ao invés de promover o desenvolvimento da consciência e da emancipação, a educação bancária reforça a passividade e a conformidade, mantendo as desigualdades sociais (Freire, 1996).

Isto ocorre porque, como a educação é política, portanto, não neutra, a educação bancária está a serviço da manutenção da ordem social vigente, apresentando os conteúdos de forma alienada, ou seja, tem a ver também com os conteúdos trazidos e com a forma não contextual de apresentá-los promovendo a conformidade.

De acordo com Saviani (1996), a disputa das classes sociais interfere diretamente na questão educacional e no papel da escola, pois a escola destinada aos trabalhadores foi pensada e organizada de forma a prepará-los para o mercado de trabalho, e torná-los aptos a realizar as atividades operativas, sem estimular o agir crítico e reflexivo; em contrapartida, a educação das classes dominantes, tinha como finalidade prepará-los para assumir funções e cargos de destaque na sociedade.

Nesse sentido, para que ocorra uma transformação na sociedade e no modelo educacional vigente, é necessário debater essa realidade com os trabalhadores, para que eles tenham consciência de como a educação é e foi pensada para eles e pelas classes dominantes.

Em contraposição ao modelo de educação bancária, Freire (1996) propõe a "educação problematizadora," em que o conhecimento é construído de forma colaborativa, com diálogo e interação entre professores e alunos, estimulando a reflexão crítica sobre a realidade e promovendo a libertação e a transformação social. Saviani (2008) afirma que as teorias pedagógicas se organizam de duas formas: algumas buscam educar e formar os sujeitos para manter a ordem estabelecida, garantindo os privilégios de determinados grupos; outras orientam-se para a educação crítica, com o objetivo de

formar indivíduos conscientes e atuantes na transformação da sociedade e no combate às desigualdades sociais.

Com o avanço do neoliberalismo, essa perspectiva de Saviani sobre o papel das teorias pedagógicas — como instrumentos de dominação ou transformação — tornou-se mais evidente. Segundo Gentili (1995), o neoliberalismo ataca a escola pública por meio de estratégias privatizantes e políticas de reforma que visam eliminar a possibilidade de uma educação democrática, pública e de qualidade para as maiorias. A fragilização da educação pública, assim, favorece interesses neoliberais e impede a transformação social.

De acordo com Freitas (2012), a relação do neoliberalismo com a educação favoreceu o surgimento de modelos educacionais criados para atender as demandas do mundo do trabalho e, conseqüentemente, elevou os índices de vulnerabilidade e de desigualdade social, pois sem um modelo de educação crítica e transformadora os sujeitos tornam-se passíveis de controle e de dominação, logo não lutam em prol do combate às desigualdades sociais.

Diante da certeza, da lógica neoliberal na educação, urge construir caminhos e estratégias educativas aptas a preparar os indivíduos para agirem de forma crítica, reflexiva e transformadora, conscientes da sociedade em que estão inseridos e dos desafios que o neoliberalismo oferece tanto para os sujeitos quanto para o combate às desigualdades sociais.

Partindo das discussões apresentadas, as práticas educativas desenvolvidas em espaços de educação não formal emergem como estratégias de formação/educação de sujeitos críticos, desenvolvimento cultural, e na maior parte das vezes suprimindo a ausência de espaços que oportunizem o acesso à educação, à cultura e à arte, garantindo à comunidade acesso a uma educação crítica e transformadora.

Dentre esses espaços de educação não formal, destacam-se as bibliotecas comunitárias as quais podem ser conceituadas como espaços culturais, localizados em regiões periféricas urbanas e rurais, geralmente carentes da oferta de atividades culturais e artísticas e que têm como objetivo oferecer o acesso à leitura e promover a valorização da cultura e da comunidade (Nascimento, 2024).

As bibliotecas comunitárias são espaços criados e pensados pela comunidade como reação à fragilidade das ações poder público quanto às políticas culturais e educacionais de estímulo à leitura e de acesso à informação e à cultura, pois as bibliotecas públicas normalmente estão localizadas no centro das cidades, distantes das regiões

periféricas. Nesse sentido, as bibliotecas comunitárias também são espaços de luta para a emancipação sociopolítica que possibilita o acesso à cultura e à educação, visto terem suas raízes no pensamento de Paulo Freire (Machado, 2010).

As bibliotecas populares/bibliotecas comunitárias surgiram dentro dos movimentos sociais, que defendiam a luta por educação, cidadania e liberdade de informação, logo são espaços de resistência e emancipação social. Nesse sentido, a biblioteca comunitária é o centro de disseminação de conhecimento e fortalecimento da consciência crítica dos indivíduos, promovendo a autonomia e a participação ativa na sociedade (Freire, 2011).

Segundo Machado (2008), as bibliotecas comunitárias estão organizadas na perspectiva freireana, e, por isso praticam a educação dialógica e transformadora, ao favorecer o acesso a práticas educativas e culturais para comunidades muitas vezes marginalizadas, com altos índices de vulnerabilidade social ou sem acesso a esses serviços por meio de outras vias.

No que diz respeito ao combate à vulnerabilidade social, as bibliotecas comunitárias atuam como espaço de assistência nas periferias, muitas vezes marcadas pela falta de infraestrutura e acesso limitado aos serviços básicos. Logo, elas emergem como espaço seguro para crianças, adolescentes e adultos, onde podem estudar, ler, participar de atividades culturais e educativas, e encontrar apoio para seus desafios diários (Lindemann, 2019).

Diante de todas essas considerações é possível concluir que as bibliotecas comunitárias são espaços que promovem a educação crítica e favorecem o acesso à cultura, à arte e à educação, pois se configuram como instrumentos essenciais para o combate à vulnerabilidade social. O acesso ao conhecimento e a atividades educativas incentiva o pensamento reflexivo e cria espaços de diálogo e aprendizado.

Nesse sentido as bibliotecas comunitárias fortalecem a cidadania e contribuem para a transformação social, pois sua atuação vai além do simples empréstimo de livros, abrangendo um conjunto de ações que visam o desenvolvimento integral dos indivíduos e a melhoria das condições de vida das comunidades que atendem.

2.2 Educação não-formal, resistência e vulnerabilidade social

Conforme já dito, esta pesquisa tem como *lócus* de investigação a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, localizada na cidade de Sobral, Ceará, em um bairro com alto índice de vulnerabilidade social, extramuros escolares, enfatizando o campo da Educação Não-Formal.

Até os anos 80, de acordo com Gohn (2011), a educação não-formal não era considerada relevante no contexto educacional brasileiro, vista apenas como uma extensão da educação formal, desenvolvida em espaços exteriores à escola. No entanto, devido à abertura política pós ditadura, por volta do século XX, a escola enfrentava questionamentos quanto à sua função social, levando em consideração as limitações apresentadas pela estrutura escolar, não mais atendendo aos objetivos esperados.

Dessa forma, revela-se importante desenvolver, paralelamente, outros mecanismos na orientação do discurso pedagógico, disseminando novos espaços educacionais, capazes de interagir de forma dinâmica no processo de desenvolvimento do indivíduo (Trilla, 2008).

A educação é um ato político, que ocorre em diversas circunstâncias e com diferentes objetivos e deve orientar a busca da conscientização crítica dos sujeitos para exercerem a cidadania e transformarem a sociedade. Para Freire, a educação deve ser libertadora promovendo o engajamento ativo das pessoas na construção de uma realidade mais justa, opondo-se ao modelo instrumental e tecnicista de desenvolvimento de habilidades para o mercado.

Nesse sentido, Cascais e Fachín-Terán (2011) destacam que a educação formal, por si só, não é suficiente para promover essa formação emancipatória. É essencial fortalecer práticas de educação não-formal e informal que contribuam para a autonomia, a participação social e a construção de um projeto de sociedade em que o sujeito possa se ver como agente de transformação, dialogando com os desafios sociais e coletivos.

De acordo com Gohn (2006), a educação formal fomenta o processo de ensino e aprendizagem através de conteúdos historicamente sistematizados formando os indivíduos para exercer a cidadania de forma ativa na sociedade. Já a educação informal é aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo contínuo de socialização (na família, no bairro, na igreja), carregada de valores, cultura própria e sentimentos

herdados, enquanto a educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre indivíduos em espaços fora da escola, por meio de atividades organizadas.

Os primeiros indícios da educação não formal emergiram no Brasil na década de 1960, em meio às práticas de alfabetização de adultos, realizadas por Paulo Freire com trabalhadores rurais adultos, fato considerado impossível pelo governo, mas que seria a solução para solucionar os elevados índices de analfabetismo no Brasil, na época, em torno de 50% da população adulta brasileira (Freire, 1967).

Nesse período, o método de Paulo Freire, além de dar início à educação popular em espaços não formais, denunciava as desigualdades sociais do país e a relevância da educação para a transformação social. Portanto, a partir da década de 1960 a educação não formal ganha visibilidade.

De acordo com Gohn (2011), foi por volta da década de 1990 que a Educação não-formal se expandiu, motivada pelo crescimento de ações voltadas para a educação de crianças, jovens e adultos, e desenvolvidas pela sociedade civil ou por organizações não governamentais. Os motivos para expansão dessa modalidade educativa estão relacionados ao contexto de mudanças que o mundo passou.

O crescimento das práticas educativas em espaços não formais está relacionado ao avanço do neoliberalismo e às transformações econômicas impactando diretamente o mundo do trabalho. A partir da década de 1990, conforme delineado no Plano Diretor, o Estado Brasileiro reduziu seu envolvimento direto na criação e na manutenção de serviços sociais, como saúde, educação e assistência social.

Ao mesmo tempo, ele passou a exercer um papel de regulador e incentivador, apoiando e orientando iniciativas dessas áreas, mas transferindo a execução para organizações civis e comunitárias (Brasil, 1995). Essa transição resultou em uma menor oferta direta de serviços públicos e na crescente necessidade de que espaços não formais, como bibliotecas comunitárias e ONGs, supram as lacunas deixadas pela redução da presença estatal nesses setores.

A conferência sobre a Crise Mundial da Educação, que ocorreu nos Estados Unidos, no ano de 1967, reuniu lideranças educacionais de diversos países, inclusive o Brasil, dentre as orientações resultantes dessa conferência destaca-se o pedido para que os países estimulassem o investimento de recursos privados na área educacional (Catini, 2021).

O aumento das reivindicações populares por ensino e as dificuldades do Estado de atender a demanda associado à escassez de recursos nos sistemas escolares gerou diversos problemas para o governo. Para Catini (2021, p. 11), foi analisando a realidade educacional dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos que a educação não formal emergiu como alternativa para os desafios educacionais brasileiros, pois “a educação não formal passou a fazer parte das sugestões para melhoria da qualidade educacional nos países periféricos”.

Segundo Gohn (2010), em 2003, o termo "Educação Não Formal" foi incluído no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, a partir de 2006, a educação não-formal passou a ser componente curricular para cursos de graduação em Pedagogia e Licenciaturas, assinalada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais.

A inserção de recursos privados na educação, o reconhecimento da contribuição da educação não formal no combate às desigualdades sociais e sua inserção como componente curricular dos cursos de licenciatura fortaleceram o conceito de “educação ao longo de toda a vida” e colocaram em cena novos atores que contribuíram para formular e implantar políticas que articulassem Estado, sociedade civil, ONGs e o setor privado. Nessa perspectiva, Trilla (1985) defende que a educação não formal é abrangente e defende que a educação ocorre ao longo da vida.

A partir dos anos 1990, instalam-se debates sobre os conceitos de educação não formal visto ser um campo investigativo relativamente novo e apresentar conceitos diferentes. Estudos, como de Afonso (1992) e Gohn (1999), fortaleceram esses novos campos de investigação, antes invisíveis e não reconhecidos como saberes educativos, os quais compõem as redes de singularidades e acolhimento que valorizam as riquezas e potencialidades sociais, a partir de trabalhos e projetos coletivos. Conforme explica Gohn:

Outras dimensões da realidade social, igualmente produtoras de saberes, vieram à tona, tais como as que advêm do mundo das artes, do mundo feminino das mulheres, do corpo das pessoas, das religiões e seitas, da cultura popular, das aprendizagens cotidianas por meio da educação não formal. E estas outras racionalidades estão, predominantemente, presentes nos trabalhos desenvolvidos no campo da educação não formal, junto a centenas e milhares de pessoas que participam de projetos sociais comunitários. (Gohn, 2010, p.8)

A partir das reflexões apresentadas destacamos que o crescimento da educação não-formal é resultado da crise dos sistemas educacionais o que aponta um desequilíbrio entre o que a escola oferecia e as demandas oriundas dos diversos contextos sociais,

evidenciando que a realidade e o cotidiano não estavam sendo abordados nos temas escolares, de modo a valorizar a criticidade dos sujeitos. Ghanem (2008) diz que o modelo da escola como instituição especializada em outorgar saberes não atende as reivindicações dos diversos grupos sociais, as demandas desses grupos necessitam de um modelo educacional que prepare os indivíduos para criticar e responder aos problemas que envolvem conflitos, tanto os de grande amplitude quanto os menores.

Partindo das discussões anteriores, é possível considerar a educação como um processo complexo e permanente, que acontece de forma diversificada em múltiplos espaços, tais como na escola, na família, em museus, bibliotecas, espaços públicos, instituições religiosas, grupos sociais e outros.

Além dos pais e professores, existem outras influências formativas como políticos, jornalistas, artistas, amigos e vizinhos, por exemplo. Coombs (1975, *apud* Trilla, 2008) sugere uma classificação em três modalidades distintas de educação: a formal, a não formal e a informal.

Assim sendo, a Educação Formal corresponde ao sistema educacional institucionalizado, estruturado cronologicamente, com componente curricular previamente estabelecido e que ocorre dos primeiros anos escolares até a Universidade. Já a Educação Não-Formal é definida como “toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis” (Coombs, 1975, *apud* Trilla, 2008, p.33). E, por fim, a educação Informal é um processo de aprendizagem contínuo ao longo da vida, no qual indivíduos adquirem conhecimentos e habilidades por meio de suas experiências do dia a dia, relações e interações com o meio social.

Os processos de educação não-formal e informal representam ações realizadas fora do âmbito escolar. Diferenciam-se apenas pela modificação de condutas, pois, no campo da educação não-formal, as intervenções são estruturadas em função de um objetivo preestabelecido (como é o caso da Biblioteca Comunitária), enquanto isso, na informal “o processo educacional ocorre indiferenciada e subordinadamente a outros processos sociais, quando aquele está indissociavelmente mesclado a outras realidades culturais, quando não emerge como algo diferente e predominante no curso geral da ação em que o processo se verifica” (Trilla, 2008, p. 37).

Dentro desse contexto, a educação não formal pode ser definida como um conjunto de processos, recursos e organizações que têm como objetivo principal a promoção de aprendizagens que não estão diretamente vinculadas ao sistema educacional formal. Consequentemente, esses processos tendem a adotar abordagens metodológicas mais flexíveis, abertas e com participação social. Conforme Trilla, (2008, p. 42):

A educação não-formal não é, em sentido estrito, um método ou uma metodologia. Na realidade, na educação não-formal cabe o uso de qualquer metodologia educacional; até mesmo daquelas que são mais usuais na instituição escolar. O que ocorre é que a educação não-formal, por situar-se fora do sistema de ensino regrado, desfruta de uma série de características que facilitam certas tendências metodológicas. O fato de não ter de seguir nenhum currículo padronizado e imposto, as poucas normas legais ou administrativas que recaem sobre ela (calendário escolar, titulação dos docentes etc.), seu caráter não obrigatório, e por aí afora, tudo isso facilita a possibilidade de métodos e estruturas organizacionais muito mais abertas (e, geralmente, mais flexíveis, participativas e adaptáveis aos usuários concretos e às necessidades específicas) que aqueles que costumam imperar no sistema educacional formal.

De acordo com essa perspectiva, os campos de atuação da educação não formal englobam áreas que se integram às trajetórias de vida de sujeitos coletivos de modo a permitir que todos os indivíduos com quem interagimos se transformem em sujeitos da construção do conhecimento. Essas ações precisam ser construídas de maneira coletiva, considerando as orientações, os interesses e as necessidades dos envolvidos, seguindo princípios de solidariedade que auxiliam na formação da identidade coletiva de um grupo (Gohn, 2010).

A autora ressalta que a educação não formal deve ter como um de seus princípios oferecer oportunidade para que os sujeitos construam conhecimentos sobre a realidade em que vivem e principalmente sobre as relações sociais que permeiam suas experiências e escolhas, tendo como resultado a formação de cidadãos críticos, emancipados e detentores de direitos e deveres. Em outras palavras, Gohn (2010, p.33) afirma que a educação não formal corresponde a:

(...) um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais

As práticas de educação não formal ocorrem fora do ambiente escolar, em diversos contextos que fazem parte da estrutura social. Elas são desenvolvidas por meio de parcerias com organizações sociais, movimentos sociais, associações comunitárias, entidades e programas voltados à formação cidadã, direitos humanos, lutas de identidade e inclusão social, representantes de comunidade, entre muitas outras instituições.

Nos espaços não escolares a prática pedagógica configura-se como uma dimensão da prática social, direcionando conhecimentos e aprendizados, que devem auxiliar na formação política e sociocultural dos indivíduos, conforme sublinha Gohn (2006, p.29-30) quando afirma que a educação não formal:

[...] capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e Justiça Social quando presentes num dado grupo social fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não-formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.

Em relação aos profissionais que desempenham a função mediadora no âmbito da educação não-formal, assumindo a responsabilidade de intermediar os processos educacionais com grupos, com base em princípios e métodos de trabalho previamente estabelecidos, são comumente chamados de educadores sociais.

Dessa maneira, de acordo com Gohn (2010), o educador social tem a responsabilidade de promover a criação de um processo participativo de qualidade, possibilitando aos participantes o entendimento dos significados culturais que permeiam essas comunidades sociais. Isso implica desafiá-los a descobrir cada vez mais as particularidades do contexto no qual estão inseridos. Nesse sentido, a autora salienta ainda que o papel do educador social é pautado na promoção de espaços de participação, interação, emancipação sociopolítica, mudança social e autonomia dos sujeitos.

Portanto, cabe-nos investigar, no contexto específico da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, campo desta pesquisa, de que forma seus processos, ações e relações se constituem e de que princípios e valores devem se aproximar e/ou se distanciar. É relevante destacar que os educadores sociais desempenham um papel estratégico nas ações propostas, ao trazer suas próprias perspectivas de mundo e ideologias particulares,

e ao interagir com os demais participantes, promovendo diálogos e, por vezes, confrontos, eles estabelecem referências fundamentais nos processos de aprendizagem. Por meio desses mediadores é possível acessar o projeto político-cultural desse espaço, compreendendo “a visão de mundo que estão construindo, os valores defendidos e os que são rejeitados” (Gohn, 2010, p. 47-48), independentemente de serem uma perspectiva emancipatória ou não.

No Brasil, as bibliotecas estão inseridas nas políticas culturais e são caracterizadas como um "conjunto de iniciativas, [...], destinadas a promover a produção, a distribuição e o acesso à cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico, bem como a organização do aparato burocrático responsável por essas ações" (Coelho, 1997). É importante destacar que o direito à cultura está assegurado tanto na Declaração Universal dos Direitos Humanos quanto na Constituição Federal de 1988, sendo garantido por meio de políticas públicas.

O investimento governamental em bibliotecas comunitárias tem como marco o Programa Mais Cultura, lançado em 2007, pelo decreto n.º 6.226. O texto do programa reconhecia a cultura como necessidade básica, portanto estratégica no combate à pobreza e à redução das desigualdades sociais. Foi a partir desse momento que as bibliotecas comunitárias ganharam visibilidade social e foram reconhecidas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), o que favoreceu a mobilização e organização dos responsáveis por esses equipamentos (Fernandez; Machado; Rosa, 2018).

De acordo com Da Silva (2021), o programa mais cultura foi revogado e em seu lugar foi instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), criada pela Lei n.º 13.696, de 12 de julho de 2018, que nada mais é que uma estratégia de promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas no Brasil.

As políticas voltadas ao incentivo à leitura são importantes, pois estamos vivendo na sociedade da informação. Tal problema demanda dos indivíduos uma reestruturação na sua forma de viver e estar em sociedade, logo, demanda aprendizagem permanente, capacidade crítica e reflexiva, pois não é suficiente ter acesso às informações, é necessário saber utilizá-las para enfrentar os desafios que o mundo contemporâneo impõe.

Nesse cenário, o debate sobre as bibliotecas torna-se cada vez mais necessário, pois, segundo Suaiden (2018, p. 145), "a falta de visibilidade da biblioteca pública, o afastamento do livro, a escassez de leitores e a elitização da leitura têm gerado uma série de problemas, que vão desde a formação cidadã até a produção científica no Brasil." O

autor também enfatiza que a luta por espaços que possibilitem o livre acesso ao conhecimento organizado é constante nos países menos desenvolvidos, como o Brasil e outros da América Latina e essa luta começa pela sensibilização para a formação de um público leitor.

Isso se dá porque "à medida que a sociedade da informação também é uma sociedade de exclusão, o passaporte para essa sociedade passa a ser o capital intelectual, cujo principal alicerce é a leitura e o hábito de utilizar a informação" (Suaiden, 2018, p. 147). A biblioteca desempenha um papel essencial no desenvolvimento dessas habilidades, pois é capaz de fomentar o hábito de leitura e, além disso, contribuir para o letramento dos indivíduos. Não basta apenas ler; é crucial que as pessoas saibam interpretar o que leem, tornando-se produtores de informação.

Dessa forma, as bibliotecas comunitárias localizadas nas periferias, para além de espaços educativos e de incentivo à leitura, são espaços de resistência, de formação para a cidadania, de inclusão e combate à vulnerabilidade social. Segundo Machado (2010), as bibliotecas comunitárias são criadas por iniciativas individuais ou coletivas, ou a partir de projetos sociais, atuando como polos difusores de cultura e saberes da comunidade, na maior parte das vezes se transformam em espaços de resistência e integração social, podendo tornar-se estratégicas para implantação de políticas públicas.

Para Santos e Chauí (2016), a educação na periferia é uma forma de resistência cultural e política, que busca desconstruir estereótipos e defender a identidade e os saberes locais; portanto, deve-se levar em consideração não só as condições de vulnerabilidade social em que vivem as crianças e os jovens, mas também seus anseios.

É por meio da educação e dos movimentos sociais que as comunidades periféricas podem afirmar e reivindicar seu lugar na sociedade. A resistência não se resume apenas à superação de dificuldades e obstáculos voltados aos requisitos primários para a qualidade de vida, mas também envolve outras dimensões como: o preconceito e a invisibilidade das populações empobrecidas; a percepção negativa e estereotipada; a não valorização da cultura e saberes locais, desconsiderando as potencialidades existentes; e a promoção de políticas públicas mais justas e igualitárias (Santos e Chauí, 2016).

As relações entre educação e as bibliotecas são intrínsecas, pois ambas têm como finalidade incentivar a leitura e construir sujeitos críticos, éticos, conscientes do seu papel social e aptos a viabilizar a mudança social, nesse sentido, a forma que isso pode ocorrer é através da educação não formal. A compreensão de Silva (2018) sobre a educação em

espaços não formais leva em consideração a educação como um direito e percebe que ela se faz em diferentes lugares das mais variadas formas, pois à medida que as transformações na sociedade foram se acentuando, intensificou-se a necessidade de reconhecer que o ato de educar está para além do espaço escolar.

Reconhecer a importância da educação não-escolar, levando em conta que ela é orientada por objetivos e intencionalidade, propicia a construção do conhecimento e a promoção de um sujeito autônomo (Silva, 2018). Isso nos chama atenção, pois nestas circunstâncias talvez a educação não formal faça toda a diferença na vida dessas pessoas que não frequentam a escola, ou ainda, seja uma complementação para aqueles que frequentam as escolas formais.

As contribuições teóricas utilizadas por Silva (2018) proporcionam a compreensão do conceito de educação não formal em espaços como associações, ONGS, fundações e projetos sociais, que apesar da sua importância, muitas vezes não possuem a devida visibilidade, assim como defende Brandão (*apud* Silva, 2007, p. 16): “[...] a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível, a não ser nos lugares onde se pendura alguma placa na porta com o seu nome”.

As discussões desenvolvidas por Silva (2018) nos fizeram refletir acerca da ausência de visibilidade pelas mídias locais, aos projetos e entidades sociais existentes, que, além de oferecer benefícios aos sujeitos que necessitam de apoio, oportunizam uma interação da sociedade capaz de estimular diferentes grupos e agirem em prol do bem comum, ou seja, esses espaços realizam um papel importante dentro das comunidades; porém, diante do poder público, na maioria das vezes, são esquecidos.

A partir dessas questões podemos pensar melhor nossos objetivos, buscando contemplar as diversas formas pela qual a educação na periferia contribui para o letramento e desenvolvimento das relações socioculturais e socioeducacionais dos indivíduos, e promover a transformação da comunidade onde essas ações educativas são desenvolvidas.

2.3 Linguagem e letramento: construindo novos sentidos

Neste estudo, temos como material de análise as ações educativas desenvolvidas com crianças e adolescentes nos espaços cotidianos de uma biblioteca comunitária, em um contexto de educação não formal, onde buscamos compreender em que medida as atividades promovidas contribuem para ressignificar a vida de crianças e adolescentes que dela fazem parte.

As bibliotecas comunitárias são compreendidas como espaços socioeducativos e de educação não formal, nelas são desenvolvidas práticas e ações pedagógicas que estimulam a leitura, a crítica e a reflexão, além de estimular a sociabilidade e a interação entre sujeitos, o que implica compreendê-las a partir de uma perspectiva da linguagem no âmbito social. Nesse cenário, as bibliotecas comunitárias são espaços de difusão e acesso à informação, à cultura e à educação ao mesmo tempo que fomentam e potencializam a cidadania e o combate à vulnerabilidade social (Alves; Salcedo; Correia, 2016).

As bibliotecas comunitárias são espaços de interação entre a leitura e o leitor, ambiente propício ao desenvolvimento das linguagens, da conservação e da preservação da memória e da disseminação da cultura. De acordo com Bakhtin (2000), a linguagem deve ser entendida como uma capacidade humana que se constitui por meio das situações sociais de interação, pois é a partir do uso da linguagem que os indivíduos agem, mantêm relações, produzem sentidos e constroem suas identidades.

A linguagem assume a função de perceber, categorizar e interpretar o mundo, assim como nomear, organizar e compreender a realidade. Desempenha um papel fundamental nas interações sociais, fundamentalmente relações intersubjetivas, por meio das quais as pessoas interagem na sociedade (Bakhtin, 2002; Vygotsky, 1999).

Até a década de 1950, os estudos na área da linguagem defendiam uma concepção tradicional linguística calcada em uma metodologia monocultural. Esse tradicionalismo apresentava a linguagem não associada às relações intersubjetivas a partir de um panorama estável e abstrato de elementos linguísticos (Stam, 2000, p.32). Lembramos que o foco desta pesquisa não se detém à historicidade do estudo da linguagem, entretanto, essa informação é crucial para compreendermos que as teorias de Bakhtin se contrapuseram à perspectiva linguística tradicional, possibilitando uma visão de linguagem necessariamente dialógica que embasa esta pesquisa.

Desse modo, Bakhtin (2000) ressalta que todas as dimensões da atividade humana, por mais complexas que sejam, sempre estão relacionadas com a língua em uso. As atividades e as produções linguístico-sociais são representadas por seus enunciados que produzem sentidos a partir de situações de produção em que os interlocutores se relacionam por signos e símbolos, incluindo narrativas verbais, textuais, escritas, pensadas e imaginadas, abordando tanto o presente, como o passado e o futuro, de modo a pautar reflexões sobre determinada temática ou ações que envolvem também a valorização da cultura e a criação de novas narrativas na vida dos sujeitos.

Nesse processo dialético e dialógico, intencional ou não, planejado ou não, que a presença do outro (*outrem*) vai se fazendo sentir na promoção do desenvolvimento e da apropriação do conhecimento. O autor ressalta que é por meio da interação que os indivíduos, enquanto participantes de comunidades socialmente organizadas e instigadas por valores sociais, elaboram sentidos sobre si e sobre o mundo que os rodeia.

Na mesma linha de raciocínio, Moita Lopes (2002) salienta a importância do discurso na construção da identidade como fator social. Os sujeitos agem no mundo por meio da linguagem e, desse modo, constroem discursivamente a sua realidade social e identidade individual.

Para Ianni (1999), tendo a linguagem como meio sistemático de comunicação com o uso de signos (convencionais, sonoros, gráficos e gestos), a língua, por sua vez, é a materialização dessa capacidade humana e elemento fundamental da cultura, essencial na formação de diferentes formas de sociabilidade e nas interações entre diversas camadas sociais. Pelo pensamento da autora, a língua se configura como mediação primordial, pelo qual outros segmentos histórico-culturais, tais como a Arte, a Ciência, a Religião e a Filosofia, movem-se, expressam-se e se transformam.

Dessa maneira, o trabalho realizado nos espaços de educação não formais de educação (especialmente na Biblioteca comunitária), estabelece situações de comunicação e elaboração de novos enunciados que se efetivam a partir das relações, produzindo e valorizando a cultura. Nessa dinâmica de interação por meio da língua, os atores, assim concebidos, não são apenas interlocutores, mas sujeitos que se posicionam, construindo significados a partir de estratégias de negociação com os outros participantes de uma prática discursiva, dentro de circunstâncias particulares, culturais, históricas e institucionais (Bakhtin, 2000).

Isso possibilita também que esses atores se apropriem dessas ações de letramento e se construam identitariamente nesse processo. Portanto, tal perspectiva implica em uma visão dialógica da linguagem cujo letramento, de forma supositiva, passa a ser entendido como prática social, situada, intersubjetiva e heterogênea.

De acordo com Brandão (1997), a realidade e as relações sociais influenciam e são influenciadas por práticas discursivas, os significados associados ao letramento são construídos durante as interações com textos, levando em consideração tempos e espaços variados que delimitam as margens dentro das quais as capacidades de expressão e atribuição de sentido se manifestam. Nessa dimensão, os significados são elaborados no enredo das relações sociais, contudo, no diálogo com o outro, em torno do texto e da realidade.

As práticas educativas desenvolvidas na Biblioteca Comunitária Alberto Mendes, enquanto espaço de educação não formal e socialização, compreende as dimensões educativa, cultural, afetiva e socializadora, logo, despertaram nossas indagações sobre esse espaço e sua contribuição para a comunidade onde está inserida. Nesse sentido, investigamos os significados dessas ações e em que medida elas influenciam a maneira como os sujeitos se posicionam em relação às práticas sociais, o que contribuiu para que pudéssemos entender e considerar que tais experiências são mediadas por comportamentos e particularidades específicas.

Ressaltamos que se coloca como um desafio significativo nesta pesquisa assumir essa postura diante do discurso das crianças e adolescentes, analisando práticas desenvolvidas e como os significados associados a elas se transformam e se adaptam de acordo com o contexto sócio-histórico e a situação concreta de interação.

Deste modo, a concepção pela qual essa pesquisa se apoia levando em consideração os conceitos teóricos sociais, contextualizados cultural e historicamente, diz respeito às significações de letramento em uma perspectiva social em que a cultura está intrinsecamente associada, com base em Kleiman (1995 e 2010), Soares (2010) e Barton (2000).

Dado o exposto, o termo letramento é uma expressão nova, que foi inserida nas Ciências Linguísticas e Educação em torno da segunda metade da década de 1980 o emprego desse termo teria surgido pela tentativa de conceituar separadamente os estudos acerca da alfabetização e o impacto social da escrita, atendendo, portanto, as demandas sobre leitura e escrita impostas pela sociedade (Kleiman, 1995). Conforme Soares (2010,

p.72), “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais.”

Em outras palavras, vale salientar que letramento é: “o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com práticas sociais de interação oral”. (Soares, 2010 p.6). Refletindo sobre o conceito apresentado, podemos definir letramento como o conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita, e que ocorrem em cenários e contextos diversos, logo, essas práticas influenciam e moldam as relações sociais, culturais e educativas. Portanto, o letramento não se limita apenas ao ato de ler e escrever, mas também contribui para o desenvolvimento da sociabilidade, da relação dos sujeitos com a comunidade onde estão inseridos. Ainda segundo Soares,

[...] letramento é uma variável contínua e não discreta ou dicotômica; refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita; compreende diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade. (Soares, 2010, p.112)

Assim, o letramento, para além do processo de alfabetização, compreende os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita por uma sociedade, considerando ainda, quem realiza as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa das práticas onde a escrita é parte constituinte da interação entre os sujeitos.

Kleiman (1995, p.19) define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Convém destacar que o processo de letramento ocorre em cenários educativos diversos, visto o letramento para além do desenvolvimento da escrita e da leitura, relacionar-se às práticas sociais de leitura e de escrita.

A análise das experiências de letramento realizadas com grupos em condição de vulnerabilidade social, evidencia a presença de dinâmicas de resistência, subversão e colaboração nas práticas educativas desenvolvidas nesses espaços. Vale destacar que as práticas educativas realizadas nesse espaço podem ser identificadas como letramento pois são desenvolvidas ao longo de trajetórias individuais, além de serem significativas na vida desses indivíduos. Contudo, tais práticas muitas vezes passam despercebidas e não

recebem o devido reconhecimento social, logo, é importante conhecer a trajetória desses sujeitos, pois

[...] o conhecimento dessas trajetórias o que mais pode contribuir para facilitar o acesso dos grupos tradicionalmente excluídos à escrita, via escola; ou seja, para proporcionar, por meio da escola, uma maior circulação pelas práticas letradas àqueles que provêm de famílias com tradição de analfabetismo, geralmente os mais pobres, que vivem nas margens da ordem social, pouco usufruindo dos bens e serviços do estado. O exame dessas trajetórias é relevante para entender o papel da coletividade, da resistência, da subversão no processo de letramento desses grupos. (Kleiman, 2010, p.376)

Tendo como base os estudos de Kleiman (2010), relacionamos a perspectiva de conhecer a trajetória dos sujeitos como contributiva para o acesso ao letramento não apenas aos espaços formais, mas também aos espaços de educação não formal. Espaços de educação não formal tais como a Biblioteca Adalberto Mendes são locais de resistência muitas vezes às margens do sistema de educação formal simbolizando espaços de luta e transformação da realidade dos sujeitos e da comunidade.

A título de ilustração, vejamos o trabalho de Souza (2009) que mobiliza o conceito “letramentos de reexistência”, cujo propósito é identificar práticas e conhecimentos que geralmente não são reconhecidos socialmente e busca desafiar discursos estabelecidos nos quais apenas os tipos de letramentos ensinados na educação formal são valorizados e legitimados. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma investigação que se baseou na análise das atividades de leitura e escrita não relacionadas ao campo escolar, e sim, observadas em grupos de jovens ativistas negros do movimento *hip hop* na cidade de São Paulo. Souza (2009) define letramento de resistência como práticas

[...] singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (Souza, 2009. p.32)

Nesse sentido, as práticas de letramento de reexistência possibilitam aos jovens assumir novos papéis sociais e desempenhar funções nas comunidades em que estão inseridos, logo, elas contribuem para o debate e a reflexão sobre as mudanças que precisam /devem ser realizadas nas demais esferas sociais, dentre elas, a escola. Ademais, o letramento de reexistência possibilita aos sujeitos assumir novos papéis sociais, e

redefinir suas identidades, ao conferir novos significados às funções e posições sociais a eles atribuídas, em uma sociedade caracterizada por profundas desigualdades.

Para Souza (2009), mediante essas práticas reinventadas, evidencia-se o caminho de uma história pouco contada, de maneira que os valores e os sentidos atribuídos à leitura e à escrita representam suas individualidades e a cultura em que estão inseridos.

O estudo de Souza (2009) evidencia ainda que os letramentos de reexistência são compreendidos como atividades sociais que envolvem o uso da linguagem em diversas modalidades, são diversas, críticas e não seguem uma estrutura linear. Eles se destacam por sua propensão a questionar, contestar, inovar e sugerir modificações nos contextos socialmente aceitos para o uso da linguagem na sociedade.

A perspectiva da linguagem de Bakhtin (2002) defende que a linguagem não existe sem os sujeitos, pois são eles os responsáveis por impregnar a linguagem com ideologias, percepções, experiências e práticas culturais, portanto é possível compreender a linguagem no meio social onde elas são gestadas e vivenciadas.

Nesse sentido, as ideologias resultantes das experiências dos sujeitos podem ser compreendidas de acordo com Bakhtin (2002, p.118), como “a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana”, ou seja, elas influenciam e são influenciados pelas ideologias dominantes no meio social onde ele vive. Partindo do exposto, conclui-se que a abordagem discursiva permite o reconhecimento das vozes sociais dos sujeitos que expressam suas experiências no mundo social (Bakhtin, 1988).

É nos diálogos cotidianos que as palavras são significadas e compartilhadas socialmente, nesse sentido, a linguagem entra em movimento a partir das interações mantidas pelos sujeitos, é nesse movimento que ela é apreendida e difundida no meio,

[...]neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso) toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma, a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (Bakhtin, 2003, p. 271)

Nesse sentido, as concepções de Bakhtin (2003) apresentam um aparato teórico que possibilita entender como os posicionamentos discursivos dos sujeitos e a maneira como se expressam em relação aos eventos e ações que participam contribuem para uma compreensão mais ampla das experiências humanas. Como ressalta Faraco (2009, p. 5, *apud* Saad & Vóvio, 2023), “a linguagem é uma realidade constituída por posicionamentos axiológicos, ou seja, ao falarmos sobre um objeto, assumimos certa atitude frente ao mesmo, carregada de valoração”, evidenciando que nossas palavras refletem as perspectivas e os valores que carregamos em relação ao mundo.

Nas últimas décadas, devido às transformações sociais, econômicas e tecnológicas, surgiram discussões acerca do conceito de letramento. Essas transformações alargaram as práticas de letramento, visto que não mais se restringem a práticas de leitura e de escrita na cultura do papel. A pluralização do conceito de letramento surgiu devido a

essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa já vem sendo reconhecida internacionalmente, para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial (Soares, 2002., p.156).

De acordo com Soares (2009), as tecnologias modernas, sobretudo as digitais, desempenham atualmente um papel significativo na origem dessas modalidades contemporâneas de letramento. Essas modalidades deixaram de se basear predominantemente em livros e documentos impressos, promovendo a evolução e a criação de novos gêneros de comunicação. Além disso, têm estimulado o desenvolvimento de novas abordagens para a interação, o consumo e a produção de textos.

Ao incorporar, no desenvolvimento desta dissertação, o conceito de letramento como vivência social no contexto educativo não formal, adotamos uma concepção que considera o letramento como prática social em que as atividades envolvidas na construção de significados se dão, em consonância com o que este referencial teórico defende. Deste modo, é possível compreendê-lo como um processo dinâmico, elaborado e reelaborado por sujeitos atuantes em determinada classe social, tal como destaca Green et al. (1994,

p.146 *apud* Loureiro, 2014), quando mencionam que “o letramento é realizado por meio de interações e comunicações de membros de um grupo. ”

Insistindo ainda no caráter da experiência com a prática de leitura, Candido (2011) e Petit (2009) apontam algumas de suas funções, sendo uma delas a de caráter social. Descrevem a literatura como um dos meios possíveis para as manifestações, expressões e disseminação do pensamento de determinados grupos, vista como um instrumento social e político, um meio de transformação da sociedade que auxilia os indivíduos a se tornarem pessoas autônomas, autores de suas próprias vidas.

Compreender as ações desenvolvidas na biblioteca comunitária Adalberto Mendes envolve entender as práticas de leitura como processo de produção de significados, capazes de promover reflexão ou emancipação do sujeito, tal como explica Kleiman (2010, p. 394): “experiências de acesso, circulação e dinamização das práticas de letramento para a vida social, experiências híbridas quanto aos valores locais e aqueles universais valorizados e legitimados pela escola”, e que permitem os sujeitos construir o conhecimento ao mesmo tempo que sejam capazes de criar/moldar a sua identidade”.

3 METODOLOGIA

Após o estudo de alguns autores que abordam a temática em questão, chegou o momento de dissertar sobre a metodologia adotada nesta pesquisa. Para tanto, pudemos contar com os antecedentes, os quais trouxeram reflexões pertinentes, possibilitando identificar contribuições significativas no sentido de revisitar as dimensões teórico-metodológicas para a investigação.

Para delinear as bases do trajeto metodológico, condicionou-se um estudo de investigação, por meio de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa a qual se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou uma organização.

A pesquisa qualitativa considera um nível de realidade que não pode ser quantitativo e tem como objetivo “[...] trabalhar com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2002, p. 21).

Assim, podendo descrever os fatos e fenômenos da realidade, propôs-se ainda um estudo do tipo exploratório e descritivo, uma vez que “as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2017, p. 33).

As pesquisas já existentes armazenadas tradicionalmente em livros, documentos e domínios públicos facilitaram a investigação e nos proporcionaram o conhecimento prévio daquilo que se pretende aprofundar.

A pesquisa foi realizada na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, um projeto social, pensado, consolidado e autogerido pela organização social autônoma Movimento Social Fome, localizada em um território de vulnerabilidade social, no bairro Cidade Dr. José Euclides, comumente conhecido como Terrenos Novos, na cidade de Sobral, no interior do Estado do Ceará.

A pesquisa teve como sujeitos crianças e adolescentes que frequentam a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes. A amostra foi realizada da seguinte forma: 1 grupo de 7 participantes, crianças, entre 7 e 13 anos de idade e 2 educadores Sociais (adultos). O número de crianças e adolescentes registradas como frequentadoras da biblioteca gira em torno de 20 a 30, com idades entre 6 e 13 anos de idade, contudo esse número é variável por ação e período, havendo uma maior frequência das crianças entre 7 e 10 anos e menor frequência dos adolescentes entre 11 e 13 anos de idade.

Em função da grande quantidade de crianças e de adolescentes que frequentam a biblioteca e o tempo disponível para aplicação dos instrumentos, foi necessário estabelecer uma amostra para colher os depoimentos. A escolha da amostra se deu por conveniência como uma amostra não-aleatória probabilística. Os participantes foram escolhidos a partir dos critérios: maior frequência na biblioteca nos últimos 3 meses; envolvimento com as atividades/ações, aceitar participar da pesquisa/atividade de coleta de dados e anuência dos pais. A pesquisa ocorreu em dois momentos, conforme descrito a seguir.

O primeiro momento correspondeu à etapa de observação participante. A inserção no campo de pesquisa para a observação ativa dos sujeitos, a imersão no território existencial o qual nos permitiu captar as ações reais no espaço da Biblioteca, por meio de visitas, durante 1 semana.

De acordo com Fiorentini e Lorenzato (2009), a observação participante é um tipo de instrumento de estudo essencial na realização de pesquisas de campo com abordagem

qualitativa, visto que o pesquisador frequenta o espaço onde os fenômenos ocorrem de forma natural. Dessa maneira, “a coleta de dados é realizada junto aos comportamentos naturais das pessoas quando estas estão conversando, ouvindo, trabalhando, estudando em classe, brincando, comendo” (Fiorentini; Lorenzato, 2009, p.107).

O segundo momento da pesquisa destinou-se à aplicação dos instrumentos para coleta de dados, foram utilizados como instrumentos o grupo focal e a entrevista semiestruturada.

O grupo focal foi realizado com 7 crianças entre 7 a 13 anos de idade (4 meninos e 3 meninas). Foi planejado com o intuito de proporcionar um momento de diálogo acerca das motivações a partir das quais as crianças e os adolescentes frequentam o espaço socioeducativo, com vistas a compreender em que medida esse espaço pode, através das atividades desenvolvidas, ressignificar a vida dessas crianças e adolescentes.

Para Morgan (1997), o grupo focal é uma técnica de coleta de dados específico das pesquisas com abordagem qualitativa, que coleta informações por meio das interações grupais. A partir dessa técnica, é possível coletar dados que seriam menos acessíveis fora do contexto de interação, diretamente, dos depoimentos dos participantes, onde são relatadas as experiências e as percepções a respeito de um tema de interesse comum.

O grupo focal foi dividido em três encontros, cada um focado em um dos objetivos específicos da pesquisa. Optamos por utilizar atividades lúdicas para incentivar a interação e construir confiança. Então, em cada encontro após o diálogo inicial sobre o tema, realizávamos a dinâmica.

A entrevista semiestruturada, por sua vez, realizou-se com 2 educadores sociais, fundadores e gestores responsáveis pelo espaço socioeducativo. Foi realizada em um único encontro com os 2 educadores sociais e durou cerca de 1h30min. A entrevista foi projetada a fim de conhecer as percepções enquanto educador social acerca das ações desenvolvidas no espaço socioeducativo, tal como a contribuição de tais ações e as experiências para a construção de novas narrativas na vida das crianças e dos adolescentes.

A entrevista semiestruturada é um mecanismo muito utilizado no campo da Educação e da Psicologia. É uma estratégia que tem como objetivo identificar nos sujeitos os sentimentos, as emoções, as crenças e os pensamentos, assim como identificar os tipos de comportamentos e a subjetividade humana (Guazi, 2021). Os instrumentos para a entrevista e grupo focal estão nos Apêndices.

Os dados coletados foram organizados de acordo com o método de análise do discurso, análise de conteúdo de Bardin (2016) que busca privilegiar as percepções e as compreensões dos sujeitos citadas em seus depoimentos. Para Bardin (2016), a análise de conteúdo proporciona inferências que possibilitam realizar interpretações tendo como base a identificação objetiva e sistemática de aspectos presentes nas mensagens, buscando realizar deduções lógicas e justificadas sobre a origem dessas mensagens. A autora ressalta que a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

A pesquisa apresentou riscos mínimos relacionados a possíveis situações de constrangimento sentido pelos participantes no que tange às perguntas da entrevista semiestruturada e do grupo focal, tendo em vista estarem relacionadas ao cunho acadêmico e a compreensão das ações desenvolvidas na biblioteca capazes de contribuir para ressignificar a vida das crianças e adolescentes que dela fazem parte.

A fim de minimizar tais danos, reforçamos junto aos participantes e seus pais/responsáveis a garantia do total anonimato, além de explicarmos que uma das intenções da pesquisa foi gerar material e informações que retornem como propostas a serem implementadas nos mais diversos contextos de trabalho de entidades sociais que realizam esse tipo de acolhimento. Ainda assim, ressaltamos que em caso de alguma reação adversa do participante com relação às perguntas, deixando-o desconfortável, os procedimentos de coleta de dados seriam imediatamente suspensos.

O termo de consentimento foi entregue aos responsáveis pela biblioteca no dia da entrevista semiestruturada para coletar as assinaturas dos pais. Todos os pais das crianças e adolescentes assinaram o termo.

A pesquisa cumpriu o que se estabelece na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, considerando o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes, conforme cita a lei: “a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes” (Brasil, 2016, p. 1), sendo assim foi submetida ao Comitê de Ética em

Pesquisa, junto à Plataforma Brasil e a carta de aprovação (Parecer do CEP nº: 6.563.452) encontra-se em anexo.

Para facilitar a coleta e o registro dos dados foi utilizado gravação em áudio. Para a transcrição dos dados utilizamos uma ferramenta conversor de áudio. As gravações e qualquer tipo de informação relativa à identificação dos participantes serão mantidos em sigilo e os dados serão descartados após 5 anos de encerramento da pesquisa. As observações foram registradas nas anotações da pesquisa. Para realizar as análises, todos os dados (da entrevista semiestruturada, do grupo focal e das observações) foram triangulados.

4 CONTEXTO DA PESQUISA/ ANÁLISES

Este capítulo tem como propósito descrever e interpretar os dados, orientando-se pelo referencial teórico (capítulo 2) e a metodologia (capítulo 3), cuja análise deve responder os seguintes questionamentos elaborados para a investigação: É possível que as ações desenvolvidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes contribuam para o letramento, para o desenvolvimento e o fortalecimento das relações socioculturais e socioeducacionais entre as crianças e adolescentes que participam das atividades promovidas pelo espaço? Como uma biblioteca comunitária, por intermédio do incentivo à leitura, pode contribuir para a inclusão e transformação sociocultural das crianças e adolescentes do bairro de Terreno Novos, em Sobral- CE?

Para que pudéssemos proceder com a análise, foi necessário triangular os instrumentos (entrevista semiestruturada e grupo focal) aos dados provenientes das anotações e observações das atividades realizadas com as crianças e adolescentes, proporcionando mais compreensão, visando assim à interpretação dos dados coletados.

4.1 Contexto da comunidade

Antes de apresentar o bairro “Terrenos Novos” e a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes onde a pesquisa foi realizada, contextualizamos a cidade de Sobral, onde o bairro Terrenos Novos está situado.

Conhecida como Princesinha do Norte, Sobral é considerada “capital regional”, situada na região Norte do estado do Ceará, a 235 quilômetros da Capital Fortaleza. Inserida no rol das cidades que mais se desenvolveram no Brasil na última década, Sobral é referência de crescimento e desenvolvimento econômico do interior do Ceará, constituindo-se num centro de convergência, por sua ampla e moderna estrutura nos setores de saúde, educação, comércio, indústria, lazer, cultura e arte (Nunes; Vasconcelos, 2023).

Fundada em 1841, o município ocupa uma área de 2.129 km² e uma população estimada de 203.023 habitantes (IBGE, 2022), caracterizado por um clima quente e seco. O povo sobralense registra a sua identidade em um importante patrimônio material e imaterial construído ao longo da história e que passou a fazer parte do Patrimônio Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em agosto de 1999, sendo um dos maiores conjuntos tombados do Brasil, com uma área de 1,484 km (Araújo, 2021).

O conjunto urbanístico reconhecido como Monumento Nacional abriga 1.247 imóveis com diversas tipologias arquitetônicas, que vão desde colonial, passando pelo barroco sertanejo, neoclássico, art *nouveau* e art *déco*. Entre esses atrativos destacam-se: o Museu do Eclipse, o Museu Diocesano, Museu Madri, o Teatro São João (o segundo mais antigo do Ceará) e a Casa da Cultura que recebe inúmeras exposições de artes nacionais e internacionais (Coelho Neto, 2000).

Dentro do contexto de indicadores nacionais, Sobral emerge como um exemplo de sucesso escolar. Ocupa o primeiro lugar do Brasil no Índice de Desenvolvimento da Educação – IDEB, do Ministério da Educação, referente ao ano de 2021, entre os municípios com mais de 50 mil habitantes. Os resultados divulgados pelo Ministério da Educação mostraram que Sobral possui 9 (nove) escolas entre as 100 (cem) melhores do país, sendo 4 (quatro) delas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 5 (cinco) nos anos finais. Os resultados do IDEB versam, ainda, que o município se encontra acima da média do país e do Estado, abrangendo as duas categorias da avaliação – taxa de rendimento escolar e as médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Brasil, 2021).

Por outro lado, essa cidade marcada por riquezas culturais, também apresenta as suas vulnerabilidades, pois com o crescimento populacional, surgem ocupações diversas e desordenadas, resultantes tanto do êxodo rural quanto da chegada de trabalhadores

qualificados de outros municípios, especialmente das cidades adjacentes, impulsionados pelas novas oportunidades de trabalho, geradas pela instalação de grandes indústrias e criação de instituições de ensino superior, a partir da década de 1990. Esse crescimento trouxe avanços em várias áreas, entretanto, também evidenciou desafios não resolvidos, como a escassez de serviços de saúde, transporte, moradia e, em particular, a violência (Silva, 2021).

Como toda grande cidade o desenvolvimento não acontece por igual, e as periferias ainda representam um forte contexto de abandono e desigualdade social. Nesse sentido, se insere a comunidade Terrenos Novos, onde a Biblioteca comunitária Adalberto Mendes (nosso lócus da pesquisa) está localizada. Conforme mencionado anteriormente, Terrenos Novos é o nome popular pelo qual é conhecido o bairro oficialmente denominado Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes, atualmente um dos bairros mais populosos da cidade de Sobral, com 30 mil habitantes, constituído predominantemente por famílias de baixa renda, sendo considerado um dos bairros mais pobres economicamente no Município de Sobral (IPECE, 2024).

O bairro teve origem a partir da criação de um loteamento público, previsto pela Lei Municipal nº 013 de dezembro de 1982, durante a gestão do então prefeito José Euclides Ferreira Gomes Júnior. Com a criação do loteamento, a população de baixa renda encontrou uma oportunidade para resolver suas questões habitacionais e os lotes criados pela prefeitura ficaram conhecidos como os "terrenos novos" da cidade (Cela, 2023).

A região onde foi realizado o loteamento era uma antiga fazenda pública, localizada a 3,5 km do centro da cidade, às margens do açude Mucambinho, que foi construído pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) do governo federal, na época das secas ocorridas no Ceará no final do século XIX. Entretanto, as condições topográficas dessa área não eram adequadas à construção de moradias (Cela, 2023).

Embora tenham sido distribuídos lotes para as famílias que necessitavam de moradia, a ocupação se deu de maneira totalmente aleatória, sem planejamento, visando apenas interesses políticos no que diz respeito à multiplicação de votos. A distribuição dos lotes aconteceu através dos "cabos eleitorais", ligados a partidos políticos do governo vigente que tinham o interesse de garantir o voto das famílias de baixa renda. Dessa maneira, a princípio foram ofertados 1.320 lotes com 96 metros quadrados, sendo 6

metros de frente. Além disso, os lotes foram doados pelo poder público, porém, a construção das residências ficou sob a responsabilidade da própria população (Cela, 2023).

A maioria das pessoas que receberam os lotes eram provenientes de áreas rurais, de distritos ou cidades vizinhas que se mudaram para Sobral em busca de oportunidades de emprego. De modo geral, esses beneficiários não tinham condições de construir suas moradias, portanto, para ajudar nas obras de suas casas, acabaram por negociar de maneira extraoficial, vender ou trocar parte dos seus lotes por material de construção. A própria comunidade realizou mutirões para construir suas habitações.

Essa divisão desorganizou a configuração original do loteamento e a formação do bairro se deu pelo protagonismo da própria comunidade, sem regulamentação pública, sem padrões construtivos, com ausência de serviços básicos como saneamento, rede elétrica, segurança, lazer, um total descaso por parte do poder público, o que conseqüentemente contribuiu para a segregação e a exclusão daqueles que tentam sobreviver na cidade (Silva, 2021).

Com essa ocupação desordenada, a população que habitava o bairro desde o início da sua criação vivenciou uma série de dificuldades em relação aos direitos sociais fundamentais aos cidadãos. Somente 6 anos depois foi que o poder público providenciou as primeiras instalações de redes elétricas e hídricas.

Atualmente, a presença de equipamentos públicos ainda é considerada insuficiente para garantir o pleno exercício dos direitos à cidadania. A maioria dos equipamentos disponíveis no bairro é vinculado a área da educação: um centro de Educação Infantil (CEI) Dolores Lustosa; duas escolas de ensino fundamental (Escola Mocinha Rodrigues e Escola Maria Yêdda Frota); e um colégio de ensino Fundamental e médio (Colégio da Polícia Militar do Ceará - Jarbas Passarinho).

Na área da saúde, o bairro possui três equipamentos: o Centro de Saúde da Família (CSF) Francinilda de Sousa Mendes, o Programa de Saúde da Família (PSF) e o Hospital Regional Norte (HRN) que foi construído no ano de 2011.

No que diz respeito ao lazer, o bairro possui os seguintes equipamentos: uma quadra esportiva fechada da Escola Mocinha Rodrigues, o Parque José Euclides (recém-inaugurado em junho de 2022 - conta com pista de skate, campo de futebol e arena para vôlei de areia, academias ao ar livre, ciclovia e iluminação em LED, uma área total de mais de 10 mil m²) e uma praça (Equipamento público vinculado à execução do Programa

Mais Infância, uma política multissetorial criada em 2015 pelo Governo do Estado do Ceará, que visa a promoção de ações voltadas para o desenvolvimento infantil), localizada no limite entre o bairro Terrenos Novos e o bairro Vila União.

A vulnerabilidade socioespacial e o contexto socioeconômico do bairro, levando em consideração o alto nível de pobreza das famílias e o baixo nível de escolaridade e pessoas alfabetizadas, são fatores que agravam a escassez de oportunidades de emprego e renda, o que ocasiona, de maneira sistêmica, a explosão de violência e criminalidade.

De acordo com reportagem da Folha de São Paulo (2020) os moradores do bairro Terrenos Novos reclamam da falta de infraestrutura e da ausência das forças de segurança, pois há domínio de facções e constantes tiroteios e assaltos no bairro - a sensação de insegurança é enorme. A população reclama que não existe uma política de combate à guerra entre facções criminosas, o que tem custado vidas inocentes. (Silva, 2021, p. 158)

De modo geral, a fragilidade na implementação de políticas públicas sociais nos bairros periféricos tem agravado historicamente a situação de vulnerabilidade das famílias. A vida social nesses territórios sofre uma série de dinâmicas conflituosas relacionadas à violação dos direitos básicos dessas populações, assim, diante desse panorama, a violência urbana ganha amplitude cada vez mais significativa.

O bairro conta ainda com uma diversidade de pequenos comércios, serviços diversos como farmácia, depósitos de construção, vendas de água, lanches e igrejas. Em sua maioria, é um bairro predominantemente residencial, conforme citado anteriormente, um território que se configura por habitações autoconstruídas por mutirões comunitários, sem recuos, com fachadas que se ligam diretamente às ruas, proporcionando uma vivência local favorecida pela integração dos moradores e pelas intensas relações sociais entre a comunidade (Cela, 2023).

Essa relação de cooperação entre os membros da comunidade favoreceu a vida cotidiana ao longo do tempo, intensificando o sentimento de pertencimento dos moradores com o lugar em que vivem, fortalecendo sua organização social. Através dessa parceria e engajamento coletivo, os primeiros moradores foram se organizando em busca de melhorias para o bairro, infraestrutura, luta por direitos sociais e urbanos, e assim surgiram lideranças comunitárias representando um movimento social ativo. Foi dessa maneira que em 1987 foi criada a Associação Benedito Tonho dos moradores do Terrenos Novos, cuja atuação permanece forte até hoje (Cela, 2023).

A dinâmica de engajamento social do bairro influenciou a formação de diversos grupos e organizações comunitárias ao longo de sua trajetória, incluindo o Movimento Social Fome.

O Movimento Social Fome, por sua vez, é um coletivo de jovens moradores do bairro que iniciou o seu processo de criação no ano de 2013, na perspectiva de fomentar uma organização popular local, que insira diretamente a força do povo nas ocupações do espaço público. Ao longo do seu percurso o Movimento Social Fome desenvolveu alguns projetos como: Sopão Comunitário, Arte na Praça, Cine Mucambim, Bike Sonora, Miss periferia, Biblioteca ambulante e Biblioteca Comunitária (nosso campo de pesquisa, na qual vamos falar mais adiante). Hoje estão à frente do Movimento os fundadores, produtores culturais e educadores Sociais Renan Dias e Raiana Souza; e indiretamente voluntários que contribuem em ações mais pontuais.

O movimento Social Fome surgiu a partir de um grupo de teatro de rua que encenava a “Paixão de Cristo”, no período da quaresma cristã. Durante o restante do ano o grupo ficava ocioso, contudo, percebendo a necessidade de criar algo a favor da juventude, o grupo expandiu sua programação em diversas ocasiões, como proposta de ocupar com arte e cultura esse tempo ocioso. De acordo com Raiana Souza³, fundadora e articuladora do Movimento:

A pretensão inicial do FOME era construir uma agenda de atividades artísticas e culturais como forma de ocupação direta do espaço público da periferia, tornando essas atividades uma maneira mais direta de chegarmos nas pessoas do bairro a fim de convidá-las para fazerem parte do coletivo, ou mesmo apoiar as ações que eram executadas. (Baoba.org.br)

O FOME passou a realizar diversas atividades culturais para a comunidade, como saraus de poesia, oficinas de arte urbana, batalhas de rimas e rap, oficinas de fotografia e vídeo, teatro e cineclube, fortalecendo dessa maneira a juventude da periferia. A educadora Social Raiana¹ explica ainda como surgiu os primeiros movimentos culturais e sociais no bairro:

Nossa primeira atividade na rua foi exatamente com a proposta de uma intervenção audiovisual com exibições de filmes e videoclipes de artistas locais. O Cine Comunitário foi uma atividade bem direta com a finalidade de

¹ Entrevista Realizada com Raiana Venâncio de Souza, educadora social, estudante Curso de Serviço Social, da Faculdade F5, no dia 12 de março de 2024.

explorar a reação das pessoas que até então não sabiam exatamente do que se tratava aquela intervenção audiovisual.

A iniciativa dos movimentos sociais e culturais no bairro é uma forma de reagir aos desafios da vulnerabilidade social enfrentados pelas famílias que vivem na periferia. É uma resposta à escassez de equipamentos e de políticas públicas que atendam às necessidades das pessoas que não vivem na elite.

Assim, a biblioteca contribui para difundir a cultura local e, conseqüentemente, trabalha com letramento de resistência, pois na medida em que os sujeitos vão conhecendo e valorizando sua cultura, sua comunidade, suas potencialidades vão colocando em prática a educação crítica e tornando esses sujeitos aptos a atuar na sociedade.

Assim, o Movimento Social Fome, enquanto organização comunitária dos jovens locais, "surgiu pela FOME de políticas públicas direcionadas às comunidades periféricas de Sobral, uma vez que "ter FOME não é só comer um prato de comida" (Mapa Cultural do Ceará, Governo do Estado do Ceará). Para os jovens da periferia essa FOME representa mudanças a favor da coletividade, FOME por direitos e igualdade social, portanto, um Movimento de resistência e luta.

4.2 Biblioteca e ações

Nesse tópico, será discutido o papel da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes e as ações que são realizadas neste espaço. Para tanto, utilizou-se como dados a entrevista semiestruturada com os educadores sociais, além das observações.

A Biblioteca Adalberto Mendes nasceu de um sonho coletivo, inserida no Movimento Social FOME, como uma resposta da comunidade do Bairro Terrenos Novos à ausência de ações e políticas públicas direcionadas à juventude da periferia. O Movimento Social FOME é um projeto pensado, criado, consolidado e autogerido pelos jovens da própria comunidade.

Vale ressaltar que o contexto de criação da Biblioteca Adalberto Mendes segue uma dinâmica de acontecimentos que vão moldando a sua história, inicialmente por meio de um grupo de teatro de rua, criado pelos jovens do bairro. Com o teatro de rua, os jovens perceberam o impacto que as encenações causavam na comunidade e sentiram-se

instigados a ocupar os espaços do bairro com a arte em suas mais diversas linguagens, desde o Teatro, a Música, Cinema e Literatura, esse foi o ponto de origem do Movimento Social FOME, que se expandiu em todas as vertentes e mantém atualmente diversos equipamentos de arte e cultura no bairro, dentre eles a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, objeto desta investigação.

Conforme foi mencionado, as primeiras ações realizadas pela Organização Movimento Social FOME aconteceram no ano de 2013 nas ruas do bairro Terrenos Novos, onde os jovens circulavam em praças, esquinas e terrenos, levando para esses locais, encenações teatrais que não costumavam ser ofertadas e incentivadas pelo poder público nas periferias da cidade. É conveniente destacar que a cidade de Sobral é conhecida pelo incentivo e apoio à cultura em suas mais diversas linguagens, tais como: Música, Teatro, Artes Plásticas e Cinema, contudo essas ações são ofertadas e desenvolvidas no centro da cidade com o auxílio dos equipamentos municipais, tais como a Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes Prof^o. Augusto Pontes - ECOA²; Teatro São João³; Escola de Música, Casa de Cultura, Museu Madi, Museu Dom José, dentre outros espaços. Portanto, o governo municipal investe bastante na difusão da arte e cultura da cidade, contudo, tanto os equipamentos como as atividades culturais estão todos concentradas ao longo do corredor cultural de Sobral, reforçando a exclusão das regiões periféricas das cidades.

Conforme Marques (2019, p.10), “as periferias também foram excluídas do perímetro cultural da cidade, delimitado por bairros centrais que possuem em sua estrutura espaços de arte institucionalizados como teatros, centros culturais e museus.” Como parte de uma cultura eurocêntrica e que privilegia a cidade e seus espaços centrais, até a década de 1990 as periferias urbanas foram excluídas de políticas e equipamentos culturais, sendo estes relegados a ações de coletivos ou de ONGS, que investiam na

² O Instituto ECOA é uma instituição de caráter privado, sem fins lucrativos, que mantém parceria por meio de um contrato de gestão com a Prefeitura Municipal de Sobral, através da Secretaria da Cultura e Turismo – SECULT, para desenvolvimento de atividades socioeducativas no setor da cultura. Está instalada no prédio da Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes Prof^o Augusto Pontes que foi inaugurado dezembro de 2004. Dispõe de teatro, atelier de artes plásticas, salas de dança, salas de aula e estúdio de música onde funciona a Rádio Ecoa. Sobre a ECOA, ver: <https://mapacultural.crateus.ce.gov.br/agente/8658/>

³ O Teatro São João, o segundo mais antigo do Ceará, construído durante a maior seca do período de 1877 - 1879, e inaugurado em 26 de setembro de 1880 e tombado pelo IPHAN em 30 de novembro de 1983 como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi completamente restaurado entre os anos 2000 e 2004. Sobre o Teatro ver: MELO, Francisco Dênis. Abrem-se as cortinas: histórias e memórias sobre o Theatro São João de Sobral (1930-1980)

periferia como estratégia de combate ao medo e à violência (D'Andrea, 2013). O processo de ocupação dos Terrenos Novos pelo Movimento Social FOME nasceu com motivações semelhantes, segundo a narrativa do Educador Social Renan Dias⁴ sobre o processo de ocupação dos espaços do bairro com atividades artísticas:

[...] então você vê que tinha uma juventude que tem um potencial muito grande de artistas, educadores populares, comunicadores. Fomos juntando todas essas sabedorias no intuito de poder fazer com que essa arte, essa cultura, ela pudesse estar circulando e sendo fortalecida.

Dessa maneira, frente ao cenário de vulnerabilidade social, movidos pelo desejo de resistência e na perspectiva de defender os seus direitos, os jovens do Movimento Social FOME reuniram suas potencialidades a fim de promover pelas ruas atividades de arte, cultura e educação. Conforme reforça o educador social Renan:

Por conta de entendermos que o bairro dentro da periferia, a gente tem uma produtividade muito grande de potencialidades e que quanto mais espaços e práticas não formais existam (de arte, cultura e educação) poderiam fortalecer ainda mais o que se pensa, quando se pensa os caminhos da educação.

Sair da zona de conforto e ocupar os espaços públicos da periferia sobralense era, para os jovens do Movimento Social FOME, uma forma de transcender a ordem estabelecida e transformar a realidade, pois a ocupação do espaço carente de equipamentos culturais, tomado pela violência e drogas, era uma estratégia de mostrar outras possibilidades para a comunidade. Afinal, a utilização da arte em suas múltiplas linguagens “facilitavam o encontro e a convivência, estabelecendo relações sociais e aumentando o nível de confiança entre a própria população periférica.” (D'Andrea, 2013, p.187).

Em um contexto violento em que eram cada vez mais extensas as redes de sociabilidade voltadas a atividades ilícitas, tentar produzir arte e cultura era uma forma de escapar delas e dar outro direcionamento à vida. Assim, no ano de 2015, o Movimento Social FOME intensificou as suas ações criando a biblioteca ambulante, a ideia da biblioteca ambulante veio de um dos membros fundadores do Movimento Social FOME.

⁴ Entrevista Realizada com Francisco Renan Dias Marques, educador social, graduado em Filosofia-Licenciatura, especialista em Gestão Cultural e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no dia 12 de março de 2024.

O jovem Renan Dias havia participado como bolsista do Projeto “Agente de Leitura”, projeto criado e mantido pela Secretaria de Cultura de Sobral, e que tinha por objetivo incentivar a leitura no residencial Novo Caiçara, residencial ligado ao Projeto minha casa minha vida. Contudo, o projeto agente de leitura durou apenas seis meses, mas havia despertado em Renan a consciência de quanto a leitura e o seu incentivo eram relevantes para transformar as percepções das crianças e dos adolescentes que habitavam as periferias sobralenses.

Foi nesse cenário que o educador social compartilhou suas percepções e suas ideias para os membros do Movimento Social FOME, os quais abraçaram a ideia e a colocaram em prática, ampliando as ações que já desenvolviam no bairro, assim, para além do Teatro e da Música, agora difundiam a leitura por meio de uma biblioteca itinerante.

A proposta era incentivar a leitura por meio de atividades de arte e cultura tanto para crianças, quanto para jovens e adultos, essa iniciativa do Movimento Social FOME é semelhante às práticas de educação não formal a favor da transformação e inclusão social, além de serem uma forma de letramento de resistência. Afinal, como afirma Souza (2016), o letramento de reexistência,

[...] tem apoio em três vértices que podem estar em diferentes esferas sociais: os letramentos escolares, as experiências de letramento apoiadas nas práticas sócio-históricas e culturais do grupamento de origem e as práticas de usos de linguagem ligadas ao momento vivido no aqui agora, seja em movimentos sociais, grupos de lazer, de esportes ou em outros associativismos. (Souza, 2016, p.70)

As práticas desenvolvidas pelo Movimento Social FOME estão inseridas dentro de uma perspectiva de letramento de resistência, pois utilizam-se dos espaços não formais de educação para incentivarem os jovens da periferia à leitura, e assim combaterem a vulnerabilidade social, o que fica perceptível quando Renan Dias descreve como aconteciam as primeiras atividades da biblioteca itinerante:

...levávamos os livros para fazer as contações de histórias, empréstimos e a gente levava instrumentos musicais também com esse fortalecimento para poder com isso instigar essa curiosidade das pessoas que estavam vendo aquilo ali, diferente, dentro do bairro, dentro da praça, na esquina, na calçada e a gente pudesse iniciar um processo de diálogo e de compartilhamento de ideias.

Uma professora do Curso de Serviço Social, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), professora Val, tomando conhecimento do projeto da Biblioteca ambulante, e reconhecendo sua importância para a comunidade, realizou a doação de duas bicicletas cargueiras para o Movimento Social FOME. A partir dessa doação, a biblioteca ambulante expandiu as ações de leitura, afinal as bicicletas favoreciam a locomoção para as diversas áreas do bairro além de facilitar o transporte dos livros e a articulação de atividades na comunidade e até mesmo em periferias vizinhas.

Assim, em bicicletas cargueiro repletas de livros e instrumentos produzidos com material reciclado que a Biblioteca Ambulante seguia pelas ruas do bairro Terrenos Novos. As ações aconteciam aos sábados, cada sábado uma rua diferente, como afirma o educador social Renan, segundo o qual “mesmo sem conhecer, movidos apenas pela experiência do inesperado”⁵, a biblioteca ia crescendo e ganhando visibilidade, todos no bairro e na cidade de Sobral já conheciam a famosa biblioteca ambulante. É importante destacar que os primeiros livros da biblioteca ambulante eram de um acervo do próprio Educador social. Sobre as primeiras ações da Biblioteca na Comunidade, a Educadora Raiana Souza⁶ relembra que:

... a gente chega muito na proposta de imaginar que as pessoas viriam nesse espaço só para pegar livro emprestado, que a gente ia ter esse fluxo bem grande de empréstimo de livros, né? Só que de fato não se tem muito essa prática. Portanto, a gente também chega nessa proposta de incentivar essa prática da leitura.

A narrativa da educadora social Raiana revela que as primeiras ações da biblioteca ambulante partiam de uma proposta de facilitar o acesso aos livros; contudo, a partir das ações tornou-se perceptível que, para além do empréstimo de livros, eles deveriam letrar seu público (mediar a leitura, com isso ensinando leitura), despertar neles o interesse pela leitura, talvez sem saber, a Biblioteca ambulante estivesse realizando o letramento dessas crianças e adolescentes; afinal, uma das funções primordiais do letramento é a formação de leitores, leitores que leem porque entendem que através da leitura podem ler,

⁵ Entrevista Realizada com Francisco Renan Dias Marques, educador social, graduado em Filosofia-Licenciatura, especialista em Gestão Cultural e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no dia 12 de março de 2024.

⁶ Entrevista Realizada com Raiana Venâncio de Souza, educadora social, estudante Curso de Serviço Social, da Faculdade F5, no dia 12 de março de 2024.

compreender e transformar sua realidade e atuar de forma mais consciente na sociedade. (Dalla-Bona, 2013)

Com o passar do tempo, as pessoas foram conhecendo a biblioteca ambulante e entendendo a importância dessa iniciativa, na medida em que participavam, também ajudavam com a doação de livros. Assim, o acervo foi crescendo e surgiu a necessidade de um espaço físico, um “ponto fixo” para ampliação das ações dentro da comunidade, atuando como campo de inclusão social a partir do acesso à informação e à formação propriamente dita por meio da apropriação do que a leitura proporciona, e apoio ao desenvolvimento sociocultural.

A princípio, foi pensado em um espaço de memória onde funcionou a primeira rádio comunitária do bairro. Esse espaço estava ocioso por alguns anos, mas antes de realizar a mediação com as pessoas responsáveis, o espaço foi cedido para os pastores de uma igreja. Não demorou muito para os jovens que compunham o Movimento Social FOME receberem a doação de um espaço para sediar o projeto da Biblioteca Ambulante, na verdade um “quartinho” cedido pela avó do Educador Social. E foi assim que, em maio de 2018, segundo relata o Educador Social Renan⁷, nasceu a Biblioteca comunitária Adalberto Mendes - entre Literatura e Território, “em um “espaço físico pequeno, mas também muito grande para o mundo da leitura”:

A gente teve uma experiência interessante... em um sábado (e no domingo era dia das mães) ... estávamos inaugurando, trazendo nosso acervo, inaugurando a biblioteca e a Polícia Militar na outra rua estava fazendo a base dela... um divisor de água, uma virada de chave... como é que tem atuado o poder público, as políticas públicas dentro do bairro, né? Enquanto o movimento auto organizado dos jovens dentro do bairro traz essa proposta de uma outra educação, de um outro ponto de vista, de leitura e de cultura e de arte, né? Fazendo aquilo sem incentivo de poder público nenhum ou o poder público com a segurança pública ela trata desse enfrentamento da violência com arma.

A fala do educador social apresenta uma importante concepção de educação enquanto um movimento de resistência e transformação, que vai além das abordagens tradicionais ou institucionalizadas. Ao descrever a inauguração da biblioteca comunitária em contraste com a presença da Polícia Militar estabelecendo uma base na mesma

⁷ Entrevista Realizada com Francisco Renan Dias Marques, educador social, graduado em Filosofia-Licenciatura, especialista em Gestão Cultural e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no dia 12 de março de 2024.

comunidade, ele aponta uma "virada de chave" entre dois modos de atuação, do poder público e da sociedade civil. De um lado, há a segurança pública que responde à violência com armas, uma solução reativa e focada no controle, enquanto, do outro, jovens organizados de forma autônoma oferecem uma alternativa: a educação, a cultura e a arte como ferramentas de transformação social.

Essa concepção de educação vai além do conteúdo curricular formal, propondo uma "outra forma de educação" que nasce da comunidade e busca construir novas perspectivas de mundo para as crianças e adolescentes. Trata-se de uma educação crítica, que não apenas instrui, mas capacita os indivíduos a compreender e transformar sua realidade. A biblioteca comunitária, nesse contexto, estabelece-se como um espaço de inclusão e resistência onde a educação é vista como uma forma de enfrentamento das mazelas sociais, em contraposição à violência armada e à exclusão.

Dessa maneira, a fala do educador social reflete ainda a importância de iniciativas comunitárias que, sem apoio direto do Estado, assumem um papel central na promoção de cidadania e na criação de oportunidades que vão além da repressão. Ao valorizar o conhecimento, a leitura e a cultura, essa proposta educacional sugere que a verdadeira transformação social só é possível quando a educação é compreendida como um direito emancipatório que promove a dignidade humana, a consciência crítica e a construção de uma sociedade mais justa.

No ano de 2022, a sede do projeto passou por uma ampliação, garantindo um maior espaço físico para atender a comunidade. O acervo também foi ampliado. O nome "Adalberto Mendes Pontes" é uma homenagem a um morador (que está vivo), memorialista, historiador e líder comunitário que fez parte da construção do bairro e desenvolveu espaços como a associação e a rádio comunitária.

Os moradores do bairro ajudaram na organização do espaço que foi coletivamente pintado com grafites que adornam as paredes exteriores, criando um ponto colorido em um lugar que sem a presença da biblioteca comunitária seria somente cinza. Abaixo pode-se visualizar a fachada da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, com seus grafites e cores originais da sua fundação.

Figura 1 - Fachada da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes



Fonte: acervo da biblioteca

Os materiais utilizados na instalação da biblioteca, como estantes, cadeiras e bancos, são provenientes de doações por colaboradores, apoiadores e moradores do bairro. Os recursos adquiridos ocorreram por meio de doação de pessoas físicas, as quais ajudam na manutenção da biblioteca, nos gastos básicos de infraestrutura e materiais para as atividades oferecidas.

Vale ressaltar que o Movimento Social FOME deu início à história da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, que em princípio, percorria de maneira itinerante os bairros periféricos do Município de Sobral com o objetivo de democratizar de forma gratuita o acesso a livros, incentivando a leitura, a cultura e a arte, para crianças, adolescentes e jovens, e sobretudo rompendo por meio da literatura as problemáticas sociais e os conflitos territoriais. De acordo com Renan Dias⁸, educador social da Biblioteca comunitária:

⁸ Entrevista Realizada com Francisco Renan Dias Marques, educador social, graduado em Filosofia-Licenciatura, especialista em Gestão Cultural e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no dia 12 de março de 2024.

(...) Aqui muitos e muitos jovens, até crianças, já tombaram sem vida, tiveram suas vidas interrompidas nesse processo, que participavam das nossas atividades, que já frequentou, que eu dei aula para elas, e a gente saber da notícia de que foi vítima de violência e isso pra gente é triste...

Destacamos que violência é uma constante realidade dos jovens que frequentam a biblioteca. Assim, pela narrativa do educador social Renan, esse foi um dos motivos para a criação e manutenção desse espaço, ou seja, trabalhar com os jovens a fim de afastá-los da vulnerabilidade mostrando que a educação é um caminho, uma saída para combater essas condições.

Entretanto, ainda assim, a violência continua atingindo jovens que frequentam o espaço. Nas situações em que essas crianças perderam a vida vieram à tona sentimentos dos educadores à frente da biblioteca; contudo, esse mesmo sentimento é ressignificado e transformado em urgência de combate à vulnerabilidade a que os jovens estão sujeitos.

Com a sede da Biblioteca em funcionamento, o público que passou a frequentar o espaço com frequência foram as crianças da comunidade. É visível a participação das crianças que frequentam a Biblioteca Comunitária para brincadeiras e interação. Na medida em que a Biblioteca Comunitária foi se estruturando, surgiu a necessidade de reorganizar a sua proposta, repensando novas atividades pedagógicas de modo a contribuir para o letramento, o desenvolvimento e o fortalecimento das relações socioculturais e socioeducacionais entre as crianças.

Esse processo de mudanças que ocorreu na Biblioteca para melhor atender a comunidade, enquadra-se com a perspectiva da educação crítica de Paulo Freire que compreende o aprendizado, a formação e a educação do indivíduo, não apenas com a leitura da palavra, mas também com um processo de letramento, de escrita, no qual ele vai aprendendo a ler o mundo ao redor dele, a partir das experiências e das vivências. As atividades que as crianças vão se envolvendo na biblioteca (oficinas de música, de fotografia, rodas de leitura etc), vão, ao mesmo tempo, dando a elas essa educação, essa formação crítica, mas também vão letrando esses sujeitos, porque isso estimula neles o desejo de aprender e o desejo de conhecer.

Segundo os educadores sociais, os moradores adultos também veem o local como um espaço para troca de ideias e socialização. A aceitação do espaço pela população tem sido demonstrada por meio do apoio e da permissão dos responsáveis pela permanência

das crianças na biblioteca, como um espaço livre e seguro. A fala do educador social Renan⁹ descreve um pouco desse significado:

[...] pra gente há poucas palavras, mas há um afeto e um sentido plural e multissingular (pode ser até contraditório), mas a gente tem contribuído, tem sentido essa contribuição no retorno dessas crianças que já são adolescentes e jovens. Como o tempo tem atravessado rapidamente e a gente poder acompanhar isso, das crianças estarem em outros locais e virem falar com a gente para lembrar esses momentos. Pra gente é um significado muito, muito grande que acaba abarcando outros sentidos.

A narrativa do educador social Renan revela o espaço da Biblioteca como espaço de resistência por estar inserido numa localidade de vulnerabilidade social, e para além disso espaço de ressignificação social dos sujeitos que em meio à ausência de condições sociais e econômicas, é espaço de acolhida, de construção de laços afetivos, de socialização e de letramento de resistência, pois os jovens são incentivados não apenas à leitura, mas a refletirem, criticarem e assim atuarem na sociedade.

Conforme afirma Souza (2016), essas práticas de letramento promovem, portanto, uma forma de resistência cultural e social, na qual o ato de ler e escrever é transformado em uma ferramenta de empoderamento, permitindo que os sujeitos se apropriem de suas vozes e participem ativamente na construção de uma sociedade mais justa.

A Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes realiza projetos em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos de Sobral, por meio da Unidade de Gerenciamento de Prevenção à Violência (UGP), e Secretaria de Cultura e Turismo de Sobral, tais como: Biblioteca em Ciclos, Sarau Força e Resistência, Oficina de Escrita Literária, Oficina de *Podcast e Videocast*.

São projetos que contam com uma programação diversificada com roda de leitura, oficina de fanzine, exibição de documentários, *Podcast e videocast*, atividades mediadas, nas quais os educadores sociais estimulam a participação das crianças e adolescentes nas discussões com temáticas como a violência, infância e território, feminismo e capoeira, manifestações culturais, práticas que despertam o senso crítico e a reflexão.

Além de estimular as interações, é possível que essas atividades, além de educar, desperte a liberdade de pensamento e a autoconsciência das crianças e dos adolescentes

⁹ Entrevista Realizada com Francisco Renan Dias Marques, educador social, graduado em Filosofia-Licenciatura, especialista em Gestão Cultural e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no dia 12 de março de 2024

sobre si e o mundo ao seu redor. Dentre as atividades realizadas pela Biblioteca comunitária, citamos como exemplo as oficinas de *podcast* e de produção de livro.

A oficina de *podcast* e *videocast* ensina técnicas básicas de produção e edição, incentivando os pequenos a usarem essas ferramentas para contar suas próprias histórias e dar voz as suas ideias, ao final da oficina, os alunos apresentam as produções que realizaram durante a atividade. A oficina de produção do “Livro de perguntas: o que as crianças perguntam sobre as mulheres” fez parte da programação sobre o mês da mulher, cujo propósito é instigar uma conversa sobre questões que envolvem gênero e prevenção à violência.

Segundo o educador social Renan Dias, atividades como essa estimulam as crianças para que exponham suas ideias, reflitam sobre os assuntos abordados e construam suas percepções de mundo. Sobre essas atividades o educador social Renan Dias comenta:

Então deu para contextualizar um pouco das atividades desenvolvidas na biblioteca e gostaria também de ressaltar que a gente tem uma parceria muito estreita com a Secretaria de Direitos Humanos através da Unidade de Gerenciamento de Prevenção à Violência (UGP), que a Raiana trabalha, que existe uma equipe de atuação aqui dentro do bairro e eles têm feito um trabalho bem corpo a corpo com as crianças, inclusive eles fizeram um trabalho na biblioteca, o livro de perguntas com as crianças, uma das atividades de 8 de março do ano passado, que materializou esse livro.¹⁰

Sustentada no lema de que “outras fomes” também devem ser saciadas, a entidade entende que a leitura e o conhecimento são ferramentas essenciais na composição dos alicerces para uma sociedade mais igualitária, crítica e atuante, sobretudo, reconhecedora de seus direitos.¹¹

Atualmente, a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes atende mais de 20 crianças. A metodologia utilizada na biblioteca para a sensibilização da leitura é a realização de saraus, oficinas de desenho, oficinas de lambe, contação de histórias, roda de leitura e atividades lúdicas para as crianças. Todas as atividades, bem como os empréstimos de livros que são realizadas com controle manual, são ofertadas de forma

¹⁰ Entrevista Realizada com Francisco Renan Dias Marques, educador social, graduado em Filosofia-Licenciatura, especialista em Gestão Cultural e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no dia 12 de março de 2024

¹¹ Sobre esse assunto ver: (<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/51302/>, 2023). Acesso: agosto/2023.

gratuita à comunidade onde está inserida e conta com a colaboração de voluntários e estudantes que fazem parte de projetos de extensão de universidades.

Portanto, a partir desse cenário do percurso de criação e da existência da Biblioteca Adalberto Mendes, pode-se classificá-la como um espaço de educação não formal, levando em consideração ela ter passado por três fases, sendo elas: 1ª fase - a biblioteca ambulante, onde essa educação acontecia nas calçadas, nas praças e nos espaços públicos da comunidade; 2ª fase - quando essa perspectiva de incentivar e democratizar a leitura é ampliada para outros bairros periféricos, onde os jovens circulavam com bicicletas e grajau; e 3ª fase - com a aquisição da sede da biblioteca, que deixou de ser ambulante e passou a ser comunitária, ofertando um espaço físico para melhor acolhimento do público.

Deste modo, a biblioteca como organização comunitária funciona como espaço de educação não formal, desenvolvendo uma prática educativa que possui a intenção de contribuir para o letramento e para o combate da vulnerabilidade social. Observamos a partir da concepção dos educadores sociais que essas práticas contribuem para o desenvolvimento das capacidades de socialização (socioculturais e socioeducacionais) dessas crianças e adolescentes, e assim, incentivam a formação de indivíduos por meio da perspectiva da educação crítica, possibilitando que essas crianças e adolescentes se tornem sujeitos mais reflexivos, críticos e atuantes na sociedade (Afonso, 2001).

Frente ao exposto, além de um espaço de educação não formal, podemos compreender que a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes faz uso da perspectiva de aprendizado a partir da realidade das crianças e adolescentes, pois possibilita, por meio das atividades realizadas, discussões acerca das temáticas voltadas ao cotidiano na periferia, além disso, utiliza outras linguagens para despertar nelas o pensamento e a reflexão.

Dessa maneira, a biblioteca significa um espaço de acolhimento que visa proporcionar a valorização da cultura e da história desses sujeitos que participam do espaço, por meio das rodas de leitura, indicação de leituras, sarau, oficinas de música, rep, rimas e capoeira; e a partir dessas estratégias e atividades que são desenvolvidas lá, deseja promover o letramento desses sujeitos.

Assim como se refere Bakhtin (1988), essa ideia reforça que a biblioteca, ao proporcionar um espaço de expressão e valorização cultural, como nas rodas de leitura e

atividades culturais, permite que os participantes não apenas se apropriem da linguagem, mas também reflitam e reconstruam as vozes e valores de seu próprio contexto social,

Então, ao mesmo tempo que essas ações possibilitam a formação desses indivíduos como sujeitos reflexivos, críticos e atuantes na sociedade, a biblioteca também busca combater a vulnerabilidade social, porque conscientiza esses sujeitos quanto: quem é ele, qual o lugar social dele e como ele pode transformar a realidade, que é a partir da educação.

Figura 2 - Exemplo de atividades desenvolvidas na Biblioteca



Fonte: acervo da Biblioteca

Figura 3 - Livros produzidos pelas crianças



Fonte: acervo da Biblioteca

4.3. *Quando as crianças falam*: pistas acerca de letramento, socialização e de resistência na biblioteca comunitária

Nesta seção, será descrito como ocorreu a coleta de dados (com as crianças e adolescentes) durante a pesquisa e, em seguida, será realizada a análise dos dados coletados por meio dos instrumentos.

A pesquisa foi realizada em duas etapas: a primeira etapa foi de observação e a segunda etapa foi de aplicação dos instrumentos para coleta de dados. Conforme citado na metodologia, os instrumentos utilizados foram: a Entrevista Semiestruturada com os dois educadores sociais (cujas falas foram exploradas no tópico anterior) e o Grupo Focal com as crianças que, por sua vez, foi realizado em três encontros. Para a análise, a ideia foi a de triangularmos os resultados obtidos por esses instrumentos.

Inicialmente, será apresentada um estudo descritivo do campo, abordando como ocorreu a dinâmica de organização e de formação do grupo focal. Em um segundo

momento, iremos analisar as falas coletadas durante os três encontros vivenciados com as crianças da biblioteca.

A primeira visita ao campo de pesquisa ocorreu no dia 04 de março de 2024, às 8h da manhã. Convém destacar que essa visita foi agendada previamente via e-mail e WhatsApp. Nesta fase da pesquisa, na qual se denominou Etapa de Observação, obteve-se acesso às primeiras informações sobre a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, as quais foram registradas nos registros de pesquisa (horários de funcionamento, público, atividades realizadas, responsáveis), informações cruciais para organizarmos a segunda fase, onde ocorreu a Aplicação dos Instrumentos de coleta de dados. Aqui se conheceu o espaço e dialogou-se com a educadora social Raiana Souza que apresentou algumas criações das crianças e adolescentes (como o livro confeccionado por eles).

No dia 12 de março de 2024, às 09h da manhã, realizamos nosso primeiro encontro com os fundadores da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, os educadores sociais e produtores culturais Renan Dias e Raiana Souza. Na ocasião, apresentamos a proposta de pesquisa, a carta de aprovação e o parecer consubstanciado do Comitê de Ética (documentos enviados previamente por e-mail), e, em seguida, realizamos a entrevista semiestruturada, de maneira unificada a fim de conhecer as percepções dos educadores sociais acerca do trabalho desenvolvido no espaço. Os depoimentos foram registrados via gravação digital, após todo esse processo, as gravações foram transcritas e analisadas.

Antes de darmos sequência à descrição da aplicação dos instrumentos, vale ressaltar que a proposta inicial da pesquisa era realizar um encontro com 10 crianças que atendessem aos critérios de inclusão na pesquisa, em formato de grupo focal. Não seria uma roda de conversa, haja vista a estrutura das atividades terem sido planejadas e intencionais com o objetivo de compreender a percepção do espaço de socialização que ocupam e que se constitui como biblioteca.

Contudo, cientes dos desafios e das surpresas que o pesquisador pode se deparar no campo de pesquisa, a realização do grupo focal teve que ser adaptada às circunstâncias do lócus da pesquisa. A mudança foi necessária, pois a partir da etapa de observação, foi identificada que a quantidade de crianças que frequentavam a biblioteca era variável, algumas vezes chegava a ter uma média de 20 crianças, outras vezes 5 crianças. Outro fato relevante que se constatou durante a observação é que, quando as crianças comparecem em grandes grupos, conversam entre si, demonstram comportamentos de inquietação e impulsividade, característicos da faixa etária.

Diante dessas percepções construídas durante a observação, foi necessário planejar dentro do percurso metodológico e do tempo disponível, estratégias de como realizar a aplicação dos instrumentos, priorizando a autenticidade da pesquisa. Dessa maneira, foi decidido seguir acompanhando especificamente uma amostra de 7 crianças, com faixa etária entre 7 e 13 anos, considerando os critérios de inclusão: maior frequência na biblioteca nos últimos 3 meses; envolvimento com as atividades/ações, aceitar participar da pesquisa/atividade de coleta de dados e anuência dos pais.

Durante a etapa de análise dos dados referentes às crianças e aos adolescentes, ao analisar as falas, iremos denominá-las como: Criança 1, Criança 2, Criança 3, Criança 4, Criança 5, Criança 6 e Criança 7. Essa medida foi tomada com o intuito de preservar a identidade das mesmas.

Além disso, de modo a chamar e manter a atenção das crianças, haja vista não possuir, naquele momento, uma relação de aproximação, optou-se por utilizar dentro do grupo focal atividades lúdicas, capazes de proporcionar a interação e a confiança dos participantes. Diante do exposto, o grupo focal foi realizado em três encontros, permitindo discutir com mais leveza as questões norteadoras da pesquisa, as quais reiteramos a seguir:

4.3.1 Primeiro encontro

No dia 22 de março de 2024, às 19h, retornamos à biblioteca e foi dado início às atividades, desta vez com as crianças que frequentam o espaço por meio do grupo focal. Realizou-se um diálogo sobre a rotina na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes. A abertura do grupo focal se deu com a apresentação da pesquisadora e da dinâmica do encontro. Foi explicado para as crianças que “minha” presença era para conhecer a rotina daquele espaço.

Tendo como base o objetivo específico 1 (*Analisar as ações pedagógicas da biblioteca comunitária na construção dos saberes, enquanto espaço de Educação não formal, de socialização e de resistência (nas dimensões educativa, cultural e afetiva)*), as questões norteadoras que guiaram o encontro foram: vamos conversar um pouco sobre a rotina de vocês, suas experiências, as principais atividades que realizam nesses espaços e os temas trabalhados. Como descreveriam esse espaço?

Para esse momento de acolhimento e apresentação, primeiramente foi distribuído o material e produziu-se junto com as crianças pulseirinhas de EVA com seu nome, proporcionando a aproximação e a interação com o grupo.

Em seguida, como ponto de partida para as crianças começarem a falar sobre o espaço que frequentam, estabelecendo os primeiros diálogos, realizamos a dinâmica. A dinâmica utilizada foi a “contação de história inversa”, chamada também de “roda do microfone”, cuja proposta era inverter os papéis, ou seja, ao invés de contar a história para as crianças, sugerimos que as crianças falassem ao microfone, realizando uma breve apresentação, descrevendo um pouco da sua própria história no espaço (como conheceram e passaram a frequentar, há quanto tempo frequentam e quais as atividades de que participam). Em círculo, a criança que falava ao microfone sorteava a pulseira da próxima criança que iria falar. No começo elas estavam tímidas, mas ainda assim, após o incentivo, a criança 1 falou:

Gosto das atividades feitas aqui: o cinema, vídeo game, passeios. A gente foi visitar a AMA (Agência Municipal de Meio Ambiente). A gente brinca com os colegas, assim a gente não fica na rua”¹²

Aos poucos mediu-se a dinâmica de maneira bem descontraída e as crianças foram citando algumas atividades que são desenvolvidas na biblioteca:

Criança 2 - Eu venho desde pequeno, gosto de jogar, cinema, rima. Gosto do tio Renan e tia Raiana. Um livro que eu gosto aqui é o Menino Azul” (Cecília Meireles). Aprendo a ser obediente e fazer as tarefas de casa e... da escola. 13

Criança 4 - Eu venho com meu irmão mais velho. Faço amizades e me divirto com as oficinas. Gosto quando têm campeonato de vídeo game, cinema, aula de música, gosto de rima. ¹⁴

Criança 7 - Tenho 7 anos, mas venho pra cá desde 5 anos. Gosto de estudar, desenhar, colorir, brincar. Gosto quando vêm pessoas de fora fazer oficina com a gente. Tia Leila vai ter uma oficina de ovos, nós vamos fazer ovos de páscoa.¹⁵

Dessa maneira, mesmo que tímidas, cada criança pegou o microfone e pôde falar um pouquinho, ao seu modo, sobre sua rotina na biblioteca. Nesse primeiro momento do

¹² Fala da Criança 1, 12 anos de idade – registrada no grupo focal realizado no dia 22 de março de 2024, às 19h, na Biblioteca Comunitária Alberto Mendes.

¹³ (Criança 2, 13 anos)

¹⁴ (criança 4, 10 anos)

¹⁵ (Criança 7, 7anos)

grupo focal, as falas das crianças indicam que a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes é um espaço de acolhimento e brincadeiras proporcionando a interação das crianças por meio da convivência e das atividades desenvolvidas.

Nesse contexto, a Biblioteca caracteriza-se como um espaço de educação não formal, que, a partir do processo interativo e das relações sociais, promove a educação (Gohn, 2006). Através dos depoimentos, percebe-se, então, que as crianças se sentem acolhidas e compreendem que aquele espaço que elas frequentam contribuem para o seu aprendizado. Assim, a partir das atividades desenvolvidas a biblioteca incentiva a leitura e aprendizagem dessas crianças e adolescentes, impulsionando a formação de sujeitos mais reflexivos e críticos.

Quando foi indagado às crianças sobre a rotina, as experiências e as principais atividades que participam na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, dentre os relatos apresentados, um dos depoimentos chamou nossa atenção, o da Criança 3:

Venho para a biblioteca desde os 7 anos, aqui eu me sinto bem. Têm atividades que ajudam na escola, pode pegar livros para ler Aprendo a respeitar, é bom ficar na biblioteca, distante dos perigos da rua.¹⁶

Portanto, foi compreendido naquele momento que, para algumas crianças e adolescentes, a Biblioteca Comunitária pode representar um espaço onde elas se sentem protegidas e encontram apoio para seus desafios diários. Com as ações e as atividades desenvolvidas, a Biblioteca visa estabelecer a aprendizagem e aprimoramento das habilidades socioculturais e socioeducativas a fim de que essas crianças e adolescentes possam conquistar novos significados e olhares para a vida em sociedade.

Assim sendo, a partir dos depoimentos, entendemos que a Biblioteca Comunitária intenciona o combate à vulnerabilidade social, compreendida como um espaço que incentiva a resistência nas periferias, proporcionando às crianças e aos adolescentes uma vivência educacional voltada para a transformação social, sob a perspectiva de Freire (2005) que defende a prática educacional como um discurso que se alinha à luta contra a dominação a favor do conhecimento e que promovem as condições para a emancipação social.

De modo semelhante, alguns depoimentos ressaltam que o lúdico, os jogos e as brincadeiras são algo que aproximam as crianças da Biblioteca Comunitária. Outro ponto

¹⁶ Criança 3, 12 anos)

importante diz respeito ao letramento, pois com a evolução da tecnologia, poucas pessoas têm o hábito de pegar livros emprestados em bibliotecas para ler. Portanto, a relevância desse espaço emerge ao democratizar de forma gratuita o acesso a livros, haja vista incentivar a leitura para crianças e adolescentes que vivem na comunidade, conforme citam as próprias crianças:

Criança 5 - Faço o 5º ano, venho para a biblioteca desde 5 anos. Aqui é bom porque a gente pode ler, pode pegar os livros emprestados que não têm em casa. Também é bom quando tem as atividades e festinhas de natal, dia das crianças, da páscoa, festa junina.¹⁷

Criança 6 – Tia, venho pra cá desde 2018, eu era pequena, tinha 6 anos, É muito bom quando tinha aulas de música (canto/violão), roda de leitura É muito bom, mas tem dias que não abre. Tia, você sabia que nós somos autoras? A gente já fez um “livro das perguntas” em homenagem ao dia da mulher.¹⁸

Para Kleiman (1995), o letramento envolve mais do que apenas aprender a ler e escrever; ele se refere à inserção em práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita como elementos de interação e significado na comunidade. Essa perspectiva reforça a importância da Biblioteca Comunitária como um espaço que, por meio de atividades lúdicas e do acesso aos livros, promove o envolvimento das crianças com a leitura, incentivando o hábito e o gosto pelo livro, mesmo em tempos em que o contato com as tecnologias digitais prevalece.

A vivência das crianças na Biblioteca onde elas podem ler, brincar, estudar e participar das discussões, a partir de atividades educativas, culturais e artísticas, possibilita desenvolver o pensamento crítico e a consciência das próprias emoções, valores e sentimentos. Isso implica dizer que esse tipo de conduta é importante e pode ajudar essas crianças e adolescentes a ser mais independentes, a trabalhar em equipe, enfrentar e solucionar problemas, colaborar e construir ideias e argumentos, redefinindo a educação como prática da liberdade, além de favorecer a inclusão social.

Todos esses elementos se conectam com a ideia de Paulo Freire (1996) sobre a formação emancipatória e a consciência social na educação, a qual defende a importância

¹⁷ (Criança 5, 10 anos)

¹⁸ (Criança 6, 12 anos)

da prática educativa que estimula a autonomia, o pensamento crítico e a consciência reflexiva em contextos de aprendizado e de convivência social.

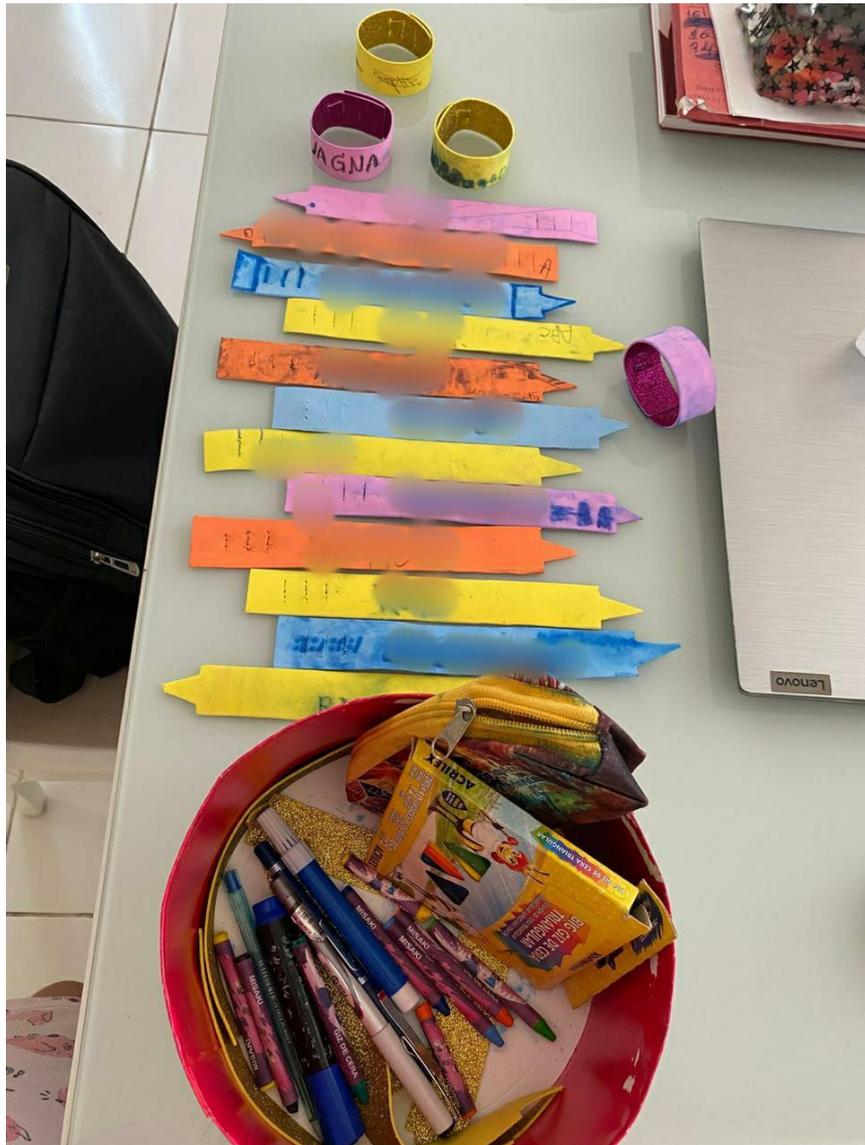
Portanto, esse encontro foi significativo e transformador, para elas e para nós, à medida em que fomos conhecendo um pouco da história de cada uma. A abertura das ações com as crianças e adolescentes ocorreu de forma lúdica, uma estratégia para estabelecer um vínculo e iniciar a investigação. A fotografia a seguir registra o momento de abertura das atividades.

Figura 4 – Abertura do grupo focal (1º encontro)



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 5 – Material produzido (pulseirinhas) pelas crianças e adolescentes (grupo focal - 1º encontro)



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 6 - postagem da biblioteca (grupo focal - 1º encontro)



Fonte: acervo da biblioteca

4.3.2 Segundo encontro

No dia 25 de março de 2024, às 09h, aconteceu o segundo encontro do grupo focal com as crianças da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes. Foi realizado um diálogo sobre os significados atribuídos às práticas de que participam no espaço socioeducativo. Era feriado (Data Magna no Ceará¹⁹) e não houve aula nos colégios, por essa razão, foi possível realizar o encontro pela manhã.

¹⁹ Apesar de ser feriado no Município as atividades na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes ocorreram normalmente, como estabelecido via cronograma de atividades do espaço. Reforçamos que as atividades

Tendo como base o objetivo específico 2 (*Entender quais os significados atribuídos por esses participantes às experiências e ações promovidas pela biblioteca*), as questões norteadoras que guiaram nosso encontro foram: As atividades que realizam no espaço contribuem em que sentido? Ajudam nas atividades da escola, contribuem na relação com familiares e amigos? Ao participar dessas atividades, vocês acham que aprenderam algo ou descobriram algo? O que essas experiências significam para vocês?

Iniciou-se com o acolhimento, dando boas-vindas às crianças. Convém destacar que as crianças estavam menos tímidas do que no encontro anterior. As crianças chegaram cheias de energia, conversando e contando histórias aleatórias... *“tia, aconteceu isso lá em casa... tia, na minha escola tem uma menina que... tia, eu fiquei doente... olha tia o que eu ganhei” ...*²⁰

Aproveitamos a interação e organizamos as crianças em círculo onde dialogamos sobre a importância da biblioteca na vida de cada uma. Por meio do discurso, fomos instigando as crianças a refletirem sobre a relevância desse espaço e os “significados atribuídos” às atividades que elas participam ao frequentar a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes. Como se apropriam desses significados? É possível descrever com palavras tais significados? Por exemplo: a Biblioteca Comunitária é um local de acolhimento? Por meio das atividades é possível aprender sobre o mundo lá fora? Na Biblioteca, você aprende a importância do respeito e da atenção? Então, por que a biblioteca é importante para vocês?

Após esse momento de discussão, foi explicado para as crianças a dinâmica que seria realizada. Seria utilizada a dinâmica das palavras-chave. Espalhou-se sobre a mesa o material necessário para realizar a atividade. Foi pedido para as crianças pensarem em palavras-chave para expressar os “significados atribuídos” às atividades que elas participam na biblioteca.

As crianças tinham a opção de escolher uma das palavras-chaves levada exemplo, ou, caso optassem, poderiam usar o material para escrever a sua própria palavra-chave.

da Biblioteca ocorrem em calendário próprio do espaço, visto ser mantida e ter suas atividades desenvolvidas por voluntários. As atividades são divulgadas mensalmente para a comunidade e para os participantes. Normalmente funcionam nos finais de semana e feriados, pois são os períodos que as crianças estão sem atividades nas escolas ou outras instituições/grupos que participam, além do que, são esses momentos em que as crianças estão com tempo livre que elas estão mais suscetíveis a vulnerabilidade da comunidade, ou seja, violência ou outras atividades não educativas.

²⁰ Fala das crianças antes do grupo focal.

Algumas das palavras-chave que se usou como exemplo foram: confiança, insegurança, brincadeira, isolamento, leitura, violência, respeito, participação, felicidade etc.

O critério de escolha das palavras-chave foi com base no discurso dos sujeitos que são carregados de significados frente ao contexto social da Biblioteca, espaço que eles compartilham. Após as crianças escolherem as palavras para definir os significados, a partir do seu próprio raciocínio e pensamento, foi construído em conjunto um mural com a temática: “O que tudo isso significa para mim? Expressando nossa voz na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes”. Algumas das palavras escolhidas pelas crianças foram: Criança 1A: empatia, esperança e amizade; Criança 2A: atenção, afeto e confiança; Criança 3A: paz, sorriso, aprender; Criança 4A: respeito, criatividade, jogar bola; Criança 5A: diversão, amor, acolhimento; Criança 6A: feliz, ler, estudar e Criança 7A: vida, correr, brincar.

Com as discussões e a atividade realizada no grupo focal, foi possível conversar e instigar as crianças a pensarem acerca da temática. Neste aspecto, foi possível observar, a partir da opinião e ideais das próprias crianças, que a biblioteca comunitária proporciona por meio das atividades contribuições significativas na vida dos participantes.

Isso se justifica mediante as escolhas das palavras-chave, abrangendo conceitos como: respeito, esperança, atenção e confiança; ao mesmo tempo em que algumas crianças ressaltam significados ligados a aprendizagem, sendo eles: a criatividade, ler e estudar.

Tudo isso implica dizer que, para essas crianças a biblioteca não é só um espaço de brincadeiras e leitura, esse espaço constitui-se na prática como um projeto social que acolhe, educa e que promove a construção dos saberes, direcionando e encorajando esses sujeitos para tenham consciência política a fim de compreender e transformar sua realidade. Alguns depoimentos retratam a valorização, o cuidado e o apoio que as crianças agregam à biblioteca:

Criança 5 - Sou feliz aqui, gosto das meninas, do tio Renan e da tia Raiana ²¹

Criança 2A - O tio Renan conversa com a gente sobre o futuro, sobre trabalho²²

²¹ Criança 5, 10 anos)

²² Criança 2^a – 13 anos

Criança 3A - Aprendo muitas coisas.... Aprendo a respeitar E a gente faz muitas coisas legais e aprende a ser responsável, a tia Raiana incentiva a gente estudar para ter uma vida melhor ²³

É muito importante reconhecer os valores e incentivar o potencial dos nossos jovens, principalmente no que diz respeito a viver em uma sociedade caracterizada por profundas desigualdades, pois frente aos desafios do dia a dia, essas potencialidades conferem novos significados para a vida desses jovens. Na entrevista semiestruturada, o educador social, Renan Dias²⁴, reforça esse significado:

Esse espaço ele quebra muitas rotinas das crianças, de sair daquela rotina dentro de casa, às vezes com, com abusos, com violência, com as vulnerabilidades, vulnerabilidade alimentar, sociais, econômicas. Elas entenderem esse espaço de vir conversar, desabafar um pouco, acaba sendo isso.

O espaço aqui, ele além de ser esse espaço de pesquisa, de leitura e de conhecimento, ele é também o espaço que acolhe e que ele, ele é um ponto fora, um ponto muito fora da curva, humaniza.

O combate e enfrentamento à violência na juventude, ele não começa na juventude, ele começa aqui (de pequeno, na infância).

Ademais, essas práticas desenvolvidas na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, o incentivo à leitura e à cultura, contribuem para a reflexão sobre as mudanças que precisam ser realizadas nas diversas esferas sociais, promovendo aquilo que chamamos de resistência.

²³ (Criança 3 12 anos)

²⁴ Entrevista Realizada com Francisco Renan Dias Marques, educador social, graduado em Filosofia-Licenciatura, especialista em Gestão Cultural e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no dia 12 de março de 2024

Figura 7 – explicação da atividade (grupo focal – 2º encontro)



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 8: escolha da palavra-chave (grupo focal – 2º encontro)



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 9 – Crianças produzindo o mural



Figura 10 – Crianças produzindo o mural



Figura 11 – crianças produzindo o mural



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 12 – Encerramento da atividade. Foto com o educador social e crianças



Fonte: acervo da pesquisadora

4.3.3 Terceiro encontro

No dia 28 de março de 2024, as 19h, aconteceu o 3º encontro e o encerramento do grupo focal, com as crianças da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes. Realizou-se um diálogo sobre como as crianças apropriam-se dessas práticas para ressignificar suas vidas.

As questões norteadoras que guiaram o encontro foram: escolham uma atividade realizada na biblioteca que tenha marcado de forma especial suas vivências no espaço. Descreva para mim qual foi essa atividade? Vocês acreditam que a participação nessa atividade mudou algo em vocês ou contribuiu para ampliar algum conhecimento/conquista? Qual a importância da participação de vocês nesse espaço? Sobre os livros: Falem-me o que gostam de ler? Quantos livros já leram? Com que frequência pegam livros para ler? Há alguém que os auxiliam quanto às leituras nesse espaço?

Essas indagações contribuíram para responder ao objetivo específico 3 (*Investigar de que maneira as atividades promovidas na Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, contribuem para o letramento das crianças e adolescentes que dela participam, com vistas a sua transformação social*).

Após o acolhimento das crianças, deu-se início ao nosso diálogo. Vale ressaltar que, nesse terceiro encontro, o número de crianças que compareceu foi superior aos demais dias, totalizando 24 crianças, em vista disso, necessitamos organizar as crianças em quatro grupos para melhor acomodá-las nas mesas. Na discussão, instigamos as crianças a uma retrospectiva sobre o tempo que frequentam a biblioteca, as atividades realizadas no espaço, leituras que marcaram de forma especial, o que mais gostam de fazer na biblioteca, por que esse espaço é importante para elas e o que elas aprenderam durante esse tempo na biblioteca.

Aos poucos, as crianças foram relatando momentos especiais vivenciados na Biblioteca, e, em seguida, explicamos a dinâmica que seria realizada. Distribuímos, nas mesas, os materiais de pintura e as folhas de papel em branco para realizarmos a atividade.

Para planejarmos esse último encontro, pensamos em uma proposta lúdica que proporcionasse de forma prazerosa a interação e a participação das crianças. Algo que pudesse referenciar a nossa passagem na Biblioteca, algo que elas pudessem guardar para recordar esse momento.

Dessa maneira, foi escolhida uma atividade de arte a qual chamamos de “Varal da Biblioteca”. As crianças deveriam usar sua imaginação para responder em forma de desenho a seguinte pergunta: Se você tivesse que contar a sua história para um adulto que não sabe quem é você, como se apresentaria, antes e depois de frequentar a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes?

Esse foi um dos momentos mais interativos da pesquisa. Na medida em que iam desenhando as crianças interagiam entre si, trocavam ideias, opiniões, lembravam momentos e atividades que já participaram (“*lembra daquele dia da roda de leitura*”... “*sabe naquele dia que o tio Renan ensinou a gente a tocar*”...).

Uma situação comovente foi quando uma criança de 7 anos perguntou: *tia, eu posso desenhar eu e o meu pai antigamente?* Respondemos: *pode sim! Onde está seu pai hoje?* Ela respondeu: “*meu pai foi morar com outra família e não vi mais ele*”.²⁵

Esse relato retrata um pouco das fragilidades dessas crianças, que podem resultar em problemas de socialização e insegurança, afetando seu comportamento. Portanto, não deixa de ser um problema ligado à vulnerabilidade social.

Com os desenhos produzidos, foi criado um varal de artes para exposição na própria Biblioteca. E para encerrar a atividade, coletou-se o depoimento das 7 crianças da amostra, explicando o significado dos seus desenhos.

Em virtude do feriado da Páscoa (Quinta-feira Santa para os católicos), aproveitamos a ocasião e realizamos o encerramento do grupo focal com um lanche coletivo e entrega de chocolates para as crianças.

Por meio da arte, as crianças apresentaram suas percepções a respeito das atividades desenvolvidas no espaço, dialogando com as suas histórias antes e depois de frequentarem a biblioteca. Conforme os depoimentos a seguir:

Criança 2 - Antigamente só tinha dois amigos, o xxxxx e xxxxx, hoje eu tenho muitas amizades. Em casa eu fico sozinho. É bom porque ensina muita coisa aqui, muito legal e ajuda na escola. Ajuda a melhorar a leitura. O respeito e o comportamento²⁶

Criança 3 – É, eu antigamente, eu só dormia de boa. E hoje sou eu na biblioteca de manhãzinha cedo já tô aqui... Porque aqui a gente aprende muita coisa, a ler muitos livros, e tem as brincadeiras.²⁷

²⁵ (Criança 7, 7 anos)

²⁶ (Criança 2, 13 anos)

²⁷ (Criança 3, 12 anos)

Criança 1 - Eu antes dormia e depois cheios de amigos na biblioteca. A respeito de atividades, a gente conhece mais professores. Sim é importante, ajuda a ler e escrever, ser mais humano, a ter respeito pelos colegas²⁸

Desse modo, a análise das falas das crianças que frequentam a Biblioteca Comunitária revela a importância desse espaço em suas vidas, especialmente na promoção do desenvolvimento sociais, facilitando as interações significativas entre pares, incentivando a empatia e a colaboração, além de contribuir para o letramento.

A criança 2, por exemplo, menciona que, anteriormente, tinha apenas dois amigos e que, após frequentar a biblioteca, ampliou significativamente seu círculo de amizades. Isso evidencia que a biblioteca atua como um ambiente de socialização onde as crianças têm a oportunidade de interagir com outras crianças da comunidade, fortalecendo vínculos e criando novas amizades.

Quando ela fala "em casa eu fico sozinho" reforça a importância da biblioteca como um espaço de convivência social, confrontando com a solidão (muitas vezes as crianças ficam sozinhas porque seus pais precisam trabalhar e não tem ninguém para ficar com elas) sentida em casa.

A experiência da criança 2 corrobora com a perspectiva de Machado (2010) ao descrever que ambientes de leitura não apenas promovem o letramento, mas também são fundamentais para a construção de vínculos sociais, permitindo que as crianças desenvolvam suas habilidades interpessoais em um contexto de convivência e troca.

No que diz respeito ao letramento, foi observado ainda que a criança 2 destaca que a biblioteca "ensina muita coisa" e ajuda na escola, especialmente no "melhoramento da leitura", além de promover valores como "respeito e comportamento". Isso indica que a biblioteca não é apenas um local de entretenimento, mas também um ambiente educativo, que contribui para o desenvolvimento quanto à aprendizagem das crianças. A ênfase no respeito e no comportamento sugere que as atividades realizadas na biblioteca também têm um papel importante na formação desses valores e no desenvolvimento emocional das crianças.

Percebe-se quando as crianças comparam seu comportamento antes e depois de frequentar a biblioteca, suas rotinas pareciam irrelevantes ("só dormia de boa"), mas agora elas demonstram um compromisso e um interesse de participar das atividades na

²⁸ (Criança 1, 12 anos)

biblioteca. Essa mudança na rotina revela um engajamento maior por parte das crianças e sugere que a biblioteca possui também um papel motivacional e significativo em suas vidas.

Outro ponto interessante é que ambas as falas enfatizam o aprendizado adquirido na biblioteca, especialmente por meio da leitura de livros e das brincadeiras. Isso indica que a biblioteca é vista como um espaço onde o aprendizado é prazeroso, onde as atividades desenvolvidas estão integradas ao processo educativo, tornando-o mais atrativo para as crianças.

Portanto, mediante as falas analisadas, compreende-se que a biblioteca comunitária exerce uma influência positiva nas crianças que a frequentam, proporcionando um espaço de socialização, apoio educacional e desenvolvimento pessoal. A importância desse espaço se reflete nas mudanças comportamentais e na ampliação das perspectivas das crianças, que encontram na biblioteca um local de crescimento e aprendizado o qual influencia a esperança de um futuro melhor, contribuindo para a transformação social, além de um refúgio contra a solidão e o tédio.

Observamos que a criança 4 teve o cuidado de desenhar seus colegas na arte, conforme o depoimento:

Aquí é o antes, a biblioteca estava assim, aí está eu, o xxxx, o xxxx, o xxxx, a xxxx e a xxxx. Aquí o depois, a biblioteca agora, com um bucado de livros e a gente jogando bola. Porque eu não tava fazendo nada, aí eu vim pra cá. Eu não tô na rua, fazendo alguma coisa²⁹

A criança menciona os amigos com quem divide o espaço da biblioteca, o que indica um forte senso de comunidade e pertencimento. Ao mencionar os amigos, ela demonstra que a biblioteca é um espaço onde as crianças se encontram, interagem e formam laços sociais. Isso reforça a ideia de que a biblioteca atua como um ponto de encontro e convivência, fortalecendo a identidade comunitária entre as crianças.

Segundo Bakhtin (1981), o diálogo e as interações sociais são essenciais para a formação da identidade e a construção de comunidades. Nesse sentido, a criança que menciona os amigos com quem divide o espaço da biblioteca evidencia um forte senso de comunidade e pertencimento.

²⁹ (Criança 4, 10 anos)

Quando a criança se refere ao antes com a fala 'Porque eu não tava fazendo nada, aí eu vim pra cá', isso sugere que a biblioteca se torna uma alternativa valiosa para a ocupação do tempo ocioso, oferecendo oportunidades para o contato frequente com livros e materiais educativos.

Segundo Kleiman (2008), esse acesso à leitura é fundamental para a inclusão social e o desenvolvimento do letramento, indicando que a biblioteca contribui significativamente para o processo educativo. Além disso, Paulo Freire (1996) argumenta que a educação deve ser um meio de transformação social, e a prática da leitura é essencial nesse contexto.

Dessa forma, a biblioteca não só incentiva a prática da leitura, mas também proporciona um ambiente onde o tempo livre é utilizado de maneira construtiva, promovendo habilidades de leitura e escrita que são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e a transformação social.

A preocupação da criança em não "estar na rua" também sugere uma conscientização, talvez influenciada pelo ambiente da própria biblioteca sobre os riscos potenciais associados à falta de supervisão ou ao envolvimento em atividades menos significativas fora desse espaço. A biblioteca, portanto, não apenas proporciona um local para o lazer e o aprendizado, mas também funciona como um mecanismo de prevenção, desviando as crianças de situações de risco.

Algumas crianças descreveram em seus desenhos a trajetória na biblioteca, comparando seu "antes" como "pequena" com o "hoje" em que se sente "grande":

Criança 5 - Antes eu era pequena, hoje eu tô grande. Gosto por causa do tio Renan, da tia Raiana, da tia Raissa e de você³⁰

Criança 6 - Antes eu era bebê. Eu fui pra cá com uns três aninhos de idade. Se a biblioteca fechar ia ficar com raiva, mas quase todos os dias eles não abrem³¹

Criança 7 - Eu vim bem pequena. Aprendi a ler, a escrever e a desenhar. Um livro que gosto é da Peppa.³²

Essas falas indicam que a biblioteca é um espaço relevante dentro do contexto social que atua, onde é possível acompanhar parte do crescimento dessas crianças e adolescentes proporcionando momentos de interação e aprimoramento educacional que

³⁰ (Criança 5, 10 anos)

³¹ (Criança 6, 12 anos)

³² (Criança 7, 7 anos)

contribuem para a sua formação. A participação ao longo dos anos reforça a ideia de que a biblioteca também é um ambiente de apoio durante fases cruciais do desenvolvimento das crianças e adolescentes, ajudando a moldar uma postura de pertencimento, oferecendo alternativas saudáveis e estruturadas para o tempo livre, o que reduz a exposição a situações de marginalização e de violência.

A criança 6 menciona sua frustração com a possibilidade de a biblioteca fechar. Essa fala revela o papel essencial da biblioteca como um espaço seguro e confiável ao longo de sua vida. A menção de que "quase todos os dias eles não abrem" indica um ponto negativo da biblioteca, pois como se trata de um espaço que conta com a colaboração de voluntários, nem sempre é possível manter o funcionamento.

A fala pode indicar uma dependência emocional e social do espaço, demonstrando que o funcionamento da biblioteca é importante para o bem-estar das crianças. A incerteza na abertura da biblioteca representa a ausência de um espaço de acolhimento e interação para as crianças, destacando a necessidade de manter esse recurso disponível para a comunidade.

A fala da criança 7 aponta que a biblioteca foi o espaço onde ela "aprendeu a ler, a escrever e a desenhar". Isso demonstra que a biblioteca não só oferece recursos, mas também o ambiente e o suporte necessários para o desenvolvimento de habilidades básicas e fundamentais para a vida. O fato de a criança mencionar um livro específico que gosta, "da Peppa", aponta que a biblioteca também desempenha um papel na formação dos interesses e gostos pessoais, permitindo que as crianças explorem diferentes temas e descubram suas preferências.

A criança 5 menciona que "gosta por causa do tio Renan, da tia Raiana, da tia Raissa e de você". Isso leva a compreender que os vínculos afetivos estabelecidos com os adultos na biblioteca desempenham um papel importante na ressignificação de sua vida. A presença de figuras de referência na biblioteca, como os "tios" e "tias", cria um ambiente acolhedor e de confiança, onde as crianças se sentem valorizadas e apoiadas.

Percebe-se que esses laços contribuem para a formação de uma identidade positiva, proporcionando às crianças um sentido de pertencimento e estabilidade emocional que vai além do simples aprendizado acadêmico.

Essa abordagem integra as ideias de Kleiman e Paulo Freire, como foi citado anteriormente, destacando a importância da biblioteca para o letramento e a formação para autonomia.

Por fim, as falas analisadas de modo geral, mostram que a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes é um espaço fundamental para a ressignificação da vida das crianças e dos adolescentes que dela participam. Por meio de vínculos afetivos, suporte contínuo ao desenvolvimento, provisão de um ambiente seguro e o incentivo ao aprendizado, a biblioteca contribui significativamente para a formação das crianças e adolescentes, onde elas aprendem habilidades essenciais para viver em sociedade, se sentem bem, têm amigos e não estão ociosas nas ruas.

Portanto, a biblioteca age nesse sentido, ajudando essas crianças e adolescentes a construir uma identidade positiva e a entender seu papel no mundo, com vistas a transformação da sociedade.

Figura 13 – Crianças produzindo seus desenhos (grupo focal – 3º encontro)



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 14 – Meninas e o varal de desenhos (atividade desenvolvida no 3º encontro)



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 15 – Crianças produzindo seus desenhos (grupo focal - 3º encontro)



Figura 16 – Crianças produzindo seus desenhos (grupo focal - 3º encontro)



Figura 17 – Crianças produzindo seus desenhos (grupo focal - 3º encontro)



Fonte: acervo da pesquisadora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de compreender em que medida as atividades promovidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes contribuem para ressignificar a vida de crianças e de adolescentes que dela fazem parte. O trabalho também se propôs a responder outras questões como: analisar a possibilidade de as ações pedagógicas da biblioteca comunitária na construção dos saberes, enquanto espaço de educação não formal, de socialização e de resistência; entender quais os significados atribuídos pelos participantes às experiências e às ações promovidas pela Biblioteca; e investigar como a biblioteca pode, por meio do incentivo à leitura, contribuir para o letramento, para a inclusão e para a transformação sociocultural desses jovens.

A pesquisa se insere no campo dos estudos sobre letramento e espaços de educação não formal, oferecendo uma contribuição relevante para o entendimento de como ambientes comunitários, fora do contexto escolar tradicional, podem desempenhar um papel fundamental na formação educacional e social de jovens em situação de vulnerabilidade.

A investigação revelou que a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes vai além de sua função tradicional de empréstimo de livros, desempenhando um papel crucial na formação integral das crianças e adolescentes que frequentam o espaço. Ela se configura como um espaço de resistência onde o conhecimento é construído de forma colaborativa a partir das vivências e das discussões acerca da realidade dos participantes.

Essa perspectiva oferece novas possibilidades de reflexão sobre como os espaços de educação-não formal podem ser potentes para o letramento das crianças e dos jovens, atuando no sentido de direcionar a formação de sujeitos críticos, reflexivos, conscientes do seu papel como cidadãos éticos e responsáveis, portanto, incentivando iniciativas para o combate a vulnerabilidade social a favor da transformação da sociedade.

Os objetivos da pesquisa foram cuidadosamente delineados para abordar as principais questões relacionadas ao papel da biblioteca na vida das crianças e adolescentes do bairro Terrenos Novos. Dessa maneira, ao retomar os objetivos da pesquisa temos: o primeiro objetivo específico foi analisar as ações pedagógicas da biblioteca Comunitária Adalberto Mendes na construção de saberes enquanto espaço de educação não formal, socialização e resistência, no qual a análise mostrou que a biblioteca cumpre um papel diversificado, atuando não apenas como um local de aprendizagem, mas também como

um espaço de acolhimento e de socialização. As ações pedagógicas desenvolvidas são caracterizadas por um compromisso com a comunidade, com a educação não formal, onde as dimensões educativa, cultural e afetiva se entrelaçam para proporcionar uma formação holística dos jovens.

O segundo objetivo específico visava a entender quais significados são atribuídos pelos participantes às experiências e às ações promovidas pela biblioteca. Por meio das observações de campo, da entrevista semiestruturada e do grupo focal, foi perceptível que os participantes atribuem um valor significativo quanto à sua positividade frente às atividades da biblioteca, enxergando-a como um espaço de aprendizado, como também de acolhimento, pertencimento e de expressão pessoal.

O terceiro objetivo específico foi investigar como as atividades da biblioteca contribuem para o letramento das crianças e adolescentes, com vistas à sua transformação social. Os dados coletados indicam que a biblioteca desempenha um papel fundamental no incentivo à leitura e à escrita dos participantes, com indicação de livros, ao mesmo tempo em que os engaja em discussões críticas sobre suas realidades sociais.

As oficinas de escrita literária, oficina de fanzine, rodas de leitura, contação de histórias e outras atividades lúdicas, proporcionam um ambiente onde o letramento ocorre de maneira contextualizada e significativa, promovendo não apenas a alfabetização, mas também a conscientização social. Um exemplo disso, é a parceria com outros projetos sociais da Secretaria de Cultura e da Unidade de Gerenciamento de Prevenção à violência, onde são trabalhadas questões de relevância social.

Ao longo da pesquisa, foram encontradas algumas dificuldades para alcançar plenamente todos os objetivos. Por exemplo, no objetivo específico 1, um dos desafios enfrentados foi em relação ao tempo. A pesquisa de campo foi restrita a um período limitado, o que impossibilitou uma análise mais detalhada das ações e das transformações ao longo do tempo.

Quando buscamos entender quais significados são atribuídos pelos participantes às experiências e às ações promovidas pela biblioteca, as dificuldades encontradas nesse segundo objetivo foram relacionadas à interpretação dos relatos dos participantes, que, muitas vezes, expressavam de forma implícita os impactos das atividades em suas vidas, exigindo uma análise sensível e cuidadosa por parte da pesquisadora.

Para investigar como as atividades da biblioteca contribuem para o letramento de crianças e adolescentes, o terceiro objetivo apresentou desafios principalmente no acesso

e na disponibilidade de fontes literárias contextualizadas ao ambiente local (a vida na comunidade, o contexto da periferia), além da necessidade de adaptar as atividades às demandas específicas dos participantes.

Ainda assim, o estudo revelou percepções importantes sobre as práticas de letramento nesses espaços, especialmente no incentivo à participação dos jovens em discussões temáticas sobre sua realidade social. Atividades como rodas de leitura, oficinas de fanzine e indicações literárias não só educam, mas também favorecem o desenvolvimento de habilidades críticas, promovendo a autoconsciência dos participantes.

É importante destacar ainda algumas limitações do presente estudo. A pesquisa se concentrou em um único contexto geográfico e social, o que pode restringir a generalização dos resultados para outras regiões. A metodologia qualitativa, apesar de adequada para os objetivos da pesquisa, implicou desafios na coleta e análise dos dados, especialmente no que diz respeito à subjetividade das experiências relatadas pelos participantes. Além disso, a complexidade de mensurar os impactos das ações da biblioteca de maneira objetiva é uma limitação que poderia ser abordada em futuras investigações, complementando os dados qualitativos com abordagens quantitativas.

A importância deste trabalho para a sociedade é fundamental, pois emana sobre a relevância dos espaços de educação não-formal na formação de sujeitos no sentido de promoção da leitura bem como de sua socialização por meio dela, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Ao valorizar a biblioteca comunitária Adalberto Mendes como um espaço que incentiva a resistência e a transformação, a pesquisa contribui para a defesa e fortalecimento de iniciativas semelhantes em outras localidades. A investigação demonstra que a educação não se limita às instituições formais, mas se expande para outros espaços que, embora muitas vezes invisibilizados, são essenciais para a formação integral das crianças e adolescentes.

Ou seja, através da pesquisa, o trabalho da educação não-formal realizado nas comunidades localizadas em regiões de alta vulnerabilidade terá maior visibilidade, valorizando as potencialidades existentes nesses territórios e desmistificando a percepção estereotipada que em grande parte se tem em relação às áreas periféricas. Os projetos futuros decorrentes desta pesquisa permitirão a troca de experiências e a interseção de informações, auxiliando o trabalho de outros pesquisadores de forma compartilhada.

A pesquisa também irá colaborar para o meio acadêmico e social abrangendo as diversas áreas de atuação, sob uma ótica de melhoria para as problemáticas existentes nas comunidades periféricas, integrando aprendizado e conhecimento multi acerca da diversidade cultural e o protagonismo das classes minoritárias, favorecendo assim, o desenvolvimento futuro de novos projetos ou atividades, estimuladas com os resultados encontrados na pesquisa.

Dessa maneira, as possibilidades de pesquisas futuras a partir deste trabalho são vastas. Estudos subsequentes poderiam, por exemplo, explorar os modelos da Biblioteca Comunitária a exemplo da Biblioteca Adalberto Mendes em outras comunidades, analisando as adaptações necessárias e os resultados obtidos em diferentes contextos socioculturais.

Outra oportunidade de pesquisa poderia focar na análise longitudinal dos impactos das atividades da biblioteca na vida dos participantes, investigando como as experiências vivenciadas na infância e na adolescência influenciam suas trajetórias educacionais e profissionais. Além disso, seria interessante investigar a formação e as práticas pedagógicas dos educadores sociais que atuam nesses espaços a fim de identificar estratégias que possam potencializar os efeitos positivos dessas iniciativas.

Para a instituição pesquisada, acreditamos que os resultados serão importantes aliados, tendo em vista que essa pesquisa vislumbra um olhar diferenciado e humanizado, valorizando a diversidade de experiências e talentos presentes nas comunidades periféricas, enfatizando a educação como forma de resistência e transformação social.

Em resumo, os resultados desta pesquisa indicam que as ações desenvolvidas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes têm um impacto importante na ressignificação da vida das crianças e dos adolescentes que dela participam. A biblioteca emerge como um espaço de letramento, socialização e resistência, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, ao mesmo tempo em que fortalece as interações sociais e promove iniciativas a favor da transformação sociocultural e desenvolvimento pessoal dos participantes.

A biblioteca constitui-se como um agente de transformação social, ajudando esses jovens a construir uma identidade positiva e a entender seu lugar na sociedade. Este estudo reforça a importância de reconhecer e apoiar espaços de educação não formal como agentes de inclusão e transformação social, a continuidade e a ampliação de iniciativas como essa são essenciais para garantir que mais crianças e adolescentes

possam se beneficiar desses espaços, destacando o papel substantivo que desempenham na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para a pesquisadora, e agora escrevendo em primeira pessoa, essa pesquisa tem um significado singular. Ela representa não apenas um marco na minha formação acadêmica, mas também um processo de aprendizado e crescimento pessoal. Ver a esperança no rosto dessas crianças foi gratificante e me fortaleceu em minha caminhada, principalmente em momentos de angústia quando pensei em desistir no meio do caminho.

Apreendi muito com elas, com sua realidade, sua cultura e a vida na periferia, que muitas vezes passa despercebida por nossos olhos. Essa experiência me fez entender, de maneira ainda mais profunda, que sem a educação não somos nada ou pelo menos prescindimos de uma identidade que nos é dada. A educação sustenta qualquer processo de transformação social e, sem ela, a luta por um futuro melhor se torna impossível.

Assim, entendemos que a educação, enquanto prática social, transcende os muros da escola e se manifesta em diversos espaços da vida cotidiana, especialmente na periferia onde as condições de vulnerabilidade exigem que o aprendizado seja constante e multifacetado. A importância da educação nesse contexto reside em sua capacidade de proporcionar não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também de fomentar a cidadania, a identidade cultural e a resiliência diante das adversidades.

Possibilita questionar, resistir e transformar suas realidades. Para aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade, a educação se torna um instrumento de emancipação e de construção de um futuro com mais oportunidades e de transformação social.

"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa" (Freire, 1967, p.97).

REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo. J. Os Lugares da Educação. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (organizadoras). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001, p. 29-36.

_____. **Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?** In: ESTEVES, António J.; STOER, Stephen R. (Org.). *Asociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1992. p. 81-96.

ALVES, Mariana de Souza; SALCEDO, Diego Andres; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho. **Um mapeamento da produção científica sobre Bibliotecas Comunitárias na Ciência da Informação brasileira**. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 7, n. 2, p. 40-66, 2016

ARAÚJO, Edcarlos da Silva. **Patrimônio, política e passado: o tombamento do Sítio Histórico de Sobral-CE, 1995-2020**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BACK, A.C.D.P.; BORTTOLIN, A.M.P.; CARDOSO, J. **Letramento: análise de uma prática pedagógica a partir do gênero poema**. Revista Exitus, v. 3, p. 153-168, 2013.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10.ed. São Paulo: Hucitec 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000-2003.

_____. O discurso no romance. In Bakhtin, M.M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTON, D.; Hamilton, M. **Práticas de letramento**. In: Barton, D.; Hamilton, M; IVANIC, R. (org.). *Situated literacies*. Londres, Inglaterra: Routledge, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Escrita, leitura, dialogicidade. In: Brait, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. Acesso em <http://portal.mec.gov.br>. Em: 15 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Presidência da República. MARE. Câmara de reforma do Estado. **Plano diretor da reforma do aparelho do Estado**. Brasília, 1995. Ed. ver., atual., ampl. Bauru, SP: EDIPRO, 2001. (Série Legislação).

CANÁRIO, Rui (org.). **Educação Popular e Movimentos Sociais**. Lisboa, Educa, 2007.

_____. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. **Educação formal, informal e não formal em ciências**: contribuições dos diversos espaços educativos. XX Encontro de Pesquisa Educacional Norte-Nordeste, 2011.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CATINI, Carolina. **Educação não formal**: história e crítica de uma forma social. Educação e Pesquisa, v. 47, p. e222980, 2021.

CELA, Andréia Coelho. **A produção socioespacial dos territórios de violência na cidade de Sobral-CE**. 2023, 153 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e Design) - Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. Cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COUTO, Jéssica Fonseca do. **Bibliotecas e makerspaces**: um espaço de colaboração e criação. 2018.

D'ANDREA, T. P. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DA SILVA, Ms Amanda; VALENÇA, Dr^a Vera Lúcia Chacon. **A Pedagogia Histórico-Crítica no contexto das teorias de educação**. Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 6, n. 10, p. 497-523, 2012.

DA SILVA, Danielle Pinho, Genilson Geraldo, and Marli Dias de Souza Pinto. **Aproximação das Bibliotecas comunitárias com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030**. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação 14 (2021).

DALLA-BONA, Elisa Maria. Letramento Literário como Forma de Resistência da Escola. **XIII Congresso Internacional da ABRALIC** - Internacionalização do Regional UEPB – Campina Grande, PB. 8 a 12 de julho de 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CHAÚÍ, Marilena. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. Cortez Editora, 2016.

DE SOUZA, Pedro HG Ferreira. **Uma história da desigualdade**. BOD GmbH DE, 2018.

FIORENTINI, D.; Lorenzato, S. **Investigações em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018. 170 p. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/167.pdf>. Acesso em: setembro de 2024.

FIGUEIREDO, T. D. et al. **A extensão universitária como agente transformadora da sociedade: estudo de caso da Biblioteca Comunitária do bairro Saramenha de Cima - Ouro Preto/MG**. Research, Society and Development, v. 10, n. 16, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23664>>. Acesso em: julho de 2024.

FREIRE, P.R.N. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 24.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra. (1996)

_____. **Pedagogia da indignação**: São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr.-jun. 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: agosto de 2024.

FREITAS, Nilson Almino de; MARQUES, Francisco Renan Dias. **A educação não escolar na periferia pode ensinar algo para a escola?** Revista Brasileira de Educação, v. 28, p. e280061, 2023.

Galvão, A. M. **A crise da ética: o neoliberalismo como causa da exclusão social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GENTILI, Pablo. **O que há de novo nas novas formas de exclusão da educação?** Neoliberalismo, trabalho e educação. Educação & realidade, v. 20, n. 1, 1995.

GHANEM, E. Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional. In: Arantes, V. A. (org.). **Educação formal e não-formal**. São Paulo: Summus, 2008, p. 59-89. (Pontos e Contrapontos).

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo. Atlas, 2017.
- GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, (Questões da nossa época, n. 71). 1999.
- _____. **Teorias sobre os movimentos sociais: o debate contemporâneo**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v.16, n.47, 2011.
- GUAZI, Taísa Scarpin. **Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas**. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 2, 2021.
- GUEDES, Roger de Miranda. **Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação**. Cultura Informacional e digital. Belo Horizonte: UFMG: 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf. Acesso em: 28 mai. 2023.
- IANNI, O. Língua e sociedade. In: Valente, A. (org.). **Aulas de Português**. Petrópolis:Vozes, 1999.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Indicadores socioeconômicos do Ceará 2024. Fortaleza: IPECE, 2024. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2024.
- JUSTO, Fabiana Correia. **Letramentos em espaços não escolares: o movimento hip-hop em Ouro Preto**. 2015.
- KLEIMAN, A. B. **Trajетórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar**. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2010.
- _____. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: _____ (Ed.). Os significados do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, Cap. 1, p. 15-61, 1995.
- LINDEMANN, C. R. **Booktruck: relato de um case de empreendedorismo social por meio de um projeto de leitura em comunidades de vulnerabilidade social**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 15, p. 57-67, 2019.

LOUREIRO, Ana Paula. **Linguagem e letramento: construindo novos sentidos**. 2014. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/est_conteudo.php?nrSeq=23729@1. Acesso em: 28 de maio de 2023.

MACHADO, E. C. M. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MACHADO, Elisa Campos; Vergueiro, Waldomiro de Castro Santos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. CRB8 Digital, v. 3, n. 1, p. 3-11, ago. 2010.

MARRACH, S. A. Neoliberalismo e Educação. In: Guiraldelli Junior, P. (Org.). **Infância, Educação e Neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.

MASSONI, Luis Fernando; KAEFER, Juliane y BORGES, Jussara. **Território: um conceito central para as bibliotecas comunitárias brasileiras**. *Infor* [online]. 2024, vol.29, n.1, e210. Epub 01-Jun-2024. ISSN 2301-1378. <https://doi.org/10.35643/info.29.1.10>.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 6, p. 5-14, maio/dez. 1997.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

MOITA LOPES, L. P. da M. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

NASCIMENTO, Lucileide Gomes do. **Bibliotecas comunitárias, mediação cultural e literária**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2024.
NETO, José Clodoveu de Arruda Coelho. Sobral: Patrimônio Histórico-Cultural Nacional. *SANARE-Revista de Políticas Públicas*, v. 2, n. 3, 2000.

OLIVEIRA, Érika Costa de. **Desigualdade sociorracial e políticas públicas: o prisma da segurança pública**. 2019.

OLIVEIRA, Habyhabanne Maia. **Perspectivas e reflexões sobre Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. **Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas**. 2009. 321 f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PETIT, Michèle. **A arte de ler – Ou como resistir a adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PORTO, Isabela Cristina dos Santos.; SILVA, Ana Lucia Ferreira da; **Educação não formal**: uma revisão de literatura em periódicos científicos no portal da CAPES no período de 2012 a 2021. Revista Educar Mais, [S. l.], v. 7, p. 144–162, 2023.

RIBEIRO, V. M, VÓVIO CL. Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território *. **Educ rev** [Internet]. 2017

ROSA, N. Z., & Fujino, A. (2021). **Bibliotecas comunitárias**: espaços de informação e cultura em territórios de vulnerabilidade. Revista Brasileira De Biblioteconomia E Documentação, 17, 1–25.

FREITAS, S. C. de; FIGUEIRA, F. L. G. **Neoliberalismo, Educação e a Lei 9.394/1996**. HOLOS, Ano 36, v. 7, p. e10061, 2020.

SAAD, Mayte Ache. **Práticas de letramento em contextos não formais: possibilidades na (re)construção de identidades e criação de novas narrativas sobre si**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São, Guarulhos, 2009.

SAAD, Maytê Aché; VÓVIO, Claudia Lemos. **Letramentos em um contexto de educação não formal**: uma fusão de forças. Educação em Revista, v. 39, p. e37755, 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Teorias pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil**. Ideação, v. 10, n. 2, p. 11-28, jul./dez. 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Por uma história da educação latino-americana**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SILVA, Patrícia Modesto da. **O impacto das práticas de educação não-escolar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social**: estudo de caso de uma associação. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.

SILVA, Lubélia Lima; DE AGLOMERADOS; SOBRAL-CE. Exclusão em [subtítulo, se houver]. Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG). Centro de Ciências Humanas (CCH). Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG), 2021.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

_____. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 54-67, 2010.

SOUZA, A.L.S. **Letramentos de Reexistência**: culturas e identidades no movimento hiphop. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

_____. **Linguagem e letramentos de reexistências**: exercícios para reeducação das relações raciais na escola. Linguagem em foco - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE V. 8, N. 2, ano 2016 - Volume Temático: Linguagem e Raça: diálogos possíveis.

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. Ática, 2000.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. 1ª ed. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SUAIDEN, E. J. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

_____. O papel da biblioteca pública na reconstrução da verdade. **Ciência da Informação**, v. 47, n. 2, 2018.

TEITELBAUM, Kenneth. **Recuperando a memória coletiva**: os passados da educação crítica. In: APPLE, Michael W; AU, Wayne; Gandin, Luís A. Educação crítica: análise internacional. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TORRES, H.G e Gomes, S. **Desigualdade Educacional e Segregação Social**. In: Novos Estudos Cebrap, 64. Dossiê Espaço, Política e Políticas na Metrópole Paulistana, 2002.

TRILLA, J. **A educação não-formal**. In: ARANTES, V. (Org). Educação formal e não-formal. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **La educación fuera de la escuela**: enseñanza a distancia, por correspondência, por ordenador, radio, vídeo y otros médios no formales. Barcelona: Planeta, 1985.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; PENSAMENTO, S. Linguagem. **Desenvolvimento e Aprendizagem**, 1999.

APÊNDICES



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Título da Pesquisa: Educação nas Comunidades Periféricas: possibilidades de resistência e transformação social.

Objetivo: Compreender em que medida as ações educativas, promovidas em uma biblioteca comunitária, contribuem para (re)significar a vida de crianças e adolescentes que dela fazem parte.

Local da coleta: Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes Pontes

Pesquisador/Orientador: Profa. Dra. Ângela Cristina Di Palma Back

Telefone: 48 996012772

Pesquisador/Acadêmico: Vagna Leila de Souza

Telefone: 88 996162203

Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Poderei desistir a qualquer momento, bastando informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como não terei despesas para com a mesma. No entanto, fui orientado(a) da garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo. Como prevê o item IV.3.g da Resolução CNS 466/2012, foi garantido a mim (participante de pesquisa) e ao meu acompanhante (quando necessário) o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no estudo, tais como transporte, alimentação e hospedagem (quando necessário) nos dias em que for necessária minha presença para consultas ou exames.

Foi expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/ indiretos e imediatos/ tardios pelo tempo que for necessário a mim (participante da pesquisa), garantido pelo(a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Estou ciente da garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Item IV.3.h, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para tanto, fui esclarecido(a) também sobre os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA

Pretende-se realizar a pesquisa em dois momentos. O primeiro momento corresponde à etapa de observação participante, a inserção no campo de pesquisa para a observação ativa dos sujeitos, a imersão no território existencial e o uso de registros fotográficos, o qual nos permitirá captar as ações reais no entorno da Biblioteca, por meio de visitas, durante 2 semanas (2x por semana). O segundo momento da pesquisa destina-se à aplicação dos instrumentos para coleta de dados. No caso, serão utilizados como instrumentos: o **grupo focal** com 10 crianças (entre 7 a 13 anos), que tem como objetivo proporcionar um momento de diálogo acerca das motivações a partir das quais as crianças frequentam o espaço socioeducativo, com vistas a acessar as formas como as crianças se apropriam da rotina no espaço socioeducativo, e como descrevem os modos de participação, de maneira a nos dar evidências quanto aos significados atribuídos às atividades de que participam; e a **entrevista semiestruturada** com o educador social e gestor responsável pelo espaço socioeducativo, que terá como foco pensar as concepções do entrevistado, além das ideias do mesmo a respeito do trabalho realizado com as crianças e sua atuação enquanto educador social. Para facilitar a coleta e o registro dos dados será utilizado gravação em áudio.

Página 1 de 2

Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC
Bloco Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | cetica@unesc.net | www.unesc.net/cep
Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

RISCOS
A pesquisa apresenta riscos mínimos relacionados a possíveis situações de constrangimento sentido pelos participantes no que tange às perguntas da entrevista semiestruturada e do grupo focal, tendo em vista que estarão relacionadas ao cunho acadêmico e compreensão das ações desenvolvida no espaço socioeducativo que contribuam para (re)significar a vida das crianças e adolescentes que fazem parte dele. A fim de minimizar tais danos, a pesquisadora irá reforçar junto aos participantes a garantia do total anonimato e será retomado que uma das intenções da pesquisa é gerar material e informações que retornem como propostas a serem implementadas nos mais diversos contextos de trabalho de entidades sociais que realizam esse tipo de acolhimento. Ainda assim, caso haja alguma reação adversa do participante com relação às perguntas, deixando-o desconfortável, o procedimento de coleta de dados será imediatamente suspenso.

BENEFÍCIOS
Através da pesquisa o trabalho da educação não-formal realizado nas comunidades localizadas em regiões de alta vulnerabilidade terá maior visibilidade, valorizando as potencialidades existentes nesses territórios e desmistificando a percepção estereotipada que em grande parte se tem em relação às áreas periféricas. A pesquisa e os projetos futuros decorrentes deste estudo permitirão a troca de experiências e a interseção de informações, auxiliando o trabalho de outros pesquisadores de forma compartilhada. A pesquisa também irá colaborar para o meio acadêmico e social abrangendo as diversas áreas de atuação, sob uma ótica de melhoria para as problemáticas existentes nas comunidades periféricas, integrando aprendizado e conhecimento multi acerca da diversidade cultural e o protagonismo das classes minoritárias, favorecendo assim o desenvolvimento futuro de novos projetos ou atividades, estimuladas com os resultados encontrados na pesquisa. Para a instituição pesquisada, acreditamos que os resultados serão importantes aliados, tendo em vista que essa pesquisa vislumbra um olhar diferenciado e humanizado, valorizando a diversidade de experiências e talentos presentes nas comunidades periféricas, enfatizando a educação como forma de resistência e transformação social.

Declaro ainda, que tive tempo adequado para poder refletir sobre minha participação na pesquisa, consultando, se necessário, meus familiares ou outras pessoas que possam me ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida, conforme a resolução CNS 466/2012 item IV.1.C.

Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas, foram devidamente esclarecidos, sendo que, para tanto, firmo ao final a presente declaração, em duas vias de igual teor e forma, ficando na posse de uma e outra sido entregue ao(a) pesquisador(a) responsável (o presente documento será obrigatoriamente assinado na última página e rubricado em todas as páginas pelo(a) pesquisador(a) responsável/pessoa por ele(a) delegada e pelo(a) participante/responsável legal).

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Vagna Leila de Souza pelo telefone (88) 9 96162203 e/ou pelo e-mail vagnaleila@gmail.com.

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/UNESC (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça presente, o CEP/UNESC revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/UNESC a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

ASSINATURAS	
Voluntário(a)/Participante	Pesquisador(a) Responsável
<p>_____</p> <p>Assinatura</p> <p>Nome: _____</p> <p>CPF: _____ - _____</p>	<p>_____</p> <p>Assinatura</p> <p>Nome: _____</p> <p>CPF: _____ - _____</p>

Sobral-Ce, XX de XXXXXXXXX de 20XX.

Página 2 de 2

Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC
 Bloco Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | cefica@unesc.net | www.unesc.net/cep
 Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.



Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE

Título da Pesquisa: Educação nas Comunidades Periféricas: possibilidades de resistência e transformação social.

Objetivo: Compreender em que medida as ações educativas, promovidas em uma biblioteca comunitária, contribuem para (re)significar a vida de crianças e adolescentes que dela fazem parte.

Local da coleta: Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes Pontes

Pesquisador/Orientador: Dra. Ângela Cristina Di Palma Back **Telefone:** 48 996012772

Pesquisador/Acadêmico: Vagna Leila de Souza **Telefone:** 88 996162203

Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Você está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo poderá desistir a qualquer momento, bastando informar a decisão ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como despesas para com a mesma. Você tem a garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo, caso ocorra, como transporte e alimentação ou exames. O seu responsável ou acompanhante também terá os mesmos ressarcimentos, se tiver que acompanhá-lo durante a pesquisa.

Fica expressamente determinado que a pesquisa somente terá início após a autorização do seu responsável legal, perante o aceite e assinatura do TCLE.

Foi expresso de modo claro e afirmativo o seu direito de assistência integral gratuita ou indenização, devido a danos diretos/ indiretos e imediatos ou tardios, pelo tempo que for necessário, decorrentes da pesquisa, garantido pelo(a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Todos os dados de identificação pessoal decorrentes da pesquisa terão a privacidade mantida, preceito este assegurado pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde. Você poderá solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Caso você permita que seus dados pessoais sejam divulgados, é necessário a autorização do seu responsável legal, que deve estar detalhada no TCLE.

Os procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, que envolvem você, estão detalhados a seguir:

TCLE CEP/UNESC – versão 2018 | Página 1 de 3

Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC
Bloco Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | cetica@unesc.net | www.unesc.net/cep
Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE

DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA

Pretende-se realizar a pesquisa em dois momentos. O primeiro momento corresponde à etapa de observação participante, a inserção no campo de pesquisa para a observação ativa dos sujeitos, a imersão no território existencial e o uso de registros fotográficos, o qual nos permitirá captar as ações reais no entorno da Biblioteca, por meio de visitas, durante 2 semanas (2x por semana). O segundo momento da pesquisa destina-se à aplicação dos instrumentos para coleta de dados. No caso, serão utilizados como instrumentos: o **grupo focal** com 10 crianças (entre 7 a 13 anos), que tem como objetivo proporcionar um momento de diálogo acerca das motivações a partir das quais as crianças frequentam o espaço socioeducativo, com vistas a acessar as formas como as crianças se apropriam da rotina no espaço socioeducativo, e como descrevem os modos de participação, de maneira a nos dar evidências quanto aos significados atribuídos às atividades de que participam; e a **entrevista semiestruturada** com o educador social e gestor responsável pelo espaço socioeducativo, que terá como foco pensar as concepções do entrevistado, além das ideias do mesmo a respeito do trabalho realizado com as crianças e sua atuação enquanto educador social. Para facilitar a coleta e o registro dos dados será utilizado gravação em áudio.

RISCOS

A pesquisa apresenta riscos mínimos relacionados a possíveis situações de constrangimento sentido pelos participantes no que tange às perguntas da entrevista semiestruturada e do grupo focal, tendo em vista que estarão relacionadas ao cunho acadêmico e compreensão das ações desenvolvida no espaço socioeducativo que contribuam para (re)significar a vida das crianças e adolescentes que fazem parte dele. A fim de minimizar tais danos, a pesquisadora irá reforçar junto aos participantes a garantia do total anonimato e será retomado que uma das intenções da pesquisa é gerar material e informações que retornem como propostas a serem implementadas nos mais diversos contextos de trabalho de entidades sociais que realizam esse tipo de acolhimento. Ainda assim, caso haja alguma reação adversa do participante com relação às perguntas, deixando-o desconfortável, o procedimento de coleta de dados será imediatamente suspenso.

BENEFÍCIOS

Através da pesquisa o trabalho da educação não-formal realizado nas comunidades localizadas em regiões de alta vulnerabilidade terá maior visibilidade, valorizando as potencialidades existentes nesses territórios e desmistificando a percepção estereotipada que em grande parte se tem em relação às áreas periféricas. A pesquisa e os projetos futuros decorrentes deste estudo permitirão a troca de experiências e a interseção de informações, auxiliando o trabalho de outros pesquisadores de forma compartilhada.

A pesquisa também irá colaborar para o meio acadêmico e social abrangendo as diversas áreas de atuação, sob uma ótica de melhoria para as problemáticas existentes nas comunidades periféricas, integrando aprendizado e conhecimento multi acerca da diversidade cultural e o protagonismo das classes minoritárias, favorecendo assim o desenvolvimento futuro de novos projetos ou atividades, estimuladas com os resultados encontrados na pesquisa. Para a instituição pesquisada, acreditamos que os resultados serão importantes aliados, tendo em vista que essa pesquisa vislumbra um olhar diferenciado e humanizado, valorizando a diversidade de experiências e talentos presentes nas comunidades periféricas, enfatizando a educação como forma de resistência e transformação social.

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Vagna Leila de Souza pelo telefone 88 996162203 e/ou pelo e-mail vagnaleila@gmail.com.

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/UNESC (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça

TCLE CEP/UNESC – versão 2018 | Página 2 de 3



Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE

presente, o CEP/UNESC revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/UNESC a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

ASSINATURAS	
Assinatura do Responsável	Assinatura do Pesquisador(a) Responsável
<hr/> Assinatura	<hr/> Assinatura Nome: _____ CPF: _____._____._____ - ____

Sobral-Ce, XX de XXXXXXXXX de 20XX.

CARTA DE ANUÊNCIA

Esclarecimentos

Esta é uma solicitação para realização da pesquisa intitulada EDUCAÇÃO NAS COMUNIDADES PERIFÉRICAS: POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, sob a responsabilidade da professora Responsável Dr(a). Ângela Cristina Di Palma Back e pela pesquisadora Vagna Leila de Souza, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. A pesquisa utilizará a seguinte metodologia: pesquisa de campo com abordagem qualitativa e coleta de dados, e tem como objetivo principal compreender em que medida as ações educativas, promovidas em uma biblioteca comunitária, contribuem para (re)significar a vida de crianças e adolescentes que dela fazem parte, necessitando portanto da concordância e autorização institucional para a realização da(s) etapa(s):

- 1- Observação ativa dos sujeitos;
- 2- Roda de conversa com atividade de arte e contação de história com as crianças;
- 3- Aplicação da entrevista semiestruturada com o educador social.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo, de acordo com a Resolução nº 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que tratam da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados tão somente para realização deste estudo.

Assinatura do(a) Pesquisador(a) Responsável

Vagna Leila de Souza, CPF 992381443 20

Nome e CPF do(a) pesquisador(a) responsável
(Mesmo nome inserido na Plataforma Brasil)

Consentimento

Por ter sido informado verbalmente e por escrito sobre os objetivos e metodologia desta pesquisa, concordo em autorizar a realização da mesma nesta Instituição que represento Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes Pontes entre Literatura e Território, localizada na rua Raimundo Alves, nº 604, Bairro Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior, Cep. 62030-610 e telefone (88) 9 9942-9846.

Esta Instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para realização das etapas supracitadas.

Esta autorização está condicionada à aprovação prévia da pesquisa acima citada por um Comitê de Ética em Pesquisa e ao cumprimento das determinações éticas da Resolução nº 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e suas complementares.

O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Sobral, 06/11/2023.

Assinatura do responsável pela instituição

 Documento assinado digitalmente
RAIANA VENANCIO DE SOUZA
Data: 06/11/2023 21:46:09 -0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Raiana Venâncio de Souza

CPF: 035.472.843-17



RESOLUÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UNESC, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/ Ministério da Saúde analisou o projeto abaixo:

Parecer nº: 6.563.452

CAAE: 75800823.0.0000.0119

Pesquisador(a) Responsável: VAGNA LEILA DE SOUZA

Título: EDUCAÇÃO NAS COMUNIDADES PERIFÉRICAS: POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

Este projeto foi aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos, de acordo com as Diretrizes e Normas Internacionais e Nacionais. Todas e qualquer alteração do Projeto deverá ser comunicada ao CEP. Os membros do CEP não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

Criciúma, 07 de dezembro de 2023.


Marco Antônio da Silva
Coordenador do CEP

Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC
Bloco Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | cetica@unesc.net | www.unesc.net/cep
Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.

ANEXOS

Roteiro da Entrevista com o Educador Social Blocos temáticos, questões e tópicos norteadores da entrevista

DADOS PESSOAIS

Idade;

Onde reside;

Formação (inicial e continuada);

Qual último livro lido;

Qual livro mais gostou;

Identidade racial/étnica;

Principais interesses, hábitos e gostos, o que gosta de fazer no tempo livre;

Principais características e habilidades que reconhece em si.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Principais experiências profissionais e trajetória formativa;

A decisão de vir a ser educador social, sobretudo neste local;

Ser educador social de crianças e adolescentes: desafios e potencialidades;

Experiência de atuação junto a jovens em situação de vulnerabilidade social e a contribuição de tais experiências.

PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DESENVOLVIDAS COM AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES

1. Sobre a rotina semanal das práticas desenvolvidas com a turma, quais as principais atividades, temas e conteúdos trabalhados e objetivos propostos?

2. Se o local é uma biblioteca, quais são as práticas que envolvem o objeto da biblioteca? Que livros? Que ações de leitura? Há projetos de ensino de leitura?

3. Que ações/projetos que o espaço compartilha com a escola?

4. Quais capacidades, atitudes, conhecimentos e valores que se espera desenvolver com a turma por meio das atividades propostas?

5. Como você descreve a relevância desse espaço socioeducativo e das práticas desenvolvidas, considerando sua localização em um contexto de vulnerabilidade social?

6. Quais contribuições e significados você reconhece (ou não) da participação nessas experiências para o futuro desses jovens?

Roteiro do Grupo Focal com as crianças

Tema: Educação, Identidade e (re)significar

Participantes: 10 crianças

Duração do encontro: 2h00

Material: Folhas de papel, canetas, tinta guache, pincel e lápis de cor.

Objetivos:

Proporcionar um momento de diálogo acerca das motivações a partir das quais as crianças frequentam o espaço socioeducativo; com vistas a acessar as formas como as crianças se apropriam da rotina no espaço socioeducativo, e como descrevem os modos de participação, de maneira a nos dar evidências quanto aos significados atribuídos às atividades de que participam.

Etapas:

Abertura: Apresentação da mediadora e da dinâmica do encontro.

Como ponto de partida para começarem a falar sobre o espaço que frequentam, a pesquisadora sugere uma breve apresentação dos participantes e um pequeno relato de como conheceram e passaram a frequentar o espaço?

1º momento: Diálogo sobre a rotina no espaço socioeducativo.

Questões norteadoras que guiarão a mediação da pesquisadora:

- Contem-me sobre a rotina de vocês, suas experiências, as principais atividades que realizam nesses espaços e os temas trabalhados?
- Como descreveriam esse espaço socioeducativo?

2º momento: Diálogo sobre os significados atribuídos às práticas de que participam no espaço socioeducativo.

Questões norteadoras que guiarão a mediação da pesquisadora:

- As atividades que realizam no espaço contribuem em que sentido? Ajudam nas atividades da escola, contribui na relação com familiares e amigos?
- Mudanças e Descobertas que fez sobre si mesmo e sobre os outros ao participar das atividades do espaço socioeducativo.
- Ao participar dessas atividades, vocês acham que aprenderam algo ou descobriram algo novo sobre vocês? O quê? O que essas experiências significam para vocês?

3º momento: Diálogo sobre como as crianças apropriam-se dessas práticas para (re)significar suas vidas.

Questões norteadoras que guiarão a mediação da pesquisadora:

- Escolham uma atividade realizada na sua turma que tenha marcado de forma especial. Descreva para mim que atividade é essa?

- Vocês acreditam que a participação nessa atividade mudou algo em vocês ou contribuiu para ampliar algum conhecimento/conquista? Qual a importância da participação de vocês nesse espaço?

- Sobre os livros: Falem-me o que gostam de ler? Quantos livros já leram? Com que frequência pegam livros para ler? Há alguém que os auxiliam quanto às leituras nesse espaço?

Encerramento: A pesquisadora fechará o encontro propondo com um momento de descontração a partir de duas atividades:

Atividade 1: Contação de História pelas crianças - Contar uma história a partir de uma obra que leu e gostou.

Atividade 2: Atividade de arte para exposição na Biblioteca - Com base na seguinte pergunta: Se você tivesse que contar a sua história para um adulto que não sabe quem é você, como se apresentaria, antes e depois de frequentar a Biblioteca Comunitária?

As crianças, que se sentirem à vontade, devem responder à pergunta com um desenho e uma frase que representem “EU ANTES” de frequentar esse espaço; um desenho e uma frase que represente o “EU DEPOIS” de frequentar esse espaço.

INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

Identificação do campo: _____

Quantidades de participantes: _____

Registro e Organização das Atividades

Data da observação	Descrição da atividade/Intervenção	Mediador	Ambientes e Recursos Utilizados

Assinatura da Pesquisadora: _____